



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

ADRIANO LIMA SACRAMENTO

**O MUNDO SOBRE O “CARRINHO”: RELAÇÕES SER HUMANO-MUNDO A
PARTIR DE VIVÊNCIAS DO SKATE**

São Cristóvão/SE

2016

ADRIANO LIMA SACRAMENTO

**O MUNDO SOBRE O “CARRINHO”: RELAÇÕES SER HUMANO-MUNDO A
PARTIR DE VIVÊNCIAS DO SKATE**

Monografia apresentada ao
Departamento de Educação Física da
Universidade Federal de Sergipe como
requisito para obtenção do grau de
licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Cae Rodrigues

São Cristóvão-SE

2016

**O MUNDO SOBRE O “CARRINHO”: RELAÇÕES SER HUMANO-MUNDO A
PARTIR DE VIVÊNCIAS DO SKATE**

ADRIANO LIMA SACRAMENTO

Monografia apresentada ao
Departamento de Educação Física da
Universidade Federal de Sergipe como
requisito para obtenção do grau de
licenciado em Educação Física.

Nota:

Data de apresentação: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cae Rodrigues
(Orientador)

Prof. Dr.
(Membro Convidado)

Prof. Dr.
(Membro Convidado)

SÃO CRISTÓVÃO

Dedico este trabalho a minha mãe e eterna rainha; a meu falecido pai, o qual agora pode considerar de onde estiver que todos os seus filhos alcançaram nível de formação superior; às energias incomensuráveis do universo que habitam nosso espaço-tempo e interagem com nossa força de vontade; ao skate, por tudo que me ensinou e a todos os skatistas; e todos aqueles que vivem numa perspectiva alternativa aos padrões sociais impostos.

AGRADECIMENTOS

Deixo meus mais sinceros agradecimentos à instituição UFS por todo o suporte prestado, nos mais diversos sentidos, de forma que fosse possível a minha progressiva evolução em seu âmbito. Agradeço de coração ao meu orientador, Prof. Dr. Cae Rodrigues, sem o qual o trabalho não tomaria tais proporções, pois me ajudou intensamente guiando conforme meus próprios passos. Agradeço a minha mãe por fazer com que fosse possível eu chegar até esse momento. Agradeço a todos os meus colegas de turma pelos momentos compartilhados, nesse ambiente que pude conhecer inúmeras pessoas as quais, mesmo não tendo relevância direta para o trabalho, participaram da minha vida paralelamente a ele e ganharam relevância pessoal. Sou muito grato por todo o incentivo recebido pelos meus próximos, que só fez eu me engajar cada vez mais em desenvolver meu tema, concluindo o trabalho com mais que êxito, mas uma sensação de autossatisfação e missão cumprida perante a minha tribo.

Quem tem boca fala o que quer,
só não pode ser mané;
Coração de vagabundo
bate na sola do pé!
Chorão, Charlie Brown Jr.

SKATE OR DIE

RESUMO

Este trabalho investiga o fenômeno skate em Aracaju, visto suas condições estruturais, climáticas e geográficas propícias à prática. O estudo busca identificar e analisar as relações construídas pelo skatista na natureza através de suas experiências com o skate, considerando que a prática originalmente é advinda das ruas. A coleta dos dados foi realizada com 4 indivíduos no Cara de Sapo Skatepark, na Orla de Atalaia, através do viés fenomenológico. O corpus foi constituído por um conjunto de métodos sequenciais: entrevistas com roteiro pré-estruturado; diálogo sobre as entrevistas, autodescrição em narrativa do sujeito participante; descrição do sujeito participante por terceiros; análise de perfis sociais do sujeito participante; narrativas do entrevistado sobre suas vivências na natureza; etnografias em movimento; glossário de expressões; diários de campo; e autonarrativas do pesquisador. A partir da análise desse corpus foram destacadas as unidades de sentido e emergiram 7 categorias para as enquadrar: Relação com meio ambiente/natureza; Relações com a brincadeira, jogo e esporte; Risco; aventura; radical; Benefícios e sensações positivas; Relação sentimental; Opção de lazer; Cultura e identidade. Analisando as categorias ficou evidenciado as dimensões que o skate toma na vida do skatista ativo, o qual acaba absorvendo inúmeros valores da própria relação espaço-temporal da prática, como humildade e persistência, que, ao serem incorporados ao estilo de vida, geram uma maneira própria de vivenciar o mundo a partir de uma percepção relacional dos elementos usuais da cidade, que se tornam obstáculos para mandar manobras.

Palavras-chave: Fenomenologia do corpo; Meio Ambiente; Esporte; Natureza; Cultura; Identidade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 MATERIAL E MÉTODOS.....	13
2.1 Metodologia.....	13
2.2 Procedimentos metodológicos.....	14
3 REVISÃO DE LITERATURA	21
3.1 A produção acadêmica sobre o Skate no Brasil	Erro! Indicador não definido.
3.2 O skate na perspectiva da motricidade humana.....	65
4 ANÁLISE DOS DADOS	70
4.1 Trocando ideia: análise das entrevistas com roteiro pré-definido/estruturado e dos diálogos sobre as respostas das entrevistas com os entrevistados	70
4.2 Quem é tu no rolê? Análise das autodescrições em narrativas dos próprios sujeitos, das descrições dos sujeitos por terceiros e dos perfis sociais.....	75
4.3 Na session: análise das narrativas dos entrevistados sobre suas vivências na natureza, das etnografias em movimento e do glossário de expressões	80
4.4 Tô dentro da sessão! Análise dos diários de campo e das auto narrativas	82
5 CONCLUSÕES	84
6 BIBLIOGRAFIA	85
APÊNDICE 1: Aprovação do comitê de ética.....	91
APÊNDICE 2: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	92
APÊNDICE 3: Entrevistas.....	93
APÊNDICE 4: Unidades de significado selecionadas a partir da análise das entrevistas.....	101
APÊNDICE 5: Relatórios de diálogos entre pesquisador e colaborador sobre as entrevistas	105
APÊNDICE 6: Autodescrições dos colaboradores em forma de narrativas livres.....	107
APÊNDICE 7: Descrição dos colaboradores por terceiros	109
APÊNDICE 8: Análises de perfis sociais dos colaboradores.....	112
APÊNDICE 9: Narrativas livres dos colaboradores sobre suas vivências na natureza.....	116
APÊNDICE 10: Narrativas livres das etnografias em movimento.....	119
APÊNDICE 11: Glossários de expressões	123
APÊNDICE 12: Diários de observação de campo do pesquisador	126
APÊNDICE 13: Autonarrativas do pesquisador sobre suas próprias vivências com o skate	130

1 INTRODUÇÃO

O skate é uma vivência da cultura corporal de movimento que surgiu nos anos 60 de uma necessidade de dar continuidade a experiências lúdicas de um determinado grupo, os surfistas, que em tempos de verões muito quentes e maré baixa com poucas ondas na Califórnia tiveram a ideia de utilizar pranchas semelhantes às que eram usadas no surf, porém em proporções menores e com rodinhas de patins embaixo, possibilitando simular o surf no asfalto. No início foi uma prática bastante marginalizada devido à forma que atuavam seus praticantes, tendo como espaços para a prática as ruas da cidade. Além disso, as rodinhas eram feitas de metal, o que não proporcionava muito atrito e o número de quedas devido a isso era grande, criando uma imagem negativa perante a sociedade, principalmente entre os pais que não permitiam que os filhos andassem devido a esses riscos.

Com o passar dos anos os skates começaram a ser fabricados por empresas, que também começaram a patrocinar atletas e foi esse o pontapé inicial para que a prática fosse popularizada no mundo todo, inclusive como esporte. O skate também sofreu diversas alterações em suas proporções. Antes no formato de mini pranchas de surf, ganhou uma inclinação no *tail* (parte traseira do skate) para que fosse dada mais estabilidade ao skatista, ao mesmo tempo em que foram se adicionando modalidades, entre elas o *downhill*, o *freestyle* (nome dado à modalidade que representa a prática mais popular do skate – o “skate de rua”), o *slalom* e o vertical. Interessante ressaltar o vertical que surgiu inicialmente dentro de piscinas vazias no fundo de propriedades as quais os skatistas invadiam – na maioria das vezes de forma ilegal - para poder ter acesso à prática. Com o tempo os praticantes foram criando rampas de madeiras para terem seus próprios espaços para a prática. Outra modalidade que surgiu e que inclusive hoje é a mais praticada em todo mundo é o *street*, modalidade essa que envolve manobras em rampas e ultrapassagem de obstáculos, utilizando os obstáculos também como meio para complementar manobras, como, por exemplo, saltar escadarias, escorregar sobre corrimões, subir em calçadas, etc.

No Brasil o skate se difundiu na época da Ditadura Militar, juntamente ao movimento punk, sendo utilizado como instrumento de expressão e rebeldia perante uma sociedade que era extremamente regradada. Atualmente vários brasileiros se encontram entre os melhores skatistas do mundo e a prática se difundiu em todos os

cantos do país, criando-se espaços para a prática e diversas competições, principalmente nos maiores estados. Inclusive é totalmente possível viver como um profissional do skate atualmente no país, onde existem 4 categorias, respectivamente: mirim (na qual só é permitido participar crianças), iniciante, amador e profissional.

Em Aracaju a prática do skate também se difundiu e inclusive a cidade é berço de vários profissionais reconhecidos mundo a fora. Também foram criados espaços específicos para a prática, como, por exemplo, o Skatepark do Bairro Industrial, sob a ponte Construtor João Alves, que faz a ligação entre Aracaju e Barra dos Coqueiros, espaço esse que ganha manutenção apenas por parte dos skatistas, ficando por suas contas os gastos e mão de obra. Foi criado também – dessa vez pelo governo – o Cara de Sapo Skatepark, que se situa na Orla de Atalaia e é o mais famoso local de prática da região, que leva esse nome em homenagem ao apelido de um skatista profissional local, Fabrizio Santos, além de ser referência em questão de área em todo o Nordeste e que, devido à localização numa região nobre da capital, serve também como atrativo para moradores da região e turistas que constantemente observam a prática do skate.

Além de tudo, o skate também proporciona o ingresso a todo um novo aparato de informações, modo de falar, gírias específicas próprias, que os skatistas usam tanto durante a comunicação, quanto pra caracterizar alguma ação da prática. Devido a ser uma vivência que tem como cenário principal os obstáculos oferecidos pela cidade, o skate também influencia diretamente a visão do indivíduo: bancos de praça, escadarias, corrimãos, antes itens tão comuns do cotidiano que chegavam a passar despercebidos, ganha evidência para o indivíduo devido à possibilidade de vivência do skate. Todos esses fatores contribuem para adicionar visões diferentes à percepção de mundo do skatista e entender a intensidade a qual se dá essa relação criada entre praticante e prática.

Pois é justamente com base nessas interações possíveis entre o skatista e seu ambiente que propomos o objetivo central desse estudo: compreender as formas como o ser humano se relaciona com o meio através da vivência do skate e como essas relações podem influenciar suas percepções sobre o mundo. Tal objetivo se justifica uma vez que compreendemos o skate como uma vivência que conquistou seu espaço mundialmente, especialmente, nas últimas cinco décadas. Nas grandes capitais do Brasil é disseminado de forma intensa e atualmente ganha imenso destaque em Aracaju, de onde já saíram, inclusive, profissionais reconhecidos mundialmente, por exemplo, Adelmo Jr. Aracaju é

uma cidade quase toda plana, de clima quente praticamente o ano inteiro, tornando-se propícias às vivências do skate.

A cidade também conta com uma boa estrutura para a prática. A orla da Atalaia, região com boa estrutura de equipamentos de lazer, possui um Skatepark, além da ampliação e aprimoramento do espaço que há no Bairro Industrial, abaixo da Ponte Construtor João Alves. Assim, a cidade é um ponto de interesse para estudiosos que querem fazer pesquisas sobre o skate, estudos esses justificados ainda pelos seguintes pontos: a) há um bom tempo já são reconhecidos os benefícios da prática regular da atividade física; o skate é uma alternativa para a essa prática, especialmente em uma cidade como Aracaju pelos pontos já destacados (clima, geografia, estrutura); b) importância de se conhecer as maneiras como práticas corporais e sociais influenciam em nossas construções perceptivas sobre o mundo; c) a possibilidade de se levantar indicadores que possam auxiliar na implementação de políticas públicas em prol do esporte.

O primeiro capítulo da revisão de literatura foi feito através de um levantamento online em revistas de Educação Física para analisar como as produções acadêmicas no Brasil vêm abordando a temática “skate”. No segundo capítulo abordamos o skate a partir de um olhar que tem como base para a discussão a motricidade humana, identificando como a relação criada entre seres humanos e o meio (ambiente) influencia em elementos do cotidiano e como as vivências e as relações de aproximação entre os praticantes são importantes na criação de um universo de significados característicos daquela prática.

O próximo passo foi analisar os dados coletados com os indivíduos skatistas a partir de uma série de instrumentos metodológicos. A partir da análise das entrevistas com roteiro pré-definido e dos diálogos sobre as respostas das entrevistas foram levantadas categorias nas quais foram enquadradas as unidades de significado retiradas dos textos, identificando elementos semelhantes que são significativos entre as diferentes respostas considerando nossa questão de pesquisa. Com a análise de autodescrições em narrativas dos próprios sujeitos, das descrições dos sujeitos por terceiros e dos perfis sociais foi possível construir “perfis” dos sujeitos, pelos quais fora possível identificar elementos discriminadamente construídos na identidade do indivíduo pela relação da prática com o skate. Na análise das narrativas dos entrevistados sobre suas vivências na natureza, das etnografias em movimento e do glossário de expressões foram identificados diferentes contextos em que diversos

aspectos da prática do skate acontecem, o que elas propiciam e como é construída uma nova linguagem através de termos criados pelos skatistas, como gíria ou como designação de ações técnicas.

Fica perceptível uma gama de elementos que, à primeira vista, talvez não sejam notados, mas que conforme nos envolvemos no mundo do skate – principalmente como praticante, mas também como observador – são percebidas como significados de grande relevância para a prática e para o sujeito que se transforma pela prática, revelando uma simbiose da prática e do sujeito que transpira em seu próprio jeito de ser, no estilo que opta em como vai andar, como também as perspectivas de como os ambientes são vistos e o que representam na óptica do skate e do skatista.

2 MATERIAL E MÉTODOS

2.1 Metodologia

Apesar de podermos caracterizar os métodos utilizados nessa pesquisa como uma metodologia mista, a presente pesquisa tem inspiração principal na fenomenologia, em específico no método Fenômeno Situado. Esse método surgiu por volta do início do século XX na Alemanha, visando atingir além da obtenção dos dados, a essência do fenômeno. A fenomenologia proposta por Husserl não visava o desenvolvimento de um método para realização de pesquisas empíricas, pretendia fornecer os meios para a evolução da chamada base racional das ciências positivistas, formada por as ciências eidéticas (ou ciência das essências).

A pesquisa fenomenológica, ao propor “*ir à coisa mesma*”, alude àqueles que experienciam a coisa e podem falar sobre ela, permitindo-se assim que, na variação eidética (do grego *eidos*, que significa essência), capte-se na perspectividade um sentido que permita alcançar na coisa uma essência (RODRIGUES e col., 2010, p.83).

Nessa modalidade metodológica estrutural do Fenômeno Situado, o pesquisador em si não precisa se basear em pressupostos ou concepções da natureza do fenômeno investigado, como tipicamente se faz nas Ciências Naturais. A única questão que se faz necessária é buscar as descrições das experiências dos sujeitos envolvidos no fenômeno de forma que se possa mostrar a essência desse fenômeno diante dos olhos dos sujeitos participantes, buscando levar ao leitor a possibilidade de compreender como os sujeitos que participam (desse modo, constroem) o fenômeno o vivenciam como experiência ontológica (experiência do próprio ser enquanto está-sendo).

O Fenômeno Situado possui três momentos: as descrições ou os relatos; a redução; e a interpretação fenomenológica distribuída entre a análise ideográfica e a nomotética. A descrição (ou os relatos) retrata e expressa a experiência consciente do sujeito sintetizada por unidades de sentido. Após o recolhimento das descrições, iniciam-se os momentos de análise ideográfica e nomotética. A primeira procura tornar visível a ideologia que se encontra presente na descrição ingênua dos sujeitos sobre o

fenômeno. O pesquisador procura por as chamadas unidades de significado, que são como palavras chave vinculadas à temática de sua questão de pesquisa e podem ser encontradas nessas descrições, identificando-as após várias leituras de cada uma das descrições. Após isso, faz-se a transcrição das mesmas para a linguagem do pesquisador. Articulando as compreensões resultantes dessa seleção das unidades de significado, o pesquisador elabora seu agrupamento. Esse agrupamento é utilizado para a análise nomotética, que é a análise das divergências e convergências expressadas nas unidades de significado e influenciadas pela interpretação do pesquisador. O resultado dessa análise serão categorias analíticas que permitiram certo desvelar do fenômeno a partir do olhar interpretativo do pesquisador sobre as vivências relatadas pelos indivíduos que experienciam o fenômeno (RODRIGUES e col., 2010).

Essa inspiração metodológica baseada no método Fenômeno Situado levou os pesquisadores a campo a partir de uma série de métodos diferentes, contextualizando-se, assim, uma estrutura de métodos mistos. No entanto, a intencionalidade fenomenológica de *ir à coisa mesma* esteve presente sempre, buscando desvelar o fenômeno a partir da experiência ontológica de quem o vivencia e dando a oportunidade para que os sujeitos do fenômeno expressassem suas vivências a partir de uma boa diversidade de representações.

2.2 Procedimentos metodológicos

A coleta dos dados foi realizada no Cara de Sapo Skatepark, na Orla de Atalaia em Aracaju – Sergipe. O *corpus* (conjunto de descrições que foram analisadas na pesquisa) foi constituído por um conjunto de métodos sequenciais que serão descritos em detalhes a seguir. Esse conjunto de métodos foi desenvolvido pelo Professor Cae Rodrigues como procedimento metodológico para coleta de dados no projeto de pesquisa “A ecomotricidade no estado de Sergipe”, vinculado ao Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe (RODRIGUES; ALBUQUERQUE, 2017).

Entrevistas com roteiro pré-definido/estruturado

Descrição: entrevista inicial a partir de roteiro pré-definido/estruturado com quatro indivíduos com vivências regulares com o skate, caracterizada por mais de dois anos de

vivências com frequência mínima de duas vezes por semana. A entrevista começou com o pesquisador citando o nome do entrevistado para registro, seguido da pergunta inicial, elaborada para breve caracterização de perfil do entrevistado. Os questionamentos seguintes foram realizados de modo sequencial, uma a uma, sem que o entrevistado tivesse conhecimento das próximas perguntas. Nos casos em que o entrevistado não entendeu a questão, realizou-se nova tentativa de leitura da pergunta de forma clara e pausada. Se o entrevistado continuou com dificuldade de entendimento da questão, o entrevistador explicou em suas próprias palavras, sem que se modificasse o teor da pergunta.

De modo geral, as perguntas foram elaboradas buscando percepções sobre três pontos principais, todos alinhados com os objetivos da presente pesquisa: a (construção) estética da experiência; a construção de relações entre a experiência e a vida cotidiana; a personalidade do indivíduo envolvido com a experiência.

Método de coleta dos dados: a entrevista foi filmada, após consentimento do entrevistado (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Posteriormente, foi realizada a transcrição das entrevistas em forma de texto. As entrevistas foram transcritas na íntegra trazendo a representação completa do entrevistado, como se recomenda no método Fenômeno Situado (RODRIGUES e col., 2010).

Instrumento de coleta: roteiro estruturado para a entrevista. As perguntas foram elaboradas de forma aberta, possibilitando o discurso ingênuo (autêntico) dos indivíduos, novamente como se recomenda no método Fenômeno Situado (RODRIGUES e col., 2010).

Pergunta inicial (perfil):

Vou iniciar pedindo para que faça uma breve descrição de você mesmo. Então minha pergunta é: quem é (nome do entrevistado)?

Questões:

1. Fale sobre o skate.
2. Como é a sua relação com o skate?
3. Você observa outras pessoas se relacionando de alguma outra maneira com o skate, diferente de como você descreve sua relação? [Quando a resposta é apenas “sim”, pergunta-se: como são essas diferentes maneiras que outras pessoas se relacionam com o skate?]

4. Conte uma história que aconteceu com você em suas experiências com o skate e que lhe marcou de alguma maneira específica. [Quando há necessidade de maior elaboração da questão: Um acontecimento que lhe deixou com medo, ou em paz, ou triste, ou tranquilo, ou com nojo, ou feliz...].
5. Descreva um sonho que você tem em relação ao skate.
6. O que você traz do seu dia a dia para o skate?
7. O que você leva do skate para seu dia a dia?
8. Há muitas possibilidades de atividades fora de casa. Por que escolheu o skate?
9. Pare por alguns segundos e pense como se sente enquanto está andando de skate e tente colocar essa sensação em palavras (assegurando que entrevistado pare um pouco e resgate memória da experiência).

Validação dos resultados: a validação da entrevista será realizada no segundo método proposto para coleta de dados (a saber: ‘diálogo sobre respostas da entrevista com o entrevistado’).

Diálogo sobre respostas da entrevista com o entrevistado

Descrição: pesquisador assistiu ao vídeo da entrevista junto com o entrevistado (logo após a entrevista ou em outro momento), dialogando sobre respostas: algo que entrevistado tenha falado e que gostaria de complementar ou retirar da entrevista; dúvidas que pesquisador tem em relação a alguma resposta ou que entrevistado ficou em relação a alguma pergunta; algo que entrevistado queira falar que não tenha sido abordado pela entrevista.

Método de coleta dos dados: anotações do diálogo pelo pesquisador em diário de campo. Para que o diálogo flua melhor o pesquisador realiza anotações pontuais, por vezes até mesmo por palavras-chave. Posteriormente, o pesquisador amplia o diário de campo a partir das anotações pontuais e palavras-chave, elaborando um texto corrido; esse processo é realizado logo que possível após a coleta, potencializando a memória do encontro, como se recomenda no método Fenômeno Situado (RODRIGUES e col., 2010).

Instrumento de coleta: instrumentos para reprodução do vídeo com entrevista gravada; bloco de notas e caneta para diário de campo.

Validação dos resultados: após elaboração final do diário de campo o material é enviado para o entrevistado para que ele possa realizar possíveis alterações ou complementações.

Autodescrição em narrativa do sujeito participante

Descrição: foi solicitado ao sujeito participante que faça uma descrição sobre si mesmo em forma de narrativa, sendo a pergunta orientadora “quem é (nome do sujeito participante)?”. O sujeito participante foi informado de que a linguagem para essa narrativa é livre, podendo usar recursos como poesia, desenhos, fotografias, vídeos ou qualquer outra forma de expressão que julgue pertinente para essa descrição.

Método de coleta dos dados: narrativa elaborada por próprio entrevistado.

Instrumento de coleta: narrativa elaborada por próprio entrevistado.

Validação dos resultados: narrativa elaborada por próprio entrevistado.

Descrição do sujeito participante por terceiros

Descrição: foi solicitada ao sujeito participante a indicação de três nomes de pessoas próximas a ele (amigos ou familiares), especialmente aquelas com quais tem mais convivência. O pesquisador entrou em contato com essas pessoas pedindo que fizessem uma descrição do sujeito participante, sendo a pergunta orientadora “quem é (nome do sujeito participante)?”.

Método de coleta dos dados: os participantes foram informados de que as descrições deveriam ser feitas em forma de texto e, posteriormente, entregues diretamente ao pesquisador. O contato com as pessoas indicadas foi realizado a distância (E-mail; Whatsapp; Facebook) ou presencialmente (de acordo com a disponibilidade do participante).

Instrumento de coleta: papel e caneta se contato for presencial. Instrumentos de comunicação on-line (E-mail; Whatsapp; Facebook) se contato for à distância.

Validação dos resultados: texto elaborado por próprio entrevistado.

Análise de perfis sociais do sujeito participante

Descrição: análise de contas em perfis sociais do sujeito participante, a saber: a) Facebook; b) Instagram. No Facebook foram analisadas, especificamente: a) linha do tempo (postagens e compartilhamentos do sujeito participante; b) fotos (postadas pelo sujeito participante e fotos de capa). Pergunta orientadora da análise: *qual imagem indivíduo quer construir de si em seus perfis sociais?* As fotos e postagens foram enquadradas nas seguintes categorias: a) relações sociais (amigos e família); b) viagem; c) trabalho; d) arte; e) política (exceto ambiental, que é marcada na categoria [f]); f) meio ambiente e vivências na natureza (com marcação específica a elementos relacionados ao skate); g) outras (definir subcategorias de acordo com o necessário diante da análise, por exemplo: outras-saúde; outras-lazer; etc.).

Método de coleta dos dados: preenchimento quantitativo em tabelas com categorias pré-definidas. Foram elaboradas três tabelas: a) Fotos Facebook; b) Postagens Facebook; c) Instagram. A análise foi realizada juntamente com o sujeito participante para que houvesse melhor orientação para a categorização dos elementos analisados. Foram analisados, no mínimo, 30 elementos em cada tabela (ao menos que não haja esse número de elementos nos perfis analisados).

Instrumento de coleta: tabelas com categorias pré-definidas.

(Tabela ilustrativa)

FACEBOOK (FOTOS)	
<i>Categorias</i>	<i>Incidências</i>
Relações sociais	6
Viagem	4
Trabalho	7

Arte	13
Política	2
Meio ambiente e vivências na natureza	12 (15)*
Outras	Saúde (3); Lazer (1)

* Número entre parênteses representa elementos relacionados ao skate. No exemplo, o número 12 representa todos os elementos relacionados à categoria “meio ambiente e vivências na natureza”, exceto os relacionados diretamente com o skate; o número 15 representa apenas os elementos relacionados diretamente ao skate.

Validação dos resultados: os resultados foram construídos com colaboração dos sujeitos participantes.

Narrativas do entrevistado sobre suas vivências na natureza

Descrição: sujeito participante descreve, em narrativas livres, suas experiências na natureza. O sujeito participante foi informado de que a linguagem para essa narrativa é livre, podendo usar de recursos como poesia, desenhos, fotografias, vídeos ou qualquer outra forma de expressão que julgue pertinente para a descrição dessa realidade.

Método de coleta dos dados: narrativa elaborada por próprio entrevistado.

Instrumento de coleta: narrativa elaborada por próprio entrevistado.

Validação dos resultados: narrativa elaborada por próprio entrevistado.

Etnografias em movimento

Descrição: observações diretas durante vivências de skate compartilhadas com sujeitos participantes. Posteriormente, o pesquisador elabora narrativas descritivas da experiência. A linguagem para essa narrativa é livre, podendo ser usados recursos como poesia, desenhos, fotografias, vídeos ou qualquer outra forma de expressão que julgue pertinente para a descrição da experiência.

Método de coleta dos dados: anotações pelo pesquisador (sempre que possível) em diário de campo durante vivência. O pesquisador realiza anotações pontuais, por vezes até mesmo por palavras-chave. Posteriormente, pesquisador usa anotações pontuais e palavras-chave do diário de campo para elaborar uma narrativa sobre a experiência (descritiva, porém sem restrições linguísticas); esse processo é realizado logo que possível após a coleta, potencializando a memória da vivência.

Instrumento de coleta: bloco de notas e caneta para diário de campo.

Validação dos resultados: autonarrativa.

Glossário de expressões

Descrição: elaboração, em diálogo com sujeitos participantes, de glossário com as expressões utilizadas no universo específico do skate.

Método de coleta dos dados: inicialmente, elaborou-se glossário em diálogo com sujeito participante. De forma contínua, durante os procedimentos de coleta de dados da pesquisa, sempre que apareceu uma nova expressão o pesquisador perguntou seu significado e o inseriu no glossário.

Instrumento de coleta: bloco de notas e caneta ou instrumento para elaboração de texto digital para elaboração do glossário.

Validação dos resultados: os resultados foram construídos com colaboração dos sujeitos participantes.

Além dos métodos descritos acima, outros dois procedimentos foram realizados para a construção do *corpus*:

a) Diários de campo com 4 indivíduos, através de observações do pesquisador sobre vivências no Cara de Sapo Skatepark por um determinado período (entre 30 a 60 minutos), sendo esse local escolhido por ser um espaço compartilhado de vivências de skate no qual há certa regularidade de vivências;

b) Autonarrativas do pesquisador sobre suas próprias vivências com o skate, uma vez que o pesquisador se encaixa na caracterização de indivíduo com frequência regulares de skate descrita anteriormente. No total, foram elaboradas três autonarrativas.

Depois de reunido o conjunto de descrições, os dados foram submetidos à análise interpretativa inspirada no método Fenômeno Situado.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 A produção acadêmica sobre o Skate no Brasil

Buscando uma base de comparação com os dados coletados nessa pesquisa, a primeira parte da revisão de literatura foi realizada a partir de uma análise bibliométrica do termo “skate” em produções acadêmicas. A bibliometria foi realizada em duas etapas: a primeira com ênfase descritiva-quantitativa; e a segunda com ênfase interpretativa-qualitativa. Para tanto, a palavra-chave “skate” foi referência para buscas em periódicos da área de Educação Física e em ferramentas de busca, a saber, o *Google* e o *Google Scholar* (Google Acadêmico).

A pesquisa resultou num corpus de 30 textos que foram, inicialmente, tabulados no Excel (ênfase descritiva-quantitativa) a partir dos seguintes dados: título; lugar de publicação; autores; ano de publicação; resumo; fonte utilizada para encontrar o artigo (busca na própria revista; *Google*; ou *Google Scholar*). Após a leitura dos 30 textos, foram levantadas 5 categorias (ênfase interpretativa-qualitativa) que agrupam as principais perspectivas a partir das quais o tema “skate” foi abordado nas produções analisadas, a saber: Cultura e identidade; Esporte; Perspectivas pedagógicas; Produção acadêmica; e Relação com o meio.

Após esse processo de categorização, as respectivas categorias de referência para cada texto também foram adicionadas à tabela no Excel. Nos parágrafos seguintes, serão apresentadas ambas as ênfases dessa análise bibliométrica, primeiro a descritiva-quantitativa (a partir da apresentação dos dados descritivos) e, posteriormente, a interpretativa-qualitativa (a partir da descrição das 5 categorias).

TEXTO 1

Título: A esportivização do skate (1960-1990): relações entre o macro e o micro.

Lugar de publicação: Revista Brasileira de Ciências do Esporte.

Autores: Tony Honorato.

Ano: 2013.

Resumo: O objetivo deste estudo foi apresentar elementos da esportivização da prática cultural skate (1960-1990), como conhecimento para o entendimento da relação entre o micro e o macro processo sócio-histórico do skate. Como fonte de pesquisa histórica para a esportivização do skate no Brasil, dimensão macro, utilizamos a Revista Tribo Skate e para a de Piracicaba/SP, dimensão micro, entrevistamos dois colaboradores a partir do método da história oral. Os resultados evidenciaram que o skate surgiu para gerar fortes tensões agradáveis, suas formas de lazer precedem as formas esportivas e, guardadas as particularidades, os seus processos macro e micro-históricos são interdependentes.

Fonte: Revista Brasileira de Ciências do Esporte.

Categorização: Esporte.

TEXTO 2

Título: Skate e mulheres no Brasil: fragmentos de um esporte em construção.

Lugar de publicação: Revista Brasileira de Ciências do Esporte.

Autores: Márcia Luiza Machado Figueira; Silvana Vilodre Goellner.

Ano: 2009.

Resumo: Considerando que o skate é representado como uma prática culturalmente associada ao masculino, esta pesquisa analisa a pouca visibilidade conferida, no Brasil, às mulheres que dele participam. Para tanto, fundamenta-se em vertentes dos estudos de gênero e culturais pós-estruturalistas para discutir como os discursos que circulam na mídia brasileira sobre o do skate produzem aquilo que nomeiam ou que deixam de mencionar. Foram analisados documentos de diferentes naturezas os quais possibilitaram identificar que o skate é atravessado por relações de poder, promovendo vivências, oportunidades e sociabilidades distintas para homens e mulheres, sendo que para elas, diferente do que para eles, esse parece ser ainda um esporte em construção.

Fonte: Revista Brasileira de Ciências do Esporte.

Categorização: Cultura e identidade.

TEXTO 3

Título: Gosto musical e hexis corporal: a questão do estilo na prática do skate de rua em Ponta Grossa-PR.

Lugar de publicação: Revista Motrivivência.

Autores: Adriano Albuquerque Barreto; Solange Moraes Barros; Constantino Ribeiro Oliveira Junior.

Ano: 2017.

Resumo: Nosso trabalho é uma análise da estética musical incorporada por um grupo de skatistas e sua relação com o estilo de skate desenvolvido pelos praticantes. A hexis corporal na prática do skate de rua, em nosso espaço de investigação, se mostrou associada com o gosto musical do grupo em questão. Deste modo, nosso propósito foi evidenciar essas referências musicais e seu impacto na formação do estilo do skate praticado. Nossa experiência antropológica com os skatistas e o referencial teórico inspirado pela leitura dos trabalhos de Bourdieu sobre estética musical e a hexis corporal foram nossas fontes de pesquisa. Partindo de uma breve história da skatemusic e da exposição dos skatistas sobre a influência do estilo musical no estilo da prática do skate, exploramos o habitus destes enquanto interdependências dos grupos e parte de um charme ou carisma na conformação dos skaters.

Fonte: Revista Motrivivência.

Categorização: Cultura e identidade.

TEXTO 4

Título: Jovens praticantes de skate e seu cotidiano.

Lugar de publicação: Revista Motrivivência.

Autores: Marcelo Rampazzo; Marco Paulo Stigger.

Ano: 2016.

Resumo: Nessa pesquisa, focamos os jovens e seu cotidiano, trazendo elementos que discutem o lazer, família, educação e trabalho. Pesquisa realizada com um grupo de jovens skatistas, numa pista pública de skate na cidade de Porto Alegre - RS. Foram ao todo nove meses de observação direta, cada qual relatada em Diários de Campo. Procuramos compreender como o lazer dos jovens que se dava pela prática do skate, se relacionava como outros aspectos de seu cotidiano. Após concluir o trabalho, consideramos que - para se manter na prática do skate - os jovens necessitam conciliar as cobranças de suas famílias, além das rotulações e estereótipos impostas de fora do universo de praticantes desse esporte. Percebemos, ainda, que os jovens passam por tudo isso com o propósito de manter seus “projetos” no skate.

Fonte: Revista Motrivivência.

Categorização: Cultura e identidade.

TEXTO 5

Título: O Skate e suas possibilidades educacionais.

Lugar de publicação: Motriz: Revista de Educação Física.

Autores: Igor Armbrust; Flávio Antônio Ascânio Lauro.

Ano: 2010.

Resumo: Os esportes radicais têm sido objetos de discussões, devido ao interesse de aplicabilidade de seus conteúdos relacionados ao lazer, ao esporte e a educação. Todavia, ainda há certo despreparo profissional para empreender essas atividades, o que dificulta implantar tais práticas nos âmbitos educacionais. Este estudo, de natureza qualitativa, teve como objetivo apresentar uma proposta metodológica para organização de um curso de extensão universitária para graduandos e professores de educação física, com a finalidade de promover reflexões sobre os processos de iniciação à prática do skate atrelados ao esporte educacional. O estudo constou de pesquisa bibliográfica, apoiada em levantamentos de artigos, teses, dissertações, livros e sites, em que se relacionavam a prática do skate e sua ação educativa. Além disso, houve uma proposição de implementar uma proposta metodológica, no sentido de complementar os elementos da cultura corporal a ser vivenciada em âmbito escolar e efetivamente contribuir no processo de desenvolvimento do ser humano nos aspectos biológico, psicológico, social e cultural.

Fonte: Revista Motriz.

Categorização: Perspectivas pedagógicas.

TEXTO 6

Título: “O segredo do sucesso”: apontamentos sobre a trajetória social de skatistas profissionais.

Lugar de publicação: Revista Movimento.

Autores: Billy Graeff; Marco Paulo Stigger.

Ano: 2009.

Resumo: Este artigo aponta, a partir de casos concretos, elementos acerca da trajetória social de skatistas que lograram estar no sub - universo dos patrocínios. Em se tratando de skate, isso significa praticamente a única possibilidade de profissionalização. São considerados detalhes da constituição e do funcionamento do campo do skate em sua

totalidade e da vida dos informantes, de seu caminho para incorporar disposições e capitais válidos no contexto do skate. Os dados utilizados são provenientes de técnicas de pesquisa como a entrevista semi-estruturada, a observação participante e a coleta de documentos.

Fonte: Revista Movimento.

Categorização: Esporte.

TEXTO 7

Título: Skatistas “correndo pelo certo”: normalização e produção de subjetividades na contemporaneidade.

Lugar de publicação: Revista Movimento.

Autores: Juliana Cotting Teixeira; Méri Rosane Santos da Silva.

Ano: 2017.

Resumo: Este estudo visou analisar parte dos processos de produção das subjetividades skatistas nas suas relações com determinadas normas sociais em jogo na contemporaneidade, especificamente, através de uma vontade de inclusão de indivíduos e grupos sociais posicionados como anormais. A cartografia social foi usada como referencial teórico-metodológico e o material empírico baseou-se em falas de entrevistas ao rádio e à TV, conversas informais, cartazes de eventos, fotos retiradas de redes sociais no modo público e registros de Diário de Rua. Analisamos vetores de normalização sobre os skatistas articulados a determinadas normas sociais, através de ações e falas moralmente reconhecidas como “do bem”, com vistas a atribuir traços de legitimidade e normalidade estratégicos no jogo incessante das relações de poder e da condução de si mesmos.

Fonte: Revista Movimento.

Categorização: Cultura e identidade.

TEXTO 8

Título: A introdução dos esportes californianos no Brasil: apontamentos para o início de uma discussão.

Lugar de publicação: Fronteiras: Revista de História.

Autores: Leonardo Brandão.

Ano: 2009.

Resumo: Há na contemporaneidade uma grande adesão de jovens aos chamados esportes californianos ou radicais, sendo que, em meio às práticas que configuram estes novos esportes, o skate desponta por possuir, no caso do Brasil, mais de três milhões de praticantes segundo dados do IBGE. Este artigo, ciente do ineditismo que tal tema representa para a maioria dos historiadores do contemporâneo, busca construir articulações históricas que permitam o início de uma aproximação entre eles e estes novos domínios temáticos, enfatizando, todavia, a introdução do skate no Brasil e o surgimento das primeiras revistas destinadas a um público jovem e “radical”.

Fonte: Google Scholar.

Categorização: Esporte.

TEXTO 9

Título: Análise etnográfica da circulação de skatistas brasileiros para a cidade de Barcelona.

Lugar de publicação: Anais V REA - XIV ABANNE.

Autores: Giancarlo Marques Carraro Machado.

Ano: 2015.

Resumo: A realização dos jogos olímpicos de Barcelona, no ano de 1992, fez com que a paisagem urbana dessa cidade sofresse consideráveis mudanças. Tal como atesta alguns autores (Delgado, 2000; Camino, 2008), ao visar o megaevento que ocorrera e às múltiplas demandas políticas e econômicas impostas, diversos agentes ligados ao poder público local defenderam a ideia de que as áreas degradadas de Barcelona, em especial as de seu centro histórico, deveriam ser reformuladas seguindo tendências arquitetônicas que trouxessem imagens vanguardistas à cidade. Embora as políticas urbanas implantadas seguissem as lógicas econômicas em jogo, ao menos alguns cidadãos se beneficiaram das transformações concretizadas: os skatistas. Devido ao fechamento e a má conservação das poucas pistas de skate existentes na cidade até o começo da década de 1990, muitos skatistas encontraram nos espaços públicos certos equipamentos que se tornavam obstáculos propícios para a realização de suas manobras. Em virtude de uma série de representações positivas criadas em torno de Barcelona – a “Meca do Skate”, segundo um jornal – skatistas brasileiros têm se esforçado para ir até lá. O presente paper pretende apresentar certos aspectos que permeiam as redes de relações tecidas entre skatistas, as quais se expandem entre São Paulo e Barcelona. Ao acompanhá-las, vislumbra-se realizar menos uma comparação entre a prática do skate

feita em tais cidades, mas traçar uma conexão etnográfica entre esses diferentes espaços. Desse modo, intenta-se evidenciar distintos recortes inseridos no circuito skatista, sendo este não definido a priori, mas construído a partir de espaços, discursos, práticas e representações heterogêneas.

Fonte: Google Scholar.

Categorização: Relação com o meio.

TEXTO 10

Título: Relações de poder entre skatistas e escola.

Lugar de publicação: Anais XII Simpósio Internacional Processo Civilizador.

Autores: Tony Honorato.

Ano: 2009.

Resumo: Este artigo é uma síntese da dissertação de mestrado intitulada: “A tribo skatista e a instituição escolar – o poder escolar em uma perspectiva sociológica”. Objetivou responder duas questões principais: a) Com quem estaria o poder na relação entre skatista e instituição escolar?; b) Qual a percepção de poder na escola pela ótica do skatista, que colabora com a constituição da configuração escolar? Esta é uma pesquisa empírica com aproximações do enfoque sociológico configuracional. Como documentos, foram utilizados revistas especializadas e discursos dos skatistas da cidade de Piracicaba/SP, coletados pelo uso da técnica de entrevista semi-estruturada. Na análise dos documentos pesquisados encontramos elementos empíricos e teóricos que colaboraram para a leitura do fenômeno poder escolar como algo relacional, dinâmico e sempre em (re)equilíbrio, de acordo com as movimentações das interdependências funcionais, instituindo uma configuração escolar.

Fonte: Google Scholar.

Categorização: Perspectivas pedagógicas.

TEXTO 11

Título: O skate como prática corporal e as relações de identidade na cultura juvenil.

Lugar de publicação: Revista Iberoamericana de Educación.

Autores: Emerson Lúís Velozo; Jocimar Daolio.

Ano: 2013.

Resumo: Este artigo se propõe analisar o skate como uma prática corporal vinculada à cultura juvenil, portadora de significados específicos, de acordo com os diferentes

grupos sociais e, ao mesmo tempo, refletir sobre as possibilidades de abordá-lo como uma manifestação da cultura corporal, perspectiva que escapa às iniciativas pedagógicas das instituições escolares. Ao mesmo tempo em que o skate constitui-se como uma prática portadora de importantes significados para os grupos de praticantes, ocupando uma posição central para estes atores sociais, por outros grupos ele é visto de maneira marginalizada. Isso poderá ser observado tanto a partir dos elementos que dotam esta prática de significados «positivos» para os seus adeptos, como pelas características às quais outros grupos atribuem um sentido «negativo». A descrição que será apresentada conta com observações das práticas de um grupo de skatistas e com os relatos de um dos participantes do grupo, aqui caracterizado como nosso informante, um jovem estudante de uma escola de ensino primário e secundário localizada em Lisboa, Portugal.

Fonte: Google Scholar.

Categorização: Cultura e identidade.

TEXTO 12

Título: Dilemas em torno da prática do street skate em São Paulo.

Lugar de publicação: Revista Digital Esporte e Sociedade.

Autores: Giancarlo Marques Carraro Machado.

Ano: 2012.

Resumo: Entre as várias modalidades que fazem parte do skate, uma delas sempre foi alvo de polêmicas: trata-se do street skate, ou seja, a prática do skate nas ruas. Este artigo parte da análise dos múltiplos sentidos atribuídos à prática dessa modalidade em São Paulo. Por meio da etnografia realizada pretende-se evidenciar não só aspectos em torno do exercício de uma prática esportiva, mas, sobretudo, as implicações em virtude dos usos e apropriações dos espaços urbanos por parte de certos cidadãos. Ademais, objetiva-se demonstrar as mediações políticas que possibilitaram a construção de uma pista de skate em uma região considerada nobre, bem como as formas de sociabilidade constituídas em espaços que, a princípio, foram construídos não levando em conta a prática do skate.

Fonte: Google Scholar.

Categorização: Relação com o meio.

TEXTO 13

Título: Exercícios de memórias: A prática do skate na cidade de Rio Grande/RS.

Lugar de publicação: Anais XVIII CONBRACE.

Autores: Gustavo da Silva Freitas; Juliana Cotting Teixeira.

Ano: 2013.

Resumo: Esse estudo compõe os investimentos de pesquisa do projeto “Exercícios de memória: as práticas esportivas na cidade de Rio Grande/RS”, situado na Universidade Federal do Rio Grande/FURG. As inquietações deste trabalho partem de um diagnóstico da produção acadêmica e cultural sobre skate, identificadas como um mimetismo narrativo no que tange a trajetória histórico-cultural dessa prática. Assim, viso construir parte das memórias do skate a partir de outras narrativas, fruto das experiências de skatistas dessa localidade. A história oral, postura metodológica, tem possibilitado construir indícios sobre modos de andar de skate em Rio Grande, em que grupos se constituem em meio a processos de ordenamento do espaço público e de esportivização dessa prática.

Fonte: Google Scholar.

Categorização: Produção acadêmica.

TEXTO 14

Título: Lazer sobre rodas no cartão postal: identidades e socialização no Skatepark em Aracaju/SE.

Lugar de publicação: Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.

Autores: Paula Aragão.

Ano: 2013.

Resumo: Esta pesquisa teve como objetivo compreender como as experiências de lazer de skatistas frequentadores do Skatepark Cara de Sapo, espaço do complexo de esportes radicais da Orla de Atalaia em Aracaju/SE, configuram-se como oportunidade à construção de sua identidade cultural e a sua socialização. A condução do estudo transita por aspectos socioculturais e históricos, levando em consideração a discussão da importância e o significado do espaço urbano nesta conjuntura e as divergências que apontam para a formação de um grupo social, o qual se reconfigura a partir das transformações sociais da contemporaneidade. Eleger esse grupo de skatistas como sujeitos da pesquisa revela-se uma abertura a possibilidades de compreensão acerca de um dos estilos de vida que compõe o conjunto das Culturas Juvenis da capital sergipana,

além de fazer emergir desse contexto as perspectivas dos próprios sujeitos a partir do convívio cotidiano e seus processos, para revelar a convergência entre valores sociais trazidos de outros tempos e aspectos contemporâneos. Trazemos uma pesquisa definida como observação participante e que possui elementos do processo etnográfico de pesquisa. Este caminho foi desenvolvido com os seguintes procedimentos, instrumentos e técnicas de pesquisa: a) produção de diário de campo (DC) a partir de observações, aproximação e envolvimento cotidiano com os sujeitos; b) entrevistas semiestruturadas individuais e em grupo; c) registros em fotos e vídeos; d) acompanhamento na rede social Facebook. Constatamos que o lazer/skate dos skatistas proporciona a construção e reconstrução de identidades e reconfigura continuamente o processo de socialização do grupo a partir do próprio cotidiano; apontamos a necessidade de estudar os grupos sociais a partir de um modelo de pesquisa que permita a apresentação das perspectivas do sujeito sob o prisma interno, ou seja, de dentro do seu cotidiano de lazer; também propomos pensar as Culturas Juvenis a partir da sua heterogeneidade.

Fonte: Google Scholar

Categorização: Cultura e identidade.

TEXTO 15

Título: Lazer sobre rodas no cartão postal: TICs/mídia e socialização de skatistas da orla de atalaia em Aracaju/SE.

Lugar de publicação: Licere.

Autores: Paula Aragão; Giovani De Lorenzi Pires.

Ano: 2013.

Resumo: O presente estudo constitui um dos eixos de análise de pesquisa realizada com skatistas do grupo Aracaju Family, frequentadores do Skatepark, equipamento do complexo da Orla de Atalaia em Aracaju/SE. Trazemos apontamentos e reflexões acerca da presença das TICs/mídia no cotidiano skatista, em vistas a esta recorrência como um fator que participa das experiências no espaço e tempo do lazer, e considerando as suas implicações no processo de socialização do grupo. Constatamos, por meio das informações descritas no diário de campo, a partir da observação participante, das entrevistas e do acompanhamento dos perfis no facebook a presença das tecnologias e a mídia em geral, destacando a rede social como um diferencial dentre os elementos encontrados. Consideramos que a amplitude da presença das TICs/mídias

atinge também o profissionalismo do skatista e, sobretudo, promove a ancoragem territorial à realidade virtual.

Fonte: Google Scholar.

Categorização: Relação com o meio.

TEXTO 16

Título: Etnografando a prática do skate: elementos para o currículo da Educação Física.

Lugar de publicação: Revista Contemporânea de Educação.

Autores: Marcos Garcia Neira.

Ano: 2014.

Resumo: Parece haver algum consenso em torno da necessidade de práticas pedagógicas da Educação Física que se alinhem ao atual estágio da produção de conhecimentos na área. Dentre as propostas fundamentadas nas ciências humanas que emergiram nas últimas três décadas, as perspectivas culturais buscaram amparo nas teorias críticas (SOARES et. al., 1992) e nas teorias pós-críticas (NEIRA, 2011) da educação. O currículo cultural da Educação Física é uma arena de disseminação de sentidos, de polissemia, de produção de identidades voltadas para a análise, interpretação, questionamento e diálogo entre e a partir das culturas. Caso a escola seja concebida como ambiente adequado para discussão, vivência, ressignificação e ampliação dos saberes relativos às práticas corporais, poderá almejar a formação de cidadãos capazes de identificar e questionar as relações de poder que, historicamente, impediram o diálogo entre os diferentes grupos sociais. O que se tem como pressuposto é que em uma educação democrática não existem brin- cadeiras, danças, lutas, esportes ou ginástica melhores ou piores. Por essa razão, o currículo cultural da Educação Física tem condições de borrar as fronteiras e estabelecer o diálogo entre as variadas manifestações da gestualidade sistematizada, de forma a viabilizar a análise e o compartilhamento de um amplo leque de sentidos e significados.

Fonte: Google Scholar.

Categorização: Perspectivas pedagógicas.

TEXTO 17

Título: O skate como tema na produção de conhecimento em periódicos na área da Educação Física.

Lugar de publicação: Revista Didática Sistemica.

Autores: Juliana Cotting Teixeira; Gustavo da Silva Freitas; Jones Mendes Correia.

Ano: 2012.

Resumo: A disseminação do skate pelo Brasil, representada por múltiplas formas de prática e significação, apresenta como um dos efeitos, sua inserção no universo científico. Nesse movimento emergente de apropriação do skate às esferas da produção de conhecimento, esse estudo visa investigar como essa prática tem sido anunciada pela área da Educação Física. Para isso, foi realizado um levantamento da produção acadêmica partindo da busca sistemática em alguns dos principais periódicos abrangentes da área. Mesmo assumindo a provisoriedade desse tipo de estudo, podemos apontar algumas pistas significativas sobre a presença ainda tímida e embrionária da produção sobre skate na Educação Física.

Fonte: Google Scholar.

Categorização: Produção acadêmica.

TEXTO 18

Título: O skate na era dos mega eventos: A Mega Rampa e o espetáculo do ILINX.

Lugar de publicação: Revista de História do Esporte.

Autores: Leonardo Brandão; Giancarlo Marques Carraro Machado.

Ano: 2013.

Resumo: Com 27 metros de altura e 105 metros de extensão, a pista de skate denominada como Mega Rampa estreou no Brasil no ano de 2008 e, desde então, vem sendo montada para a realização de megaeventos de skate no país. A Mega Rampa representa o skate-show, o espetáculo de voos e manobras que tem a capacidade de unir a prática à noção de vertigem que caracteriza muitos dos chamados “esportes radicais”. O foco deste artigo, produzido a partir de discussão bibliográfica, entrevistas e também de um relato etnográfico, concentra-se no modo como essa modalidade vem inserindo o skate no campo dos megaeventos e, concomitantemente, no campo esportivo.

Fonte: Google Scholar.

Categorização: Esporte.

TEXTO 19

Título: Quando você é excluída, você faz o seu: mulheres e skate no Brasil.

Lugar de publicação: Portal de Periódicos Eletrônicos Científicos da UNICAMP / Cadernos Pagu (on-line).

Autores: Márcia Luiza Machado Figueira; Silvana Vilodre Goellner.

Ano: 2013.

Resumo: Fundamentado nos estudos feministas e de gênero, este artigo analisa os modos através dos quais skatistas constroem seus lugares de sujeitos no universo de tal esporte. Foram analisados documentos de diferentes naturezas, os quais possibilitaram identificar que o skate é atravessado por relações de poder, promovendo oportunidades e sociabilidades distintas para homens e mulheres. Em função dessa diferenciação, as mulheres construíram espaços, práticas e discursos tornando visível não só a sua presença, mas, sobretudo, a própria presença dessa modalidade esportiva no Brasil.

Fonte: Google Scholar.

Categorização: Cultura e Identidade.

TEXTO 20

Título: Skateboard para além do esporte: manifestação social e movimento cultural.

Lugar de publicação: Dissertação (Mestrado) – Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília.

Autores: Giuslaine de Oliveira Dias.

Ano: 2012.

Resumo: Esta pesquisa tem como campo de problemática analisar questões relacionadas à cultura, as esferas de sociabilidade, as inter-relações sociais no universo do skate, as relações entre os skatistas do Distrito Federal e os espaços da cidade. É possível perceber o skate como um elemento de expressão sócio-cultural, cada vez mais difundido no país, o qual possui grande influência na cultura da juventude contemporânea. Ao andar pelas ruas da cidade percebe-se que este grupo social possui semelhanças em seu modo de se vestir, estilos musicais, discursos, composição corporal, movimentos e gírias. Diria que o grupo se identifica através de elementos presentes em suas vivências cotidianas. Nesse sentido, problematizo suas trajetórias, práticas, identidades, seus códigos e discursos. Interessa-me perceber os processos que engendram a socialização e a formação de identidades no interior desse grupo.

Fonte: Google Scholar.

Categorização: Cultura e identidade.

TEXTO 21

Título: Skate, sociabilidade e consumo no lazer: a percepção do lícito e do ilícito.

Lugar de publicação: Licere.

Autores: Heloisa Heringer Freitas; Anna Carolina Martins Cassani; Gelsimar José Machado; Liana Abrao Romera.

Ano: 2016.

Resumo: Este estudo analisa práticas corporais desenvolvidas no litoral capixaba, elegendo o skate como modalidade de lazer vivenciada por uma parcela de jovens. O objetivo foi o de conhecer as percepções de skatistas sobre tal prática e as possíveis relações com o consumo de substâncias lícitas e ilícitas na vivência da modalidade. Trata-se de pesquisa exploratória de campo com abordagem qualitativa desenvolvida por meio de observação não participante, utilizando diários de campo e entrevistas semiestruturadas com dezenove skatistas. Foi detectado maior consumo de álcool em comparação ao uso de outras drogas, muito embora a maconha exerça a função socializante que outros grupos ainda atribuem à bebida.

Fonte: Google Scholar.

Categorização: Cultura e identidade.

TEXTO 22

Título: Um olhar socioetnográfico sobre a prática dos skatistas na "Trinda" - Florianópolis/SC.

Lugar de publicação: TCC de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina.

Autores: Júlio Gabriel de Sá Pereira.

Ano: 2015.

Resumo: Este trabalho pretende refletir sobre as relações que os skatistas constroem em um determinado espaço da cidade de Florianópolis, a saber, a pista de skate do bairro Trindade – a Trinda. Partimos de uma investigação de cunho etnográfica, com o auxílio de entrevistas semiestruturadas e observação participante, trazendo para a reflexão o discurso dos interlocutores. É abordado também, ainda que de forma introdutória, o histórico da prática do skate em Florianópolis. Para a devida complexificação do tema, segue-se a discussão sobre o campo skatista, a partir do que Pierre Bourdieu pensou sobre campo esportivo, espaço onde circulam discursos que disputam o monopólio da definição de certa prática. Apresentamos a discussão sobre a disposição do habitus, considerado produtor das práticas e de seus esquemas de percepção e julgamento dos skatistas, neste caso. A sociabilidade, entendida como aspecto que perpassa o campo

skatista, é analisada segundo estudos de José Magnani e suas pesquisas sobre o meio urbano, principalmente quando trata do conceito de pedaço. Como resultado, percebeu-se a importância de estudar a prática do skate, no que se refere à participação dos atores estudados no desenvolvimento dos discursos sobre o meio urbano.

Fonte: Google Scholar.

Categorização: Relação com o meio.

TEXTO 23

Título: “A praça é nossa”: embates em torno da regulamentação da prática do skate de rua na cidade de São Paulo.

Lugar de publicação: Anais V Congresso em Desenvolvimento Social.

Autores: Giancarlo Marques Carraro Machado.

Ano: 2016.

Resumo: Os skatistas ocupam a Praça Roosevelt – espaço público situado na região central da cidade de São Paulo (Brasil) – desde o final da década de 1980, no entanto, com a sua revitalização em 2012, essa ocupação se intensificou e fez com que ela se tornasse um importante pedaço para cidadãos provenientes de todas as regiões da metrópole. O local em questão oferece múltiplas oportunidades aos adeptos do skate, que fazem dele um lugar privilegiado não só para a realização de uma prática esportiva, mas também, para a constituição de formas de sociabilidade. Por conta de sua intensa utilização, uma série de problemas tem ocorrido no âmbito da Praça Roosevelt. Diversos equipamentos urbanos, por exemplo, foram rapidamente danificados devido à ação das manobras: bancos quebrados, corrimãos trincados, pisos táteis retirados, etc. Com efeito, os skatistas passaram a ser taxados de vândalos por não zelarem pelo bem público recém inaugurado. Apesar de ser um espaço notadamente reconhecido, o pedaço dos skatistas tem a sua permanência sob constante suspeita, visto que, por se constituir como intermediário entre a casa (o privado) e a rua (o público), não se estabelece como algo fechado nem impermeável. A pesquisa pretende analisar etnograficamente não só as apropriações da Praça Roosevelt, mas também, os conflitos decorrentes das mesmas. Ao levar em conta a atuação de múltiplos agentes e instituições, vislumbra-se não tratar o pedaço dos skatistas como um território consolidado na paisagem urbana, mas, ao contrário, evidenciar as negociações e a dinâmica relacional que o mantém provisoriamente enquanto tal. Desta forma, ao dar visibilidade à prática do skate no âmbito da Praça Roosevelt, tentarse-á introduzir outros

pontos de vista sobre a dinâmica da cidade para além do olhar competente que decide o que é certo e errado.

Fonte: Google.

Categorização: Relação com o meio.

TEXTO 24

Título: A prática do skate como tema de pesquisas em antropologia.

Lugar de publicação: Anais 29ª Reunião Brasileira de Antropologia.

Autores: Rodrigo Balza Moda.

Ano: 2014.

Resumo: Em decorrência de significativas transformações socioculturais em diferentes esferas da vida social (economia, cultura, política) durante as três últimas décadas do século XX, responsáveis por uma reorganização de caráter estrutural das sociedades contemporâneas, se intensifica o desenvolvimento da prática do skate em diferentes países. Por apresentar características referentes à realização pessoal e ao tempo livre de seus adeptos, foi vista, em princípio, como uma espécie de atividade de lazer ou “brincadeira”. Essa atividade se populariza estritamente relacionada a processos de “marginalização e esportivização”, este último responsável por boa parte de sua migração para outros países, como o Brasil por exemplo. O desenvolvimento do skate em nível mundial é relacionado “ao crescimento exponencial de novas indústrias culturais impulsionados pelas tecnologias de informação”. Isso resulta, por sua vez, na consolidação de um amplo universo cultural de códigos, símbolos e bens conhecido por milhões de pessoas. Com efeito, o mundo do skate (produtos, indústrias, marcas, mercados, consumidores, tecnologias, etc.) está marcado pelo processo de globalização das sociedades contemporâneas. Certamente, em virtude da “transnacionalização da vida econômica e cultural”, as informações e objetos desse universo podem rapidamente circular entre os limites territoriais e as fronteiras nacionais.

Fonte: Google.

Categorização: Produção acadêmica.

TEXTO 25

Título: As skatistas de Porto Alegre: comportamentos emergentes de consumo entre as adolescentes praticantes do esporte.

Lugar de publicação: TCC (Lato Senso) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Autores: Elisa Graef Bergamaschi; Juliana Zanettini.

Ano: 2013.

Resumo: A partir de um estudo de caso, este artigo pretende compreender o universo da tribo urbana porto-alegrense identificada pela prática do skateboarding, com foco no comportamento de consumo das adolescentes praticantes do esporte, como forma de levantar insights a respeito de correntes de mudanças que venham a ser desdobrar em sinais geradores de tendências de moda. Para isso foi realizada uma conceitualização dos temas e foram conduzidas pesquisas de campo etnográfico e netnográfico, ferramentas provenientes da antropologia social, para a coleta de dados. As análises foram convertidas na criação de uma persona, e moodboards elaborados para elucidar o panorama do estilo de vida e interesses desta tribo.

Fonte: Google.

Categorização: Cultura e identidade.

TEXTO 26

Título: De skate pela cidade: quando o importante é (não) competir.

Lugar de publicação: Revista Cadernos de Campo da USP.

Autores: Giancarlo Marques Carraro Machado.

Ano: 2012.

Resumo: Este artigo analisa como certos skatistas relacionam suas práticas cidadinas às práticas de cidadania a que estão sujeitos (e que buscam ressignificar) na cidade de São Paulo. O skate pode ser considerado uma das práticas esportivas que mais adquiriu visibilidade nos últimos tempos. Apesar de toda a popularidade adquirida, o skate também é motivo de polêmicas por conta dos dissabores oriundos de sua prática em locais tidos como “inapropriados”. Essa e outras atitudes têm motivado intensos debates em São Paulo, levando muitos agentes ligados ao poder público a elaborar certas ações que visem disciplinar a prática do skate feita nas ruas. Uma dessas ações é o Circuito Sampa Skate, cuja formatação e mediações estabelecidas para sua realização podem ser vistas como uma forma de resposta do campo das políticas públicas à intensa propagação da modalidade street skate na cidade.

Fonte: Google.

Categorização: Relação com o meio.

TEXTO 27

Título: Fatores associados à prática do skate.

Lugar de publicação: Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte.

Autores: Carlos Gomes de Oliveira; Giuliano Gomes de Assis Pimentel.

Ano: 2015.

Resumo: O propósito deste texto é discutir os fatores motivacionais (intrínsecos e extrínsecos) associados à prática do skate. O principal objetivo foi analisar as relações existentes entre os fatores que poderiam favorecer ou minimizar a prática do esporte. Portanto, foi utilizado um estudo survey junto a 148 praticantes da Região Norte do Paraná. O instrumento de análise considerou alguns aspectos como: nível de experiência, faixa etária, lesões, frequência e motivação. A análise considerou ainda a estatística descritiva e a discussão temática, tendo como eixos as categorias corpo, risco e socialidade. A faixa etária predominante era composta por jovens, com até 20 anos, significando um corpo mais ágil e flexível para as manobras. Embora 95% das lesões não sejam graves (fraturas), 69% têm potencial para afastar temporariamente o praticante. A maior parte da amostra participa de competições, mas o caráter esportivo do skate está mais associado a valores associados ao lazer. Assim, em termos gerais, na realidade estudada, o skate está ligado predominantemente à diversão, socialidade, saúde e enfrentamento dos riscos, sendo estes signos diferenciadores.

Fonte: Google.

Categorização: Cultura e identidade.

TEXTO 28

Título: O Skate em Rio Grande/RS: rascunhos de uma história oral.

Lugar de publicação: Anais VI Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte.

Autores: Juliana Cotting Teixeira; Jones Mendes Correia; Gustavo da Silva Freitas.

Ano: 2012.

Resumo: A prática do skate tem protagonizado uma recente tendência em produzir estudos acadêmicos sobre si, em diferentes perspectivas teóricas e temáticas. Não somente constituinte desse conjunto de saberes científicos, o skate é alvo de investimentos de veículos midiáticos, publicidades e produções culturais. Nesse universo, essa prática tem aparecido historicamente de forma configurada, na direção de sua consolidação como um Esporte, ou um Esporte Radical. Instigados com esse cenário que situa o skate-esporte como uma disposição majoritária na virada do século, que visamos empreender esse estudo empenhado em construir outras narrativas a essa

prática, àquelas ainda não contempladas por uma rede de saberes que vem produzindo o skate. O comprometimento com a descontinuidade, o cotidiano e o imprevisível nas histórias do skate, sobretudo, à sua manifestação na cidade de Rio grande/RS, nos remeteu ao encontro com a história oral de Portelli (2010, 2004) e Bom Meihy e Holanda (2007) como postura metodológica, visto que a oralidade possibilita a construção de eventos memoráveis ao sujeito, muitas vezes não dispostos em outra forma de registro. Nesse momento, trazemos as primeiras pistas acerca de algumas memórias do skate em Rio Grande através do olhar de um skatista local.

Fonte: Google.

Categorização: Cultura e identidade.

TEXTO 29

Título: O skate invade as ruas: história e heterotopia.

Lugar de publicação: Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade.

Autores: Leonardo Brandão.

Ano: 2014.

Resumo: Este artigo tem por objetivo relacionar a noção de heterotopia, proposta por Michel Foucault, com o momento de emergência do Street Skate durante a década de 1980. Para tanto, utiliza-se como fonte três publicações do período, as revistas Yeah!, Overall e Skatin'. Trata-se, fundamentalmente, de pensar a cidade revelando espaços de enunciações subjetivas que, gradualmente, foram sendo incorporados, interpretados e utilizados como elementos de diversão, desafio e subversão da ordem estabelecida.

Fonte: Google.

Categorização: Relação com o meio.

TEXTO 30

Título: O skate muito além de esporte ou lazer - formas específicas de vivência e apropriação do espaço urbano.

Lugar de publicação: Anais 29ª Reunião Brasileira de Antropologia.

Autores: Julio Cesar Stabelini.

Ano: 2014.

Resumo: Este trabalho faz parte de uma pesquisa de mestrado em andamento cujo objetivo é levantar elementos que destaquem certas especificidades no tocante às formas

de sociabilidade características dos praticantes do skate e sua inserção na paisagem urbana. A intenção é pensar o skate como sendo uma prática ligada a um tipo de sociabilidade que conforma tanto uma forma específica de uso do espaço urbano quanto dá forma a uma paisagem urbana onde isso é possível. A etnografia que estou realizando tem como ponto de partida uma pista de skate localizada no bairro Costeira do Pirajubaé, em Florianópolis, Santa Catarina, mas a observação realizada até agora já me permite entrever redes e cenários mais amplos – circuitos percorridos pelo grupo em questão que envolvem, por exemplo, pistas em outros bairros. E, nesse sentido, as pistas de skate estão sendo pensadas aqui não apenas como um equipamento urbano, ou como parte de uma política de lazer para diferentes bairros da cidade, mas como algo que possibilita de alguma forma a inserção dos praticantes em um circuito que tem contornos locais (redes do bairro), da cidade e do universo mais amplo ligado à prática do skate – as “manobras” nesses circuitos podendo, assim, ser pensadas como uma forma dos praticantes se movimentarem/relacionarem com diferentes esferas e grupos. A prática do skate, portanto, está ligada a vários aspectos possíveis de serem abordados em uma etnografia: a sua relação com intervenções como o grafite e a pichação; percepções do ambiente (interação com o tecido urbano); o caráter transgressor e criativo da apropriação dos aparelhos e espaços urbanos (públicos e privados) para a prática do skate; a inserção da pista num circuito maior dentro da cidade, pois é muito recorrente que grupos de amigos ligados à prática do skate se juntem para percorrer ao longo do dia várias pistas localizadas em diferentes bairros ou locais que, por sua arquitetura, sejam considerados apropriados para a prática das manobras. E, nesse sentido, o objetivo do trabalho aqui apresentado seria investigar/analisar a criatividade e agências por trás dessas práticas e percepções ligadas à uma forma específica de viver/estar na cidade, de uso e aomesmo tempo de produção dela. Ou, em outras palavras, pensar a prática do skate como uma forma específica de vivência e apropriação do espaço urbano.

Fonte: Google.

Categorização: Relação com o meio.

A partir da leitura dos textos apresentados na bibliometria descritiva-quantitativa acima, definimos as 5 categorias que abordam, de maneira geral, os principais temas discutidos nesses textos:

Cultura e Identidade

Nesse tópico foram incluídos os artigos nos quais a prática do skate é associada a aspectos da sua influência nas culturas, assim como toda a formação de uma cultura que o mesmo traz, além dos aspectos de formação e fundamentação de identidade do seu praticante.

No texto “As skatistas de Porto Alegre: comportamentos emergentes de consumo entre as adolescentes praticantes do esporte”, das autoras Elisa Graef Bergamaschi e Juliana Zanettini, TCC defendido no ano de 2013 na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, é apresentado um estudo de caso que busca compreender a tribo urbana, mais especificamente, das skatistas de Porto Alegre, seus comportamentos e relações com tendências de consumo de moda, buscando identificar sinalizadores que indiquem a transição dentre essas tendências, construindo uma persona e um *moodboard* elucidando seus estilos de vida e interesses. A pesquisa identifica a formação de tendências instituídas em acontecimentos cotidianos, até mesmo que de forma inconsciente do indivíduo. É explorado o aspecto cultural do consumo e evidenciado que os objetos e serviços consumidos pelas pessoas são elementos de imaginação e até competição de status, sendo um fator que influencia a construção de identidades e representa quem os possui, abrindo espaço para um consumidor protagonista que usa da criatividade para dar toques únicos em seus objetos de acordo com seu próprio jeito de ser. É levantado os tipos de consumidores baseado na forma com que se relacionam com o produto novidade, desde os que recebem o produto antes, contrastando com os que comprem quando a tendência já se aproxima do fim; assim como a importância das ruas, por ser onde, no fim, o visual vai ser exposto e como ditadora de tendências onde designers vem diretamente buscar inspiração nas peças consideradas “descoladas”. A busca pela identidade leva os indivíduos a se unirem em grupos os quais são conectados pela sua expressão estética, mas que ainda mantém seu papel na sociedade, como um estudante skatista que anda aos fins de semana. Fica claro que os adolescentes utilizam o skate como uma forma de liberdade e expressão, seja pela sua estética visual ou pela estética dos gestos das manobras, considerando a prática como fundamental nas suas vidas. Em questão de peças o que levam mais em conta na escolha é sua funcionalidade em relação à prática, e sua originalidade, não precisando necessariamente pertencer a grifes, mas deixando claro que possui público para consumir os produtos de skate caso as lojas de departamento de Porto Alegre disponibilizem.

No texto “Fatores associados à prática do skate”, dos autores Carlos Gomes de Oliveira e Giuliano Gomes de Assis Pimentel, publicado no ano de 2015 pela Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, são explorados fatores tanto intrínsecos (internos, da essência) quanto extrínsecos (externos) associados ao skateboard, analisando desde agentes que potencializam a agentes que minimizam a prática na região norte do Paraná. Os riscos que o skate oferece muitas vezes é a motivação que leva o indivíduo a se inserir na prática, como se a possibilidade de lesões desse um significado maior ao aprendizado e evolução, assim como a persistência necessária de repetir o mesmo movimento até aprender a manobra, valores que são trazidos para além de prática. O skate pode ser desde uma mera prática a uma busca de identidade e evidência de sua cultura. São abordadas 4 modalidades básicas de skate, a saber, o Street, o *FreeStyle*, o *Longboard* e o Vertical, além da identificação de elementos visando apresentar o perfil do skatista associado ao nível de associação com o esporte, lesões, motivações e percepção do risco. Foram investigados 148 sujeitos, todos homens, evidenciando as relações de poder que distingue oportunidades da prática para homens e mulheres através de uma pesquisa quantitativa que levanta dados sobre corpo, risco e sociabilidade. Foi levado em conta a experiência, faixa etária, lesões, frequência e motivação, identificando, em sua maioria, jovens de até 20 anos com flexibilidade maior de tempo, possibilitando à maior parte a participação em competições. Os autores apontam o estudo de Impolcetto et al. (2007), que mostra a carência pedagógica no desenvolvimento de propostas com atividades de aventura, incluindo o próprio skate, requerendo uma reflexão dos profissionais de Educação Física para que a atividade possa ser incluída com segurança nas escolas e clubes. O lazer, a socialização, saúde, enfrentamento dos riscos e da adrenalina causada agem como signos diferenciadores da experiência para a maioria dos skatistas.

O texto “Gosto musical e hexis corporal: a questão do estilo na prática do skate de rua em Ponta Grossa-PR”, dos autores Adriano Albuquerque Barreto, Solange Moraes Barros e Constantino Ribeiro Oliveira Junior, publicado no ano de 2017 na Revista Motrivivência, retrata a questão de como o ritmo musical escolhido por um skatista influencia no seu estilo de andar de skate, abordando a história do skate anexada às músicas mais ouvidas por seus praticantes, além da contribuição que a hexis corporal possui na configuração da prática do skate de rua. É apontada a forma que, ao longo das décadas, surgem trilhas sonoras que passam a fazer parte dos “rolês” dos skatistas, ficando evidentes nos discursos dos skatistas entrevistados 2 dos 3 estilos significativos

de skate levantados por Olic (2010): skate-surf, skate-punk e skate-rap, sendo os dois últimos os identificados, o skate-punk por skatistas que geralmente preferiam manobras mais agressivas, embaladas pelo ritmo rápido do rock, usando predominantemente jaquetas, calças coladas, camisetas pretas, enquanto o skate-rap se configurava por ouvintes de hip hop, em sua maioria de camiseta e bermuda larga, que costumam andar mais devagar e com manobras mais técnicas, apontando a influência que o ritmo musical pode ter não só no jeito de vestir, mas em toda uma configuração gestual. Resultados mostram que vários elementos, inclusive culturais, constroem a disposição estética do skate, assim como o poder que a música tem de conseguir prefigurar o estilo do skatista andar e se expressar para o mundo.

“Jovens praticantes de skate e seu cotidiano”, dos autores Marcelo Rampazzo e Marco Paulo Stigger, publicado no ano de 2016 na Revista Motrivivência, traz todos os dilemas que os jovens possuem para inserir a prática do skate no seu cotidiano. Foram 9 meses de observação investigando a influência que a prática tem em todas as outras relações do skatista, seja em casa com a família ou seja perante estereótipos vindo de desconhecidos na rua, barreiras a serem enfrentadas para que os jovens atinjam suas metas no skate, levantando a questão de como o lazer se contrasta com outros aspectos do cotidiano dos jovens. Após a convivência dos entrevistadores com os skatistas eles perceberam dois grupos: um que vivia do skate profissionalmente, denominado “Calças largas”, e outro que andava na perspectiva apenas do lazer, os “Calças coladas”, os quais configuram dois universos distintos dentro da mesma prática. Motivo de intriga para a geração mais velha, o skate carrega um estereótipo marginal devido à forma que conflita as aspirações de duas épocas diferentes, resultando numa cobrança ao jovem atual baseado em preceitos de tempos passados. Essa visão negativa sobre o skate muitas vezes leva o skatista a se sentir pressionado e abandonar a prática e seu sonho para aderir a uma forma de sobrevivência padrão. O emprego também se torna, em vários casos, um dos alicerces para custear a prática e assim manter os projetos, o que não isenta esse local de trabalho de reclamações de estereótipos. As instituições as quais estão submetidos na juventude são vistas mais como uma forma de limitação de tempo que poderia estar sendo usado para praticar e aperfeiçoar suas técnicas, podendo os aproximar do skate como o meio de renda para o futuro do jovem.

Na Dissertação de Mestrado de Paula Aragão, “Lazer sobre rodas no cartão postal: identidades e socialização no Skatepark em Aracaju/SE”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina no

ano de 2013, a autora busca entender como se dá o processo de socialização e construção de identidade cultural no Skatepark Cara de Sapo, na Orla de Atalaia em Aracaju – Sergipe, levando em conta a influência que o local tem por ser específico para a prática do skate, refletindo a importância que os skatistas dão as mídias e revelando faces do lazer e do processo de socialização no cotidiano do espaço, ajudando a compreender também da perspectiva dos sujeitos praticantes desse estilo de vida que faz parte da cultura juvenil da capital do estado. Assim como a sociedade passa por mudanças que transforma sua dinâmica nos mais diversos sentidos, acontece o mesmo com o skate e daí que se surge a necessidade de abordar essa realidade que já são essas novas tecnologias junto a prática. A coleta de dados ocorreu com um grupo denominado Aracaju Family, que surgiu após a conquista do Skatepark que se tornou o principal da capital, com visitas de campo, entrevistas e visitas aos perfis sociais dos participantes. Atualmente a tecnologia e as mídias se fazem presente diariamente na rotina do jovem e sua utilização se dá das mais diversas maneiras, possibilitando novas interações e experiências com o meio, além de ter influência direta em uma busca por horizontes profissionais. As melhores imagens vão para as redes sociais onde podem chegar ao alcance de patrocinadores que antes para ver a habilidade de um skatista tinha que ir direto ao Skatepark, estabelecendo essa mistura de trabalho e prazer, produzindo imagens que vão servir além de divulgação da sua capacidade, mas também registros para recordações. Antes as revistas eram a mídia responsável por apresentar novos skatistas e picos ao mundo, com a internet vieram os sites e as possibilidades de deixar seu conteúdo online grátis e de uma forma mais dinâmica. A mídia tornou-se parte da construção social e, devido a isso, está sujeita a apontamentos para discussão; porém ficou claro que sua presença só reforça e traz novas possibilidades à prática concreta.

No texto “O skate como prática corporal e as relações de identidade na cultura juvenil”, dos autores Emerson Luís Velozo e Jocimar Daolio, publicado no ano de 2017 na Revista Ibero Americana de Educação, se propõe analisar o skate como uma prática de importantes significados, mais especificamente, à cultura juvenil e uma manifestação da cultura corporal, que acaba sendo deixado de lado como uma dentre as possibilidades pedagógicas nos colégios, além de trazer também o lado avesso e de um outro grupo de pessoas que considera como uma prática marginal, expondo ambas as visões. As observações e narrações se deram com um aluno de 18 anos participante de um grupo de skatistas numa escola de Lisboa onde a prática era proibida, mas, mesmo assim, os alunos diariamente reproduziam, não se limitando apenas a tratar a prática no âmbito

escolar, mas o entendimento também de suas características subversivas, os grupos que se formam, as relações com a mídia e as marcas, fatores estruturantes para formação da identidade do skatista. Na escola os praticantes não recebem apoio nem dos próprios profissionais de Educação Física, que costumam abordar apenas práticas consideradas saudáveis ou o ensino de uma modalidade desportiva, desestimulando os alunos, mesmo sabido que o skate não é o único e nem está entre as práticas que mais lesionam seus praticantes, além do estereótipo que o praticante recebe devido a associação da prática ao consumo de drogas, indo mais uma vez contra aqueles parâmetros impostos sobre a ligação da Educação Física e a saúde. O skate é uma prática que tem como palco a rua e seus obstáculos, o que acaba incomodando algumas pessoas, seja por passarem próximas e temerem uma colisão, ou pelo barulho, que inclusive é um fator dos mais reclamados, e que se torna mais frequente os períodos de chuva, nos quais os participantes precisam procurar locais fechados, que acabam por ecoar o barulho do skate e suas próprias vozes, pondo os praticantes na posição de vagabundo, desocupado, perante aos que discriminam. A relação que o skate proporciona entre seus praticantes é tão forte que os amigos que costumam andar juntos se consideram como uma família, alternativa as que eles têm em casa, uma família de rua, onde seu valor se dá pela sua relação com a prática. A identidade do skatista é sempre ligada ao alternativo, tatuagens e piercings, além de serem bastante optados pelos praticantes, são promovidos nas estampas dos produtos das empresas do ramo, reforçando a busca de tal representação subversiva para a prática. Ficam levantado dois lados para se pensar o skate: pelo lado dos praticantes imersos na prática a qual tem total importância nas suas vidas; e o dos não praticantes que reagem das mais diversas formas, admiração, indiferença, e até preconceito. A dificuldade de sua inserção na escola mantém um lado positivo: o de deixar intactos os aspectos subversivos da prática.

Em “O skate em Rio Grande/RS: rascunhos de uma história oral”, dos autores Juliana Cotting Teixeira, Jones Mendes Correia e Gustavo da Silva Freitas, publicado no ano de 2012 no VI Congresso Sul Brasileiro de Ciências do Esporte, é abordado o quanto o skate tem sido tema de pesquisas e estudos acadêmicos nas mais diferentes perspectivas, além do investimento midiático, publicitário e em produções culturais visando consolidar a prática como Esporte/Esporte Radical, e parte pra uma abordagem totalmente diferente, visto o comprometimento com a descontinuidade, o cotidiano e o imprevisível nas histórias do skate, investigando oralmente memórias de um skatista local do skate em Rio Grande. Esse método permite a construção de uma história

desinteressada e coloca o skate como um esporte produtivo e que superou seus estereótipos de marginalização, visando construir uma parte das memórias sobre o skate do Rio Grande. As memórias do depoente foram separadas em três linhas de análise: as tribos skatistas, a evolução no skate e as viagens para fora. É evidenciado uma distinção entre grupos de skatistas que andam há mais tempo em relação a menos experientes, que ficam retraídos em meios alternativos para andar de skate, com vergonha de andar junto com os mais avançados, além da dominância de cada grupo local sobre a pista da sua área. A evolução aparece bastante no discurso, como fonte inspiradora e motivacional para um futuro na prática buscando produzir condições para o engajamento nesse processo. Lembranças sobre as viagens caracterizaram os maiores relatos, cheio dos mais inesperados elementos como os rolês de rua de skate são, seja indo para competir ou por lazer, além de carregarem as amizades feitas pelas passagens nas cidades ficarem para a vida toda. Por fim fica uma construção do cenário de um passado recente através desses primeiros rascunhos de uma história oral do skate em Rio Grande.

“Skate e mulheres no Brasil: fragmentos de um esporte em construção”, das autoras Márcia Luiza Machado Figueira e Silvana Vilodre Goellner, publicado no ano de 2009 na Revista Brasileira de Ciências do Esporte, levanta a questão da identidade feminina no esporte, abordando a forma que o skate é tratado como prática masculina, além de uma mídia que contribui com um trato diferente em relação a elas. É abordado o seu processo de construção, ligado aos surfistas californianos e sua necessidade de surfar em tempos de más ondas, trazendo a prancha com rodas para o asfalto, assim como seu processo de disseminação e esportivização. É discutido como a centralização da figura masculina exclui a imagem feminina, levando as mulheres a terem que disputar por seu lugar como sujeito na cultura, já que quando se estabelece o homem como figura referência, algo diferente disso (como a mulher) é visto como anormal e recebe bem menos visibilidade, resultando em produções que se dizem históricas, mas raramente incluem as mulheres e suas vivências nesse esporte. A clara identificação de situações de exclusão do mérito feminino perante ao masculino, mesmo que em campeonatos de mesmo nível e a identificação de como as relações de poder oferece oportunidades e vivências distintas aos dois gêneros.

No texto “Skate, sociabilidade e consumo no lazer: a percepção do lícito e do ilícito”, dos autores Heloisa Heringer Freitas, Anna Carolina Martins Cassani, Gelsimar Jose Machado e Liana Abrao Romera, publicado no ano de 2016 na Revista Licere, o objetivo foi analisar o skate no litoral capixaba, devido a ser uma cultura de parte da

juventude local, além da relação da prática com o consumo de substâncias lícitas e ilícitas, desde o momento do andar de skate às formações de relações sociais através do consumo, principalmente, do álcool, além da presença da maconha e outras substâncias e como se dão suas influências. A juventude é retratada através de dois olhares: uma visão mais romântica que a vê como a chegada da vida adulta, namoros, viagens, etc.; e outro como a fase de vandalismo, drogas e desrespeito, visão essa que ajuda a reforçar estigmas que os jovens skatistas sofrem. O lazer é posto como uma oportunidade de sociabilidade, já que o mesmo move aos espaços pessoas com interesses em comum, além de trazer o paradoxo de contribuição para o desenvolvimento e o bem-estar, porém tendo também o lado de poder virar um contexto para comportamentos rebeldes e uso de substâncias. Mesmo com ambas perspectivas, suas vivências não deixam de ser fundamental para a formação de identidade do indivíduo. Com a Revolução Industrial e suas jornadas extensas de trabalho o lazer é trazido como ocupação do tempo livre, mais relacionado às sensações que provocava do que a aquisição de bens. Os relatos de uso de drogas (principalmente álcool e maconha) pelos jovens capixabas no skate aparece como elemento principalmente socializante entre os simpatizantes da prática e das substâncias, pois os aspectos de alteração de percepção, por exemplo, por causa do álcool são totalmente desassociados da prática, discurso esse bem menos reduzido quando se fala sobre a maconha. De todo modo, fica ressaltado quanto o consumo de certas drogas está presente nas práticas esportivas, levantando a necessidade de adentrar mais ao fenômeno para compreendê-lo e trabalhar em políticas de educação, lazer e prevenção.

Em “Skatistas ‘correndo pelo certo’: normalização e produção de subjetividades na contemporaneidade”, das autoras Juliana Cotting Teixeira e Méri Rosane Santos da Silva, publicado no ano de 2017 na Revista Movimento, analisa-se, através da cartografia social (baseado desde falas de entrevistas de rádio e TV a conversas informais) como vão surgindo as formas de lidar de cada skatista perante normas sociais e como acabam transformando aspectos da prática, influenciando nos mais diversos discursos dos praticantes que buscam pela legitimidade em meio as relações sociais. Desde visitas a asilos à inclusão de jovens em situação de vulnerabilidade na prática, vão moldando a imagem de um skatista anteriormente marginal que, quanto mais se aproxima de um bom mocismo, mais é valorizado perante a hierarquia social, principalmente se conectado a algumas subjetividades, como, por exemplo, ser skatista e médico, ou ser skatista e estudar em colégio particular, ou ainda ser skatista, “porém”

limpo; no mais, girar a roda econômica para deixar de ser considerado anormal. Desconstruir essa mesma visão distorcida do praticante se torna um forte elemento de inversão de poder já que desde que as ações sejam positivas, esse rótulo de marginal não consegue se validar. Em um jogo de relações de poder, instituições e empresas promovem eventos abraçando as mais diversas causas vulneráveis, de uma forma que cumpre seu papel inclusivo e que segue estrategicamente promovendo uma boa imagem do skatista, seja como provedor de alegria a idosos, para manter as crianças fora de práticas de transgressão urbana ou por em pautas temas como saúde na comunidade, o skate se apresenta como uma prática que pode ser subversiva e, ao mesmo cidadão, pode lhe enquadrar nas normas, sempre numa metamorfose de ambas as coisas para abrir caminhos rumo a seus interesses para com o skate.

A Dissertação de Mestrado de Giuslaine de Oliveira, “Skateboard para além do esporte: manifestação social e movimento cultural”, publicada no ano de 2012 no Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, tem como problemática entender os processos que influem na socialização e formação de identidades dentre os skatistas do Distrito Federal, suas identidades, códigos e relação com a cidade, analisando a cultura e as relações que possibilitam o skate se tornar uma expressão sociocultural bastante expandida no país, principalmente dentre a juventude contemporânea, ditando todo um estilo de vida de elementos que aparecem em comum na trajetória dos mesmos. A pesquisa aborda a importância de uma educação corporal que seja realizada cedo na vida da pessoa, que leve a um culto ao corpo, e a forma que os esportes radicais atraem subvertendo as regras impostas pelos esportes comuns, tendo assim fácil adesão e disseminação perante os jovens. Além de todos os fatores subjetivos do skate, Brasília e suas ruas vistas como modernas no tempo de sua construção também configuram outra forma de vivenciar a prática. O skate atenta para várias noções atuais, como a noção de individualidade e a preocupação com a estética, o lúdico e a criatividade, como utilizar para mais dificuldade um obstáculo que foi modificado para skatistas não andarem, prática muito comum em locais, por exemplo, empresariais que começam a atrair muitos skatistas. Esses locais acabam por dar significado a um universo cultural diversificado, sendo um espaço para adquirir experiência e troca de saberes que influem diretamente na identidade dos indivíduos, que, por sua vez, formam a identidade do espaço urbano.

“Quando você é excluída, você faz o seu: mulheres e skate no Brasil”, das autoras Márcia Luiza Machado Figueira e Silvana Vilodre Goellner, publicado ano de

2013 no Portal de Periódicos Eletrônicos Científicos da UNICAMP e nos Cadernos Pagu (on-line), se fundamenta em estudos feministas e de gênero para analisar as formas que se consolidam o lugar das skatistas no meio de tal esporte e como o mesmo sofre influência de relações de poder que vão além da prática e suas habilidades, promovendo oportunidades diferentes para homens e mulheres, levando as mesmas a bolar estratégias para alcançarem a sua visibilidade e autenticar tanto sua presença, como a da modalidade feminina do esporte. Foram feitas buscas principalmente no site “Skate para Meninas” de dados que localizassem a presença feminina no skate e, no mesmo levantamento, foi notado a forma fragmentada a qual as mulheres do skate recebem atenção. Através de blogs propriamente femininos de skate, as skatistas começaram a marcar encontros que ganharam bastante proporção e até mesmo a realização de tours, que possibilitou as skatistas andarem e serem vistas nos mais diferentes locais. Durante um circuito europeu de skate, os brasileiros levaram as melhores no vertical masculino e feminino e na modalidade *street*, porém apenas os skatistas do gênero masculino receberam o devido mérito num artigo da revista 100% Skate. Evidencia-se nesse caso o diferente trato de gêneros, ao mesmo tempo, possíveis quebras em paradigmas de skate como esporte masculino, transcendendo discursos de poder como das diferenças das disposições físicas entre os gêneros, mostrando que a mulher consegue se submeter ao mesmo que um homem sobre o skate.

Esporte

Caracterizado principalmente pela sua potencialidade lúdica, nessa categoria se enquadra os artigos que partem para uma perspectiva que retrata a esportivização do skate, a qual não leva em conta fatores intrínsecos do participante e sofre forte influência dos fatores externos, como a inserção da prática em meio a um universo de empresas, e as consequências desse novo horizonte.

“A esportivização do skate (1960-1990): relações entre o macro e o micro” do autor Tony Honorato, publicado no ano de 2013 na Revista Brasileira de Ciências do Esporte apresenta elementos da esportivização da prática cultural skate de 1960 à 1990, faixa de tempo representativa desse processo no skate brasileiro, que visam entender a relação entre o macro e o micro processo sócio histórico do skate utilizando como fonte para a dimensão macro da esportivização do skate no país a Revista Tribo, e para a dimensão micro dois colaboradores entrevistados através do método da história oral, evidenciando o skate como causador de fortes tensões agradáveis, e ressaltando suas

particularidades nos seus processos macro e micro históricos que são postos como interdependentes. Tendo em vista a forma que sua prática ocupa seu espaço na sociedade como subversivo e radical, o esporte como um elemento estruturante na interdependência dos indivíduos na sociedade. A história oral que vai até ao fenômeno e entrevista o sujeito registrando narrativas das suas experiências, contribuindo nesse estudo como uma forma de produção de fontes orais históricas. Não é documentada ao certo que ano da década de 60 o skate surgiu no Brasil, mas seu caráter desrotinizador e a sensação de expressão de suas emoções através das ações motoras foram elementos importantes para seu fortalecimento, porém associado a uma imagem rebelde em um período em que se instaurava uma ditadura militar. Sua forma alternativa de se divertir pouco explorada até aquele momento foi um atrativo para essa nova maneira de lazer, que trazia consigo um conjunto de ações e gestos motores variados e complexos que não existiam na bagagem humana. A construção da primeira pista da América Latina no RJ, os campeonatos, a fundamentação de regras e diferenciação dos estilos de andar de skate figuram ações que precisaram ser tomadas em comum acordo entre os skatistas e que indicam o início do processo de esportivização do skate, que se associa a divulgação nas revistas, construção de pistas, possibilidade de ida a destinos internacionais, conforme são criadas as Associações que regulam a prática como esporte. As tecnologias também possuíam grande influência, onde surge a possibilidade dos skatistas filmarem suas manobras para recordação e partir para uma utilidade além, servindo como forma de divulgarem suas habilidades para as empresas. Os atores sociais, que são tantos os praticantes quanto os espectadores, desempenham papel fundamental, que são o público em sua maioria que consome e sustenta a economia desse universo. O recorte para identificar a relação entre o macro e o micro no processo sócio histórico foi feito na cidade de Piracicaba, como a disseminação do esporte ainda estava ocorrendo, para adquirir algumas peças era necessário se deslocar da sua cidade, algo mais difícil ainda na época, levantando a crê que os precursores do skate em Piracicaba eram membros de famílias abastadas. No processo de construção do comportamento da tribo skatista piracicabana é identificado similar aos que ocorrem em outros contextos, o que evidencia um modelo de circulação cultural tanto macro e micro as serem interpretados. A esportivização serviu de influência para pré-definir uma série de comportamentos do universo skatista que os diferenciam das demais práticas, porém como algo perpendicular à prática como lazer, já que seu surgimento não substitui o mesmo.

“A introdução dos esportes californianos no Brasil: apontamentos para o início de uma discussão”, do autor Leonardo Brandão, publicado no ano de 2009 na *Fronteiras: Revista de História*, inicia apontando as décadas de 50 e 60 como um período de mudanças comportamentais baseada principalmente na ascensão de uma juventude contemporânea, protestos no mundo todo indicavam a ascensão dos jovens à categoria social e a formação de sua cultura. A juventude saída dos escombros desses conflitos buscou um novo estilo de vida, novas aspirações, pensamentos e representatividade do meio social. A chegada do skate no Brasil nessa época foi mais um indicativo de um fluxo de influência da cultura estadunidense no país, explicitando a introdução e desenvolvimento dos chamados “esportes californianos” em solo nacional. De acordo com César Chaves (2000) essa atividade foi introduzida através de surfistas cariocas que viram sobre a prática em revistas norte-americanas destinadas a surf (já que a prática surgiu de uma necessidade de “surfar sem ondas” por parte dos surfistas, trazendo a prancha para o asfalto), não se sabendo muitos detalhes e nem o ano exato que se deu. Junto com os ideais de subversão que se associaram a prática, o estilo de se vestir se tornou uma ferramenta dos skatistas se diferenciarem das demais pessoas que não estavam envolvidas no universo do skate, naquela época caracterizados por corpos desnudos, calças jeans, shorts floridos, transformaram o seu visual em algo além de estético, mas como uma forma de identificação de sua tribo. Num contexto de disputa midiática com a televisão, as revistas buscaram novos caminhos através dos mais diversos temas para os mais diversos públicos, surgindo daí a revista *Pop* como a primeira revista que abordava os mais diversos conteúdos da cultura jovem, segundo a historiadora Denise Bernuzzi de Sant’Anna (2005, p. 08), passando a “atrair milhares de jovens da classe média e aproximá-los do mercado especializado na venda de novos acessórios e roupas para as atividades esportivas em expansão”, e dentre essas atividades esportivas em expansão encontravam-se referidos de forma reticente nas páginas da revista tanto o surf quanto o skate, deixando uma importante contribuição para sua divulgação. É importante ressaltar como lembra a historiadora Patrícia Falco Genovez (1998), os esportes à pouco tempo atrás não eram percebidos como fenômenos históricos, algo que já deixou de ser uma realidade e vem cada vez mais se modificando atualmente, abrindo assim campo para inúmeras possibilidades de levantamento de questões de pesquisas nesse tema, associado uma grande diversidade de áreas.

“O segredo do sucesso”: apontamentos sobre a trajetória social de skatistas profissionais”, dos autores Billy Graeff e Marco Paulo Stigger, publicado no ano de

2009 na Revista Movimento trabalha com apontamentos sobre a trajetória social de profissionais do skate em meio aos patrocínios, trajetória essa que não é posta como necessariamente como predeterminada, mas um percurso a ser traçado, fundamentando numa construção histórica. A pesquisa busca localizar peculiaridades e condições de produção da trajetória dos investigados, que são skatistas profissionais. A primeira peculiaridade levantada é que para ser considerado um profissional e viver do skate, é necessário ser patrocinado por uma empresa privada, levando a uma diferenciação e necessidade de incorporações de capitais para o skatista que visa traçar tal caminho. A pesquisa busca se inteirar e compreender a cultura que se constrói em torno do skate utilizando três procedimentos metodológicos: a observação, a entrevista e a análise de documentos, acompanhando os skatistas e suas incursões a outros espaços para andar de skate e suas redes de relações formadas durante a prática. Inicialmente a evolução era limitada pelos fatores externos, desde espaços impróprios ao custeamento de materiais, limitando a amplitude da aprendizagem da prática. Devido ao sentimento de familiarização do skatista pela pista que frequenta constantemente, quando a mesma recebe a presença de skatistas de outros locais as vezes causa um clima de “tensão territorial” devido as diferenças que ocorrem de acordo com cada cultura e sua forma de lidar com a prática e o meio, mesmo que todos ali estejam presente com a motivação principal de andar de skate. Inicialmente para aprender a andar de skate possuía-se poucas referências, limitava-se ao espaço geográfico que o sujeito se encontrava, fator que mudou após o contato com novos aparatos que surgiram, e essa nova forma de aprender e fazer resultou em um novo tipo de relação com o skate. Essa incorporação está relacionada com a possibilidade de acesso as informações referenciais através de filmes, revistas e etc. que acabam por convertidos em capital corporal, e o contato se inserindo nos espaços e situações do universo da prática, sendo necessário estar sempre antenado nos veículos tanto nacionais quanto internacionais para descobrir as novas possibilidades e manter seu portfólio de habilidades atualizado. É posto como ponto central a importância dos palcos os quais os autores têm contato, como um recorte da realidade do universo do skate, pois o skatista estabelece sua ligação de uma forma que passa a deixar de ser apenas um agente da prática, mas também se torna parte do campo, e campo parte dele, numa trajetória individual e ao mesmo tempo coletiva, que é necessário o manejo do trato da disposições e capitais. O skatista profissional se diferencia por receber dinheiro e outras vantagens materiais que oferecem um suporte para gerir tanto a prática quanto os outros aspectos da sua vida. Se diferenciando de

outras práticas profissionais, pois não é uma prática em que há um treinador e sua gestão se dá por parte dos próprios skatistas. Não se deixa passar a forma que as condições sociais do sujeito influenciam seu desenvolvimento na prática (assim como em outros fatores do cotidiano). É mostrado a necessidade de conhecimentos para viagens ao exterior, engendrando várias outras disposições necessárias, além do alto nível de envolvimento e disposição exigidos, elegendo o capital corporal/técnico como o mais importante dentre os outros para permanência nesse universo, mas dependendo também do desenvolvimento das competições, e divulgação da própria imagem e habilidade em vídeos e revista. Conclui-se com a reflexão de que os processos de escolarização, o cotidiano familiar e até os costumes absorvidos ao longo da vida dão ao sujeito condições melhores ou piores para sua manutenção em um meio capaz que exige mudanças radicais na rotina da vida dos sujeitos.

“O skate na era dos megaeventos - a Mega Rampa e o espetáculo do Ilinx”, dos autores Leonardo Brandão e Giancarlo Marques Carraro Machado, publicado no ano de 2013 na Revista de História do Esporte, inicia abordando a origem do termo Ilinx, pelo antropólogo francês Roger Caillois no ano de 1958, referenciando práticas que envolviam alto risco físico (tendo como referência principal o ski), proporcionando assim bastante adrenalina a quem pratica, dentre essas práticas uma que chama bastante atenção da mídia tem sido a prática do skate na chamada Mega Rampa, uma rampa gigante de 100 metros de comprimento (o equivalente a 27 carros enfileirados) e uma altura de 27 metros (o que é próximo a um prédio de 9 andares), idealizada pelo skatista americano Danny Way, que se tornou um elemento responsável por dá visibilidade ao skate proporcionando uma forma do uso inédito do corpo (David Le Breton (2011, p. 196) com manobras em alturas que antes eram consideradas impossíveis. Em 2005, seu criador Danny utilizou a Mega Rampa para saltar sobre a Grande Muralha da China, manobra que foi televisionada e que resultou para o skatista um pedaço da Grande Muralha de presente, sem contar a dimensão da divulgação mundial que o skate recebeu. Atualmente o brasileiro Bob Burnquist acumula a maior quantidade de títulos na categoria e possui a estrutura de Mega Rampa no quintal da sua casa na Califórnia, trazendo posteriormente a montagem da estrutura para o Brasil com apoio de marcas patrocinadoras. A dimensão de espetáculo contrasta com a falta de fomento a prática nas cidades que recebem a estrutura, reclamação que parte dos próprios skatistas locais, que continuam sofrendo repressões na rua e andando em pistas mal conservadas ou construídas, evidenciando uma diferença entre os megaeventos e o skate praticado

cotidianamente nas ruas, com isso fica demonstrado evidentemente a força que o esporte possui de atrair e espetacularizar para si as mais diversas práticas corporais, o que na maioria das vezes não leva em condições os fatores antropológicos que a cercam.

Perspectivas pedagógicas

É abrangido os trabalhos que abordam sobre a relação de ensino/aprendizagem do indivíduo relacionados ao âmbito escolar.

“Etnografando a prática do skate: elementos para o currículo da Educação Física”, do autor Marcos Garcia Neira, publicado na Revista Contemporânea de Educação no ano de 2014, indica a Educação Física com seu currículo cultural, como a eliminadora de fronteiras entre as diversas manifestações corporais, possibilitando viabilizar uma análise e o compartilhamento de um vasto leque de sentidos significados. A etnografia é um método antropológico de recolher dados, podendo se aproximar das práticas corporais no currículo da Educação Física para tentar entender como operam os mecanismos de relações e interações que constituem o funcionamento dessas práticas. A prática do skate na Praça Roosevelt como objeto se deu pela polêmica em sua reinauguração em 2012, sua nova estrutura atraiu mais skatistas ainda e causou desconforto a vizinhança, que acusaram os praticantes de desordem e depredação. Ao mesmo tempo que é traço de identidade da cultura juvenil outros setores consideram a prática marginal. Depois um acordo entre os skatistas e as autoridades, foi totalmente liberado andar na parte de baixa da praça, onde os bancos, corrimões e escadarias viram alvo das manobras dos streeteiros, atraindo diversos praticantes, sem contar com seu fácil acesso através de transporte público. Percebe-se que são raros os skatistas que vivem da prática, que ocorre através de patrocínio de empresas de vestimentas e acessórios ou revistas especializadas. Os skatistas dos mais diferentes níveis se misturam na distribuição da praça, porém cada um andando em seu pedaço. Para o skatista, treinar pode significar simplesmente sair de casa para andar, a procura de novos picos para novos desafios. Conforme apontado como um grupo com traços próprios bem distintivos (trajes, linguajar, hábitos e repertórios corporais) produzidos negativamente por outros setores sociais, estar entre os iguais não deixa de ser uma forma de fortalecer a identidade cultural, de forma que restrições a prática não combinam com o espírito streeteiro. Tematizando uma prática corporal que foi produzida por grupos inseridos na comunidade escolar e na sociedade mais ampla, o currículo inspirado nos Estudos Culturais e no multiculturalismo dá condições para o

desenvolvimento da criticidade, indispensável à capacidade de fazer escolhas conscientes e, por consequência, ao exercício da cidadania. Contudo, vale lembrar que apenas a criticidade não dá conta de uma postura cidadã. Tão importante quanto a crítica, é a produção, segundo movimento do currículo cultural, por meio da qual estimula a reconstrução, após a desconstrução, das representações que os alunos possuem acerca dos temas estudados. (CORAZZA, 2010, se fazendo a diversidade e seu respeito e entendimento ponto de partida para a prática pedagógica.

“O skate e suas possibilidades educacionais” dos autores Igor Armbrust e Flávio Antônio Ascânio Lauro, publicado no ano de 2010 na Motriz: Revista de Educação Física, traz em questão uma necessidade da inclusão de modalidades radicais, mais especificamente o skate no âmbito escolar, buscando explorar suas dimensões e capacidade de transformação social de um indivíduo. Segundo Le Breton (2006) a sensação de risco está ligada a instintos de sobrevivência em situações de confronto, saindo da sua zona de conforto, levando o corpo ao limite rumo ao imprevisível. O risco pode se associar a medidas e análises de uma manobra, assim como de um deslocamento mais veloz, levando a subjetivar as diferentes formas de se expressar em diferentes pessoas, pois quando domina um movimento o próximo tende a ousar ainda mais, tendo influência direta no processo ensino-aprendizagem. Os esportes de aventura ganharam importância a ponto de entrar nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) no Eixo Transversal “Meio Ambiente” para alunos de 5ª a 8ª série indicando a necessidade de realização uma educação com práticas junto à natureza. Em contrapartida havendo um despreparo profissional, contando com poucos capacitados habilitados e especializados para atuarem com esportes radicais, mais especificamente de prancha. (LAURO; DANUCALOV, 2005). Conforme Gallahue e Ozmun (2001) o professor pode trabalhar a aprendizagem do skate em três categorias, movimentos estabilizadores, movimentos locomotores e movimentos manipulativos, que também combinam entre si, desenvolvendo atividades em uma sequência adequada para progressão. Constata-se que o abordar o skate enquanto atividade alternativa e estimulante as propostas tradicionais ainda é não é fácil, é a pouca a quantidade de trabalhos que lidam com o skate como proposta educacional, se fazendo notável a decadência da qualidade profissional e o quantitativo baixo de cursos de capacitação para o segmento, servindo de alerta as instituições universitárias sobre a ampliação da diversidade de conteúdo.

“Relações de poder entre skatistas e escola” do autor Tony Honorato, publicando no ano de 2009 no XII Simpósio Internacional Processo Civilizador introduz a tribo skatista e seu processo de individualização como contribuintes para o entendimento de micro relações sociais que acontecem no cotidiano escolar em um contexto muitas vezes de que é visto com atipicidade e causa tensões e conflitos, com a sua cultura da prática do skate. O trabalho coloca em debate o fenômeno poder buscando compreender a instituição escolar, refletir sobre a constituição do ser skatista e analisar as relações de poder com a instituição escola. A instituição escolar foi compreendida a partir de três máximas, sendo a primeira que a instituição escolar contribui formalmente para unificação do ser racional como espécie humana, a segunda como promotora de sociabilidade e a terceira reproduzir desigualdades sociais que resultam na diferenciação de acúmulo de capital cultural devido as individualizações sociais que agregam. Como concebe Elias (1994), essa individualização se relaciona com a crescente especialização dos indivíduos e das sociedades, desde a infância o indivíduo é condicionado a desenvolver um elevado grau de autocontrole em função das regras de convívio sociais, que vão se sedimentando conforme configuram os grupos, as tribos, que despertam interesses em comum em suas relações transformadas em atividades físicas e culturais de lazer/esporte comuns e diferenciados, reunindo indivíduos e estabelecendo diferentes comportamentos. Diferente do que já se encontra produzido no campo da educação, a leitura do fenômeno poder se deu pela lente dos skatistas, onde mostraram não necessitar apenas da educação institucionalizada por terem o poder de criar outros capitais culturais significativos para o convívio cotidiano (HONORATO, 2005), o que se mostra necessário pois a existência de diversos potenciais de poder, quando se entrecruzam produzem um reequilíbrio de poder flexível, que como lembra Elias não é sinônimo de igualdade desse poder. Esses indícios de relações de poder possibilitaram compreender que o poder no âmbito escolar não se localizar apenas numa estrutura social, grupo dominante, manifestação cultural, ou numa figura central como a do diretor do colégio, mas sim nas influências mútuas entre os indivíduos. A criação das mais diferentes formas de organização social indica a longo prazo transformação e continuidade no reequilíbrio de poder nas relações sociais escolares, que se mostram tensionadas pela inserção de outras práticas culturais não comandadas pelo pedagógico strictu sensu.

Assim como sua prática se disseminou mundialmente, o skate começou a ser tornar objetos de estudos acadêmicos dos mais diferentes aspectos, nessa categoria se inclui os artigos que falam sobre o tema produzido sobre a prática no universo acadêmico.

“A prática do skate como tema de pesquisas em antropologia”, do autor Rodrigo Balza Moda, publicado no ano de 2014 na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, põe as transformações socioculturais que ocorreu nas três últimas décadas do século XX como reorganizadoras das estruturas das sociedades contemporâneas, intensificando o desenvolvimento do skate em vários países. Devido a seu caráter relacionados a realização pessoal e tempo livre, foi vista no início como uma espécie de lazer ou "brincadeira" (Machado, 2011, p.14), posteriormente passando pelos processos de marginalização e esportivização, este último responsável por alavancar sua prática para outros países, contando com o surgimento de novas indústrias culturais impulsionados pelas tecnologias (Hall, 2003), ultrapassando limites territoriais. Apesar da valorização da prática na sociedade, no meio acadêmico é possível notar um ínfimo número de pesquisas e pesquisadores que a estudam como fenômeno sociocultural. Fica evidente que os estudos sobre esporte se encontram em processo de institucionalização, tendo grande parte da formação e articulação teórica por parte dos pesquisadores que se interessam na área. Ao contrário do skate, existe uma extensa produção sobre as modalidades mais tradicionais, porém foi possível notar que aumentou o interesse dos pesquisadores em estudar o campo dos esportes radicais, e o trabalho se conclui buscando ser base de subsídios a futuras pesquisas sobre a prática do skate.

“Exercícios de memórias: a prática do skate na cidade de Rio Grande/RS” dos autores Gustavo da Silva Freitas e Juliana Cotting Teixeira, publicado no ano de 2013 no XVIII CONBRACE, difere de escritas mais acadêmicas e relata em primeira pessoa a autora como sujeito da experiência, onde “somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (LARROSA, 2002, p. 26). É identificada a constituição das produções acadêmicas sobre o skate a partir dos anos 2000, se fazendo mais presente em análises culturais, além da busca de uma produção histórica sobre a prática a nível nacional. O eixo Rio-São Paulo ainda predomina como cenário de origem e engendramento cultural da prática. Nas produções acadêmicas é relatado processos no quais o skate passou até se consolidar socialmente, do “lazer a esportivização” (HONORATO, 2004), “da marginalização a esportivização” (BRANDÃO, 2008), e “de vilão a mocinho” (LAURO, 2011). Os skatistas considerados

de sucesso são os profissionais, que são patrocinados e assim conseguem viver do skate. A constituição do skatistas sofre intervenção baseado em cada localidade, formando assim uma multiplicidade de construtos para sua constituição, buscando a legitimação e a conquista de lugares para a prática, junto com a aceitação de um aspecto esportivo trazido na atualidade que os dão uma posição social mais valiosa.

“O skate como tema na produção de conhecimento em periódicos na área da Educação Física” dos autores Juliana Cotting Teixeira, Gustavo da Silva Freitas e Jones Mendes Correia, publicado no ano de 2012 na Revista Didática Sistemática, investiga como a disseminação cultural do skate pelo país tem atraído olhares das mais diversas áreas do conhecimento acadêmico e sobre o panorama atual das produções acadêmicas sobre skate, através do que é produzido do tema na área de Educação Física. Para isso, o autor optou por utilizar periódicos da área que tratam a temática a partir de diferentes visões, utilizando os termos skate e skateboard como critério de busca, visto que são termos bastante usados nas produções sobre o skate no Brasil, a triagem dos artigos foi feita em um primeiro momento através da leitura do título e do resumo, e posteriormente sua leitura completa. Após a análise, foi possível constatar a inexistência de produções sobre o tema em 5 de 10 periódicos pesquisados, esses trabalhos são de suma importância pois contribuem com perspectivas de diferentes dimensões, como desde seu potencial terapêutico à discussão da presença do skate na cidade. Dos artigos analisados surgiram 4 eixos de discussão, profissionalização do skate, tribo skatista, skate educacional e psicologia do skate. A profissionalização ocorreu do processo de socialização, que a certo ponto começou a profissionalizar os praticantes, afirmando skate como Esporte, e se discute múltiplos conceitos, desde as primeiras modalidades à processos de aprendizagem. O conceito de tribo é associado à identidade e estilo de vida, apontando também para as disposições de um skatista contemporâneo que está no corre de viver do skate. Argumentando sobre a utilização do skate como ferramenta pedagógica é utilizada uma série de perspectivas teóricas educacionais, desde abordagens culturalistas a psicomotoras, defendendo a escolarização para adaptação dos elementos da cultura, aspectos sociais e motricidade complexa da prática exercida. Por fim a psicologia investigando por que as atividades de aventura se tornaram fonte de motivação intrínseca e de prazer para seus praticantes. Constata-se investida sobre o skate vem sendo surgindo recentemente para além dele, potencializado pelo aparecimento de uma vontade de discutir na academia e experimentar, já que foi constatado a imensa possibilidade de abrangência em relação ao tema, e no caso da

Educação Física, pedagogizar os chamados Esportes Radicais, de Ação, de Aventura ou na Natureza.

Relação com o meio

Se enquadra os artigos os quais é retratado a relação do indivíduo como skatista com o meio e suas construções enquanto ambiente de sua prática, assim como consequências desse convívio.

“Análise etnográfica da circulação de skatistas brasileiros para a cidade de Barcelona” do autor Giancarlo Marques Carraro Machado, publicado no ano de 2015 no V REA – XIV ABANNE, aponta como o universo esportivo impõe competitividade aos seus adeptos, que não medem esforços para buscar a vitória, em contrapartida ao skate no qual essas posturas não se popularizam tanto. Uma prática associada a vagabundagem, ócio e vandalismo passou a ser um esporte milionário, uma prática saudável, e até mesmo trabalho e fonte de renda, e como nota Bourdieu (2004, p.217) em relação a outras práticas esportivas, a constituição progressiva de um campo de profissionais da produção de bens e serviços esportivos, no interior do qual se desenvolvem interesses específicos. Uma das formas utilizadas para promover a prática do skate e torná-la mais atrativa foi através de grandes campeonatos (produzidos nos moldes de um espetáculo), que tiveram como consequência, “um aumento na ruptura entre praticante profissionais e amadores” (Bourdieu, 2004, p.217). A construção de pistas aliada a realização de eventos nas mesmas supre o campo esportivo, possibilitando não só o aumento do número de adeptos, mas também, o aumento das vendas de produtos e peças especializadas, resultando em lucro para os empresários, donos de revistas, promotores de evento, skatistas profissionais, dentre outros agentes, e a partir de todos esses elementos os skatistas, além de consumidores, passaram a ser vistos como “atletas”. A cidade de Barcelona tornou-se central em muitos discursos no universo do skate brasileiro, devido aos seus picos clássicos de andar, principalmente no MACBA (Museu de Arte Contemporânea de Barcelona), possibilitando a troca e enriquecimento de experiência entre os praticantes. São realizados também diversos campeonatos de skate no país, que fornecem pacotes turísticos para a capital catalã como forma de premiação aos vencedores. A partir também das imagens feitas no exterior, os skatistas ganham conceito no campo esportivo do skate brasileiro, o que possibilita mais aparição na mídia especializada, conquista de eventuais patrocinadores

ou entregar a demanda quando já se é patrocinado. O fator crucial é que se mostrou possível traçar uma conexão etnográfica entre esses diferentes espaços.

“Dilemas em torno da prática do street skate em São Paulo” do autor Giancarlo Marques Carraro Machado, publicado no ano de 2012 na Revista Digital Esporte e Sociedade, inicia abordando a forma que o skate foi visto como espetáculo, pós sua disseminação no país, atraindo interesse inclusive de empresários que vinculavam skatistas a anúncios de seus produtos a um público em sua maioria jovem. Após evoluções e conflitos, algo que tornou um problema relacionada a prática, mas especificamente da modalidade do street skate, foi a sua forma de se relacionar com elementos urbanos que originalmente não foram feitos para a prática, como bancos, corrimões e escadarias, causando desconforto por parte do Estado que faz a manutenção disso assim como nas pessoas que marginalizam o fenômeno. São Paulo é uma das cidades que mais possui pistas de skate no mundo, pistas essas que foram construídas um conceito de tirar os skatistas dos obstáculos urbanos, e que se surgiram é porque teve uma boa demanda de solicitações. Por ser uma prática que liga bastante o skatista ao meio, o praticante sofre uma familiarização com o ambiente em que ele anda, “observa-se assim que, entre os próprios skatistas, são construídos vários discursos, seguidos por muitas práticas que podem, de acordo com certas situações, se configurarem ambíguas” (MACHADO, 2012) observa-se a influência de mediações políticas sobre o fenômeno, além de conflitos de interesses no universo do skate, principalmente quando envolvem skatistas gerações e classes sociais divergentes em busca de demandas coletivas. É abordado também a diferença que se desenvolve a habilidade dos skatistas que andam mais em pistas (denominados pistoleiros) para os skatistas de rua (streeteiros), já que a pista traz elementos que reproduz limitadamente a variedade de obstáculos que há nas ruas, mas fica claro a preferência pela prática do skate nas ruas como de origem. Andar em obstáculos de ruas exige ainda que o skatista examine todas as características do obstáculo para com base nelas realizar algum tipo de manobra, seja simples ou mais técnica, com risco de quedas ou com maior domínio de equilíbrio. Então essa relação com o meio se apresenta conforme Magnani: “Não se pode ler a cidade a partir de um eixo classificatório único: é preciso variar os ângulos de forma a captar os diferentes padrões culturais que estão na base de formas de sociabilidade que existem, coexistem, contrapõem-se ou entram em confronto no espaço da cidade (“Rua, símbolo e suporte da experiência urbana”) ”.

“Lazer sobre rodas no cartão postal: TICs/mídia e socialização de skatistas da Orla de Atalaia em Aracaju/SE” dos autores Paula Aragão e Giovani De Lorenzi Pires, publicado no ano de 2013 na revista *Licere*, foi uma pesquisa realizando com skatistas do grupo Aracaju Family, frequentadores do Cara de Sapo Skatepark da Orla de Atalaia em Aracaju/SE. São trazidos apontamentos e reflexões sobre a presença das TICs/mídia no cotidiano skatista, fator recorrente nas experiências no espaço e tempo do lazer, que traz implicações no processo de socialização desse grupo, atingindo até o lado profissional da prática. O lazer é posto numa perspectiva dialética, como direito do cidadão e dever do Estado, considerando sua complexidade e suas dimensões. Outro elemento para a contextualização teórica é as culturas jovens constituídas no contexto urbano como fator para o surgimento de formas de socialização e a presença das TIC's/mídia. Assim como em todos os outros campos, a dinâmica cultural das sociedades sofreu alterações também nos campos do lazer, algo que Antunes (2007) indica como mudanças provocadas pelo advento e relativa popularização das inovações tecnológicas. O lazer é reconhecido como a cultura vivenciada no tempo livre, permitindo em um ambiente compartilhado com outras, com ao menos um objetivo em comum, resultando em um processo de socialização. A formação de novos grupos sociais com valores próprios e uma forma própria de organização são frutos dessa socialização, que faz parte da conformação contemporânea da sociedade. Se observa novas alternativas de comunicação através da tecnologia, ressaltando sobre tudo as redes sociais, que contribuem para a organização e construção dos grupos em seu lazer. Conforme Aragão (2013) “revelando-se a necessidade de compreender como socializações se configuram entre os jovens a partir dos seus valores e significados enquanto grupo; detectar estas aproximações e apropriações em relação às TICs/mídia nos espaços aonde os jovens constroem o seu cotidiano”. Cada elemento fortalece os vínculos entre os atores sociais e seu processo de socialização, evidenciando a apropriação não só de ambiente físicos, mas também virtualmente na rede.

“A praça é nossa’: embates em torno da regulamentação da prática do skate de rua na cidade de São Paulo” do autor Giancarlo Marques Carraro Machado, publicado no ano de 2016 no V Congresso em Desenvolvimento Social, mostra que apesar de inúmeras pistas de skate em São Paulo, os skatistas ainda preferem realizar a prática nas ruas, onde surge um discurso de que “na rua se anda de verdade”. Na rua se encontra diferentes picos, com diferentes elementos, desde corrimões, a escadarias e bancos, que se tornam obstáculos para realizar as manobras do skate, dando um novo significado aos

espaços a partir de suas experiências e formas de sociabilidade que o indivíduo cria, contribuindo para "fazer a própria cidade". No artigo se apresentam questões em torno da prática do skate na Praça Roosevelt, que apesar de ser reconhecido, o pedaço dos skatistas permanece sempre sobre suspeitas quanto a sua permanência. Quando criada a Roosevelt sofreu várias críticas com muito concreto e pouco verde e inclusive era apenas um espaço de passagem, sem aglomerações, os skatistas se apropriaram dos seus dispositivos de forma diferente do habitual dando um uso diferente do esperado com suas manobras e constituindo um novo local para novas formas de sociabilidade. Em 2012 a praça passou por uma reforma que revitalizou seus espaços e tornou possível e atrativo o trânsito e encontro dos mais diferentes indivíduos, demolindo antigos picos de skate e em contrapartida dando vida a vários novos, se tornando um local de compartilhamento de diversos tipos de experiências, que resultam em novos códigos e informações ligadas ao universo do skate. É entendido que as relações dos skatistas na praça Roosevelt são marcadas por proximidades e distâncias (Simmel, 1983) com outros frequentadores da praça, tendo que lidar com fatores como guardas, policiais, moradores do entorno, que tentam reivindicar um "uso oficial", de algo que os skatistas como parte da cidade, reinventam para sua prática, construindo o espaço urbano por meio de um conjunto polifônico de representações e narrativas nativas (Frúgoli Jr., 2005).

"De skate pela cidade: quando o importante é (não) competir" do autor Giancarlo Marques Carraro Machado, publicado no ano de 2012 na Revista Cadernos de Campo da UFS, indica o skate como uma das práticas que mais ganharam visibilidade ultimamente. São Paulo é a cidade que possui mais skatistas no país, de forma a figurar como segundo esporte mais praticado nas escolas, perdendo para o futebol. Apesar da popularidade, a prática se tornou alvo de polêmicas e geradora de conflito devido ao seu uso de locais normalmente considerados pelos não praticantes como inapropriados, principalmente para os praticantes da modalidade street, onde os dispositivos urbanos são vistos como obstáculos a serem superados, constituindo desde diversão à um trabalho. Em contrapartida, esses usos inusitados configuram para alguns arruaça, vandalismo e perturbação de ordem, mas o espaço público não é um espaço de produção de universais, mas sim conforme Joseph (2005, p. 119) "um espaço de hibridação e de excentramento do qual desconfiamos naturalmente". A construção de pistas além de atendimento da demanda tem o objetivo de delimitar a prática nesse local, assim como surgem ações que mesmo indiretamente, visam coibir o skate nas

ruas, uma delas é o Circuito Sampa Skate, porém o skatista como cidadão não se reduz à figura do transeunte, e, “tampouco coincide obrigatoriamente com a do cidadão (embora possa vir a assumir tal condição” (Frúgoli Jr., 2007, p. 7). O Circuito é uma forma de tentar lidar com ambiguidades onde de um lado está o exercício de um esporte, do outro, implicações em torno dos usos das ruas, visando disciplinar e regulamentar a prática do street skate, com a lógica de que se há pistas e é nelas que acontecem os campeonatos, a prática deveria ser prioritariamente ser executada lá. A inclusão social por meio do skate para os skatistas tem mais a ver com sociabilidade (e assim a condição de cidadão) do que com disputa esportiva, pois para muitos atletas o importante é “se divertir”. Conforme (Machado, 2011) há ainda uma espécie de repulsa a uma sociabilidade confinada a espaços que dispõem de certas regras, como as pistas, em prol da valorização de seu alargamento, onde os skatistas buscam conquistar a cidade por meio de seus múltiplos discursos, relações e práticas cotidianas vivenciadas.

“O skate invade as ruas: história e heterotopia” do autor Leonardo Brandão, publicado no ano de 2014 na Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade, lida a com a noção de Foucault de heterotopia, inicialmente pensada para se referir ao espaço, mas que no artigo é trazido também a questões da corporalidade, pois um dos objetivos do filósofo foi de trabalhar com uma forma de concepção espacial que valorizasse a “presença de múltiplas representações conflitantes em uma mesma área” (VALVERDE, 2009, p. 10). O próprio Foucault afirma que “a heterotopia tem o poder de justapor em um só lugar real vários espaços, vários posicionamentos que são em si próprios incompatíveis” (FOUCAULT, 2009, p. 418). Portanto, para Foucault existiriam espaços que em função da movimentação de atores e seus significados, poderiam ser considerados espaços de inversão, suspensão ou neutralização da ordem oficial. Com base em revistas brasileiras da década de 1980 é abordado o desenvolvimento histórico do skate, enfatizando o surgimento do Street Skate e como sua relação com a cidade pode ser um exemplo típico de heterotopia. Diferente de seu surgimento, quando era visto como derivação no surf, o skate era praticado em piscinas vazias, o que hoje é considerado o vertical, o street lidar com elementos da rua como obstáculos a ultrapassar com manobras, resultando numa forma de ver e utilizar o espaço que não era o previsto nem o aceitável institucionalmente. As revistas Yeah”, Overall e Skatin’ foram exemplos de revistas que traziam em seus conteúdos os aspectos de relação com a cidade e seus elementos e a liberdade de buscar os seus obstáculos para transpor, mesmo que isso signifique transpor certas regras

sociais. O skate como uma prática de satisfação, invenção e recriação acaba se firmando como um exemplo concreto de heterotopia, sua prática de deslizar pelas cidades que antes eram mais ligadas a diversão e rebeldia se disseminaram por todo o mundo lutando contra estigmas e levando o meio social a reinventar.

“O skate muito além de esporte ou lazer: formas específicas de vivência e apropriação do espaço urbano”, do autor Julio Cesar Stabelini, publicado no ano de 2014 na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, se insere em Florianópolis (SC) trazendo elementos que buscam destacar especificidades às construções sociais dos praticantes e sua inserção na paisagem urbana, a pista da Costeira é palco de atuação de diferentes grupos, tendo em vista que se encontra em meio a um complexo esporte e lazer, recriado através das diferentes intervenções desses grupos. Segundo o próprio autor, o skate se liga a diversos elementos etnográficos: A prática do skate, portanto, está ligada a vários aspectos possíveis de serem abordados em uma etnografia: gostos e estilos estéticos e musicais ligados à prática do esporte; a relação desse esporte ou atividade com intervenções como o grafite e a pichação; a presença na pista, ainda que não aceita pelos skatistas, de bikers e rollers; o caráter transgressor e criativo da apropriação dos aparelhos e espaços urbanos (públicos e privados) para a prática do skate; a inserção da pista num circuito maior dentro da cidade, pois é muito recorrente que grupos de amigos ligados à prática do skate se juntem para percorrer ao longo do dia várias pistas (como as localizadas nos bairros Trindade, Jardim Atlântico e Beira-Mar São José) ou locais que, por sua arquitetura, sejam considerados apropriados para a prática das manobras (STABELINI, 2014). Velho (1997) remete que no contexto das sociedades complexas urbano-industriais deparamo-nos com uma imensa variedade de estilos de vida e diferentes possibilidades de os indivíduos construírem trajetórias de vida, situando-se e identificando-se em/com diferentes campos e contextos. Silva (2005) indica que as definições de identidade e de diferença estão sujeitas a vetores de força, a relações de poder, podendo ser auto definidas, mas também impostas: convivem em um campo de hierarquias e de disputas por recursos materiais e simbólicos. Nesse sentido, se para os praticantes a identificação com o skate é ativamente construída e positiva, para quem vê de fora do grupo a ideia associada aos skatistas muitas vezes é negativa – de marginalidade e transgressão, por exemplo. Além da questão da socialidade trazida pela tribo skatista, conforme Stabelini (ibidem), “a pista ou em um trajeto percorrido no espaço urbano o skatista orienta-se e responde ao ambiente não apenas a partir dos estímulos visuais, mas também ele sente o trepidar das diferentes texturas do chão, bem

como extrai informações da paisagem sonora. O próprio som gerado pelo atrito da roda do skate com o chão é uma referência que permite ao skatista ajustar sua posição nos diferentes movimentos que executa”, tornando mais explícita a série de fatores que influem nas vivências e apropriação dos espaços.

“Um olhar socioetnográfico sobre a prática dos skatistas na ‘Trinda’ - Florianópolis/SC” do autor Júlio Gabriel de Sá Pereira, TCC de Ciências Sociais defendido no ano de 2015 na Universidade Federal de Santa Catarina, traz ponderações sobre os skatistas, sujeitos polêmicos visto de um senso comum, porém que se tornam cada vez mais presentes no cenário urbano de todo o mundo. Devido a prática corporal do skate estes indivíduos são capazes de despertar percepções diferentes sobre o cotidiano, principalmente no seu habitat, a cidade. A questão da sociabilidade é levantada para investigar toda uma rede de sentidos amparados por disposições simbólicas na qual o skate está envolvido. A etnografia tem a finalidade de trazer um viés qualitativo visando estudar a prática como fenômeno social. Dentre as quatro pistas públicas da cidade foi escolhida a da chamada Trinda devido a sua posição na região central, próximo a diversos bairros. O skate de rua é a mais popular entre os skatistas, na virada do século a construção de pistas públicas muda a configuração de movimentação para os skatistas da cidade. Além dos envolvimento tradicionais com a música e as artes visuais no estudo a prática também foi tratada como esportiva, neste sentido, Bourdieu defende que as ciências sociais devem se preocupar em construir uma história social das práticas esportivas, buscando entender em nossa sociedade a partir de que condições se torna possível destacar o esporte, em seu sentido geral, da ideia de jogo simplesmente. A imagem do skatista vai sendo construída entre as diferentes contribuições individuais de cada praticante, de forma que essa tribo vai criando características sociais próprias, a prática se faz parte da diversidade de relacionamentos sociais que ocorrem o meio urbano, o desenvolvimento da cultura skatista se dá justamente através do desenvolvimento da cidade e dessas formas de os indivíduos se relacionar com ela.

3.2 O skate na perspectiva da motricidade humana

Observar um skatista dando uma volta de skate em algum local, seja praças, calçadas ou em skateparks, é algo que costuma transitar entre o curioso e o estranho para quem nunca teve contato com a prática, na verdade até para quem já tenha

praticado ou ainda pratica também. A relação criada entre homem e meio influencia em elementos do meio que mal perceberíamos cotidianamente e que acabam ganhando novas utilizações para um skate, um banco se torna um obstáculo para se deslizar, saltar sobre, uma calçada um obstáculo a se subir, descer, assim como também a relação de aproximação entre os praticantes vai criando um universo de significados daquela prática, as vezes causando estranhamento a quem vê de fora e não passou pelo processo, porém que não leva em conta a perspectiva da experiência do ser.

A Fenomenologia herdada de Merleau-Ponty busca trazer o significado de corpo exatamente como o fenômeno da experiência humana, em entrevista com Scharmer (2000), Varela, biólogo chileno, afirma que: “[...] o problema não está em não sabermos suficientemente sobre o cérebro ou sobre a biologia; o problema é que não sabemos suficientemente sobre a experiência.”. Durante nossas vidas usamos o nosso corpo de forma quase que despercebida, como se usa qualquer objeto, e em certo momento isso foi notado e estudado, tal qual Merleau-Ponty levanta a importância de que não estamos diante dos nossos corpos, mas estamos nele em si, somos nossos corpos, por isso o corpo humano se configura como a nossa forma de interagir e se expressar no mundo, e um exemplo de expressões de interação e expressão é o skate. Se o corpo é compreendido como uma forma de comunicação, podemos considerar nossos movimentos como uma linguagem, no qual é possível expressarmos nosso acervo motor que foi acumulado entre todas as nossas vivências e experiências, e no skateboard essa linguagem motora própria influencia em coisas como na forma que o skatista irá andar e as técnicas que serão mais suscetíveis de aprender primeiro, assim como também o skate adiciona diversos aspectos a visão de mundo do praticante, toda uma cidade cinza ganha cores nas suas bordas, corrimões, escadarias, cones de trânsito e qualquer outro elemento que possa ser aproveitado.

O skate que surgiu nas ruas e portanto os ambientes da mesma são originalmente seu palco de prática, ao contrário do que muito se pensa, não é a rua que é utilizada indevidamente por pessoas que deviam se limitar um local exclusivo (como um skatepark por exemplo), são os skateparks que são feitos para imitar os obstáculos fornecidos naturalmente pelo meio. Sem dualidade, o cérebro faz parte do conjunto corporal e tudo faz parte da ambiguidade do nosso organismo, que através do movimento manifesta sua existência em constante relação com o meio e com os outros. Esse aspecto relacional tanto entre o homem quanto com seus semelhantes, todo o meio externo e o que ele vivencia, conforme Freire (1983) indica sempre resulta em

transformações tanto para si, quanto para o meio e para os outros, pois cada contato entra em voga suas individualidades e aspectos pessoais, cada intervenção em um meio vai transformando seu significado.

A aproximação entre os skatistas vai transformando o significado do meio o tempo todo, jargões próprios vão sendo reproduzidos, criados, frutos da influência já de outros locais de convivência, assim como toda uma configuração básica de estilo de vida, formado por essa contribuição de todos. Conforme Freire, o indivíduo se organiza e encontra significado nas organizações sociais a qual tem contato se tornando cada vez mais um ser social e de relações, e tendo consciência de que é incompleto e inacabado, baseado não só na sua experiência vital, mas também na curiosidade, busca ser mais. Com sua subjetividade, curiosidade e inteligência, o ser humano interfere na objetividade a qual se relaciona e intervém como sujeito da história e não apenas objeto, se configurando como parte ativa na História (Freire, 1996). Através de um viés fenomenológico, como aponta, Santos, Carminha e Freitas (2012), a intencionalidade se faz presente em cada ação motora posicionando o corpo no mundo, levando em conta todas as outras coisas e nos permitindo conhecer inúmeros pontos de vista diferentes, e assim ser o humano resultante dessa série de construtos.

A Motricidade Humana atribui ao ser um estado de existência incompleto e contínuo, na perspectiva do skatista isso se manifesta no formato de sempre haver um desafio a superar, de forma que isso fornece a intencionalidade de buscar sempre si preencher se relacionando com o mundo incessantemente, o que leva um skatista a repetir 100 ou quantas vezes for necessário uma manobra até aprender certo, independente de quantas quedas levou ou quantos shapes foram quebrados até lá, e a cada conquista ou desejo realizado acontece a transcendência de sua antiga condição para um novo nível de desenvolvimento, o qual de forma sistemática se torna um novo ponto de início onde o mesmo terá novos desafios e novas metas para atingir buscando alcançar novas transcendências, já que o desenvolvimento se dá integrando todas as dimensões humanas, podendo citar física, motora, cognitiva, emocional, social e historicamente, as quais é preciso atender mesmo enquanto uma se manifeste mais ativa que a outra e entender a relação entre elas, além da sua própria relação com o ambiente e sua cultura. Voltando no tempo e mais a fundo temos de exemplo a própria Educação Física e a forma que a mesma foi se estruturando em prol de um objetivo comum e em meio a uma crise existencial, na qual ficava considerada como uma subárea por ter como referencial as áreas da Medicina e da Pedagogia, se limitando apenas a saúde e

educação, de onde começa a ser introduzido por Manoel Sérgio – cuja formação inicial se dera em Filosofia - a perspectiva da Ciência da Motricidade Humana, defendendo a bandeira de que a área precisava de um fundamento científico para autenticar suas práticas. Em um momento de intensa influência política onde a Educação Física era dominada por militares e médicos, os quais apresentavam uma visão fragmentada do humano, onde os mesmos desenvolviam majoritariamente as dimensões as quais eram possíveis aproveitar para sua área, trazendo apenas práticas mecanicistas sem considerar as individualidades, todos tendo de fazerem tudo independente da sua limitação, explicitando uma visão reducionista do ser considerando apenas os aspectos biológicos que influenciavam no desempenho da prática motora, e que pela proposta de Sérgio passa a ter foco também nos aspectos sociológicos, políticos, econômicos e culturais.

Quanto mais anda de skate, o indivíduo ganha mais confiança e estabilidade para aprender e executar as manobras, visto que cada tentativa deixa um traço na memória motora que vai ser levada em conta para as execuções corretas. A mesma coisa acontece na relação com o meio, o skatista que costuma andar em determinado local, por cada experiência tida desenvolve um bom desempenho nos obstáculos, seja conseguindo acertar uma variedade de manobras, assim como para mandar uma série de manobras em “linha”, visto que uma aprendizagem autêntica e durável se fundamenta na experiência, e “O aprendizado é experiência e sensação. A sensação constitui a base a partir da qual se desenvolvem conceitos e ideias.” (HANNAFORD, 1995, p.48). Sendo assim o conhecimento sempre está sendo sistematizado de acordo com cada necessidade corporal pessoal além da estruturação do conhecimento através da prática, que é a base da teoria. A educação somática que leva em conta a consciência do corpo e do movimento traz propostas onde é possível orientar o ser a um refinamento de sua capacidade de sentir-se, levando a percepção que as sensações, percepções, emoções e faculdades intelectuais são estreitamente interligadas em relações dinâmicas, tornando mais flexível a percepção própria e de suas interações no espaço físico e social que o mesmo se situa.

Alinhada a "fenomenologia da percepção (MERLEAU-PONTY, 1996), a Ecomotricidade também entende o corpo e sua percepção como centrais nas relações ser humano-mundo, criando significando através da motricidade nessas relações, onde o corpo vivo é abrangido em ação interativa com a natureza humana e não humana (contestando o conceito original), o que inclui o skate, pois natureza nesse caso é considerado o meio onde é construída a experiência, contanto que a interação seja lúdica

(experiência significada pelo prazer ou alegria) e ecológica, abrangendo a movimentação na/com a natureza que torna possível uma compreensão somática/somaestética das experiências fenomenológicas lúdicas do corpo em movimento a partir do conceito de um tempo *kairos* e um espaço *chora*. Kairos representa a relatividade subjetiva do tempo para o corpo particular, em oposição ao tempo resolvido e inabalável do relógio pronunciado no *chronos* (RODRIGUES; STEVAUX, 2010). Da mesma forma, situado entre o sensível e o inteligível, *chora* representa a ambiguidade onde ocorre o espaço, enquanto *topos* sugere mera localização ou as características objetivas de um lugar (WALTER, 1988). Nesse sentido, *kairos* representa o tempo em que se está na atividade, o qual é considerado à parte do tempo comum, já *chora* está mais intimamente associada ao conceito de *affordance* de Gibson, expressando as possibilidades estruturais oferecidas pelo ambiente, bem como a capacidade estrutural do agente em perceber o que é acessível às suas ações (GIBSON, 1979). A percepção do próprio nível de habilidade se faz necessário para que o skatista possa criar um ritmo eficaz de progressão, além de saber o que consegue ou não tentar com uma boa margem de segurança, assim também como analisar as condições do terreno e dos obstáculos nos quais vai andar.

Em um mundo que é constituído em e pelo movimento onde a objetividade é construída através de interações racionais, só há um “lugar”, um espaço onde se está situado, pois o corpo se move não como um fragmento de espaço, mas como espaço encarnado na qual conforme Husserl a existência é constituída objetivamente, onde o seres estão ao mundo, de modo que o mundo está aos seres - não há uma possível fragmentação: olhar para um objeto é vir a habitá-lo (MERLEAU-PONTY, 1996). Então seja em uma praça ou em um skatepark, os skatistas estarão realizando o mesmo objetivo de andar, porém cada um trazendo sua individualidade, um só consegue mandar manobras de solo, outro é bom em deslizar sobre bordas, outro possui manobras mais técnicas, e vai por aí em diante. Esse “corpo encarnado” implica a concepção que o corpo não é o “resultado simples das associações estabelecidas ao longo da experiência, mas uma consciência holística/ecológica da minha postura no mundo intersensorial” (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 143).

Por aclamar a percepção como principal interação do corpo no/com o mundo, tais movimentos são considerados alternativos ao tradicional (cartesiano, materialista, positivista), onde é implicada uma relação dialógica e não-fragmentária. Toda consciência faz parte de alguém ou de alguma coisa, a motricidade pode ser concebida

como a intencionalidade dessa consciência, de um corpo que gera significado existencial através do movimento. O conceito de transcendência precisa se estender para além do ser mais, é compreendido como um tecido sensorial de sobrevivência compartilhado por todos os seres vivos que os impele ao movimento e à interação constantes. Um skatista no ônibus até o seu destino observa os mais diversos lugares buscando uma variedade de obstáculos para poder utilizar, quando identifica compartilha com os amigos que andam para assim que possível irem experimentar, onde para os superar é necessário cada vez uma pequena evolução. Quanto a intencionalidade não há distinção, da mesma forma que um humano bebe água com sede, o passarinho bebe, e a árvore puxa água do chão para se nutrir exemplo de mundos/ambientes significados, construídos por meio de interações intercorpórea-mundana e existencial, que invariavelmente são mutuamente presenciadas, co-constituídas e recíprocas (RODRIGUES, 2017), há skatistas que andam bastante para participarem afiados de campeonatos, enquanto há também os que nunca foram há um e anda só por diversão, o que não quer dizer que quem opta por campeonatos não se divirta, assim como quem anda por diversão também alcança os mesmos níveis, assim como há skatistas que curtem mais andar em pista, outros mais na rua, outros em bowls, e assim por diante, todos esses tem algo a aprender um com o outro, tudo isso fruto das suas experiências anteriores e influências adquiridas no processo. No fim o skate se autentica significativamente como um estilo de vida muito próprio, acompanhado de trilhas sonoras e roupas fora do padrão comum de moda, indo desde camisa colada e calça rasgada à bermudão e regata larga, sem distinção de raça ou gênero, além de estar sujeito a muitas normas sociais e recriminação, que desfavorecem a prática por sua expressividade e liberdade quase sem limites, mas uma vez subida em cima do carrinho a certeza é que a sensação é de levantar voo, e depois de experimentado fica difícil impedir de voar.

4 ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Trocando ideia: análise das entrevistas com roteiro pré-definido/estruturado e dos diálogos sobre as respostas das entrevistas com os entrevistados

Relação com meio ambiente/natureza

Essa categoria traz unidades de significado que se referem as relações construídas com o meio ambiente/natureza através das vivências proporcionadas pelo

skate. Essas relações aparecem principalmente pela valorização da experiência única ou da diversidade da experiência. As unidades 1.14, 3.8 e 3.17 são exemplos da valorização da experiência única, onde ficam evidenciados aspectos tanto da relação com o meio e com os outros, quanto consigo mesmo:

1.14 "uma das melhores experiências"

3.8 "ando por curti"

3.17 "amizades"

As unidades 1.13, 1.21, 3.9, 3.14, 3.15, 3.18, 4.2, 4.4, 4.10 já evidenciam a valorização da diversidade de experiência, com aspectos diversos desde a interação que a prática leva, as diferentes experiências que se desenvolvem e até uma nova perspectiva dos ambientes perante a visão do skatista:

1.13 "várias vivências"

1.21 "visão a mais da estrutura da rua"

3.9 "skate é tempo"

3.14 "experiências da rua"

3.15 "pico de skate é a rua"

3.18 "vivências"

4.2 "vivência"

4.4 "gostava de ver"

4.10 "ter rolê melhor"

Outra relação que aparece muito é a da viagem, novos contatos são sempre atrativos a perspectiva exploratória do skate, seja para curtir os "picos" desconhecidos, para ir andar com os amigos e até mesmo competir em campeonatos, onde rola a troca de experiências e a possibilidade de mais uma aprendizagem aos envolvidos, como mostram as unidades 1.15, 1.17, 1.18, 1.20, 1.24:

1.15 "viajar"

1.17 "desfrutar dos picos"

1.18 "aprendizagens"

1.20 "viver em ambientes que não viveria"

1.24 "desbravar os ambientes da rua"

Relações com a brincadeira, o jogo e o esporte

As unidades de significado enquadradas nessa categoria se referem a como a prática do skate é percebida visto as possibilidades da mesma acontecer conforme os conceitos de brincadeira, jogo e esporte. O principal diálogo que apareceu foi em relação ao anseio da maioria dos skatistas andarem em busca de um patrocínio, que é uma forma de ter como se profissionalizar no esporte e assim viver dele, participando dos campeonatos para mostrar sua habilidade e construir um nome no cenário do skate, conforme as unidades 1.8, 1.11, 2.6, 3.7, 3.10, 3.13, 4.9, 4.11, 4.15:

- 1.8 "interesse de patrocínio"
- 1.11 "profissional"
- 2.6 "profissional"
- 3.7 "andava em busca de patrocínio"
- 3.10 "skate como dinheiro"
- 3.13 "viver do skate"
- 4.9 "competições"
- 4.11 "campeonato"
- 4.15 "profissão"

Além do lado profissional também apareceram os diálogos de ter sido o primeiro esporte praticado, como também a atividade a opção de atividade física escolhida, assim como também o único que o indivíduo se adaptou, além da relação do contato como uma simples brincadeira sem maiores interesses e o custo que a prática requer como por exemplo manutenção/aquisição de equipamentos, conforme os itens 1.1, 3.1, 4.1, 4.6, 4.14:

- 1.1 "começou como uma brincadeira"
- 3.1 "se viu no esporte bem"
- 4.1 "primeiro esporte"
- 4.6 "atividade física"
- 4.14 "é um esporte caro"

Risco; aventura; radical

As unidades de significado que aparecem nessa categoria estão diretamente relacionadas à caracterização das experiências descritas a partir de elementos de risco,

da aventura ou que trazem a ideia de “radical”, associados, especialmente, a sensações de adrenalina e de medo, ressaltado pelos indivíduos a dificuldade de aprender as manobras, as quais não são possíveis sem muita insistência, o que inclui desde leves à graves tombos, conforme 2.10:

2.10 "insistir"

Benefícios e sensações positivas

Essa categoria apresenta as unidades de significado nas quais se destacam como características das experiências descritas nos diálogos diferentes benefícios e sensações positivas. Dentre as sensações positivas estão coisas desde a mudança de humor, sensação de liberdade, leveza e satisfação, conforme os itens 1.6, 1.16, 1.23, 2.11, 2.15, 3.2, 3.3, 3.19, 3.20, 3.21, 4.3, 4.5, 4.7, 4.12, 4.13, 4.19:

- 1.6 “muda o humor”
- 1.16 "experiência inesquecível"
- 1.23 "sensação de liberdade"
- 2.11 "foi o que mais me contagiou"
- 2.15 "despreocupado"
- 3.2 "livre"
- 3.3 "é foda"
- 3.19 "voando”
- 3.20 "cê se sente nas nuvens quando tá andando"
- 3.21 "esquece tudo"
- 4.3 "ficava olhando meio que encantado"
- 4.5 "válvula de escape"
- 4.7 "algo que faz bem pra alma"
- 4.12 "me sinto bem andando de skate"
- 4.13 "não tem como explicar"
- 4.19 "livre"

Dentre os benefícios foram encontrados o skate como base da construção das próprias virtudes, como foco, humildade, persistência, dedicação, superação e paciência, como também a percepção da mudança da forma de pensamento e sentimento de

evolução por parte dos skatistas, conforme as unidades 1.7, 1.22, 2.1, 2.2, 2.8, 2.9, 3.4, 3.5, 4.8, 4.16, 4.17:

- 1.7 “muda tudo do dia a dia”
- 1.22 “agregou muito em minha vida”
- 2.1 “mudou muito a minha vida”
- 2.2 “o skate foi a base”
- 2.8 “humildade”
- 2.9 “persistência”
- 3.4 “além de evoluir fisicamente e mentalmente”
- 3.5 “aprendo muita coisa com o skate”
- 4.8 “você si supera”
- 4.16 “paciência”
- 4.17 “determinação”

Relação sentimental

As unidades de sentido dessa categoria identificam uma ligação sentimental entre o praticante e o skate, onde surgem por exemplo diálogos da intimidade da relação do skate, como cada um sente, de como o skate se tornou algo além de uma prática e que já se expressa como uma paixão, como pode ser um refúgio para momentos de sentimentos como raiva e tristeza e ao mesmo tempo o motivo de muita felicidade, conforme os itens 1.3, 1.4, 2.3, 3.6:

- 1.3 “algo que vai muito do coração”
- 1.4 “virou uma paixão”
- 2.3 “amor”
- 3.6 “brinco que sou casado”

Opção de lazer

Todas as unidades de significado enquadradas nessa categoria trazem características que relacionam o skate com contextos de lazer, inclusive o contextualizando como experiência de lazer e isso como motivo de ter sido a opção como prática, conforme os itens 1.2, 1.12, 3.23:

- 1.2 “se tornou um hobby”

1.12 "diversão"

Cultura e identidade

As unidades de significado que se encontram nessa categoria estão diretamente relacionadas a características que evidenciam a potencial formação de culturas e identidades a partir do skate. Nesse sentido, os textos destacam como a cultura específica criada/legitimada nos limites temporais e espaciais das experiências com o skate pode refletir na identidade do indivíduo que, ao ter essas experiências com frequência, começa a incorporar essa cultura específica em seus modos de pensar e agir. Se destacaram diálogos de aspectos formadores da identidade em si do indivíduo como uma relação de não se imaginar mais sem o skate e de se espelhar no estilo de vida que o skate abrange, conforme os itens 1.5, 2.4, 2.7, 2.12, 3.12, 3.16:

1.5 “não consigo mais viver sem skate”

2.4 "o skate pra mim agora é tudo"

2.7 "ter o skate pro resto da vida"

2.12 "eu queria ter um estilo de vida daquele"

3.12 “sonho de todo skatista ter um patrocínio bom"

3.16 "malandragem da rua"

Os aspectos que configuram a cultura do skate surgiram através de diálogos que citam a coletividade da tribo skatista, a essência e o estilo de viver que os seus praticantes acabam tendo contato por ser característico da prática, conforme os itens 1.9, 1.19, 2.5, 2.13, 4.18:

1.9 "perder a essência"

1.19 "influenciado a forma de vestir, pensar"

2.5 "reuniu a galera todinha que eu ando"

2.13 "comecei a andar com a ajuda do brother"

4.18 "influência de pessoas próximas que praticavam"

4.2 Quem é tu no rolê? Análise das autodescrições em narrativas dos próprios sujeitos, das descrições dos sujeitos por terceiros e dos perfis sociais

Gabriel Lopes Seara

Em sua autodescrição, o Gabriel optou por inserir um vídeo que fez junto com um colega em Vitória da Conquista há vários anos atrás, onde ambos mandam várias manobras num skatepark de lá, o mesmo ressalta que o vídeo expressa sua paixão pelo skate e pelas amizades envolvidas.

Na descrição por terceiros, seus amigos ressaltam aspectos como ser um amigo irmão, o qual comemoraram bons momentos, e tem a capacidade de ser motivador em momentos ruins, sendo dotado de fraternidade e filantropia. Além de ser um cara gente boa, engraçado. Sua namorada o considera uma pessoa especial, amável, positivo e verdadeiro, vendo o sempre disposto a ajudar, não se dando mal com ninguém e principalmente amando o skate, o qual é descrito que leva onde pode e que tem o dom para isso.

Na sua linha do tempo do Facebook a predominância foi de postagens relacionadas as vivências na natureza, categoria a qual o skate dominou, seguido de muitas postagens relacionadas as relações sociais, como também uma variedade de postagens sobre arte, algumas sobre viagem, que inclusive incluem skate, duas sobre trabalho, e nenhuma publicação política. Nas suas fotos do Facebook vivências na natureza continua predominando ainda seguido de imagens de relações sociais, a categoria viagem ganha destaque com muitas imagens, aparece mais algumas fotos com relação a trabalho, enquanto as categorias arte e política não aparecem nenhuma vez. Nas suas fotos do Instagram, relações sociais junto com vivências na natureza prevalecem, onde aparecem muito skate, situações com amigos de rolês, familiares, amigos de faculdade, as viagens ganharam maior destaque, tanto à passeio quanto à rolê, a relação de trabalho continua aparecendo como nas outras categorias, porém no quesito arte só aparece uma única, assim como política que é um tema o qual o indivíduo quase não aborda nas redes e não aparece nenhuma vez.

Yoran Rayckard Nascimento Santos

Yoran se descreve como natural do interior do estado, Estância, estudante universitário de História, além de poeta, repentista e MC, mostrando contato com diversas formas de artes, além de se dizer apaixonado pela vida e pelos familiares, atuando também como militante social e skatista nas horas vagas.

Entre as descrições por terceiros os amigos o ressaltaram como um amigo irmão, leal, honesto e simples, digno de confiança, além de humilde e sábio, capaz de ajudar um amigo quando o mesmo precisa, além de reconhecer seus erros. Incentiva a arte

entre os próximos, o que levou seu amigo de apenas 14 anos (e um dos seus descritores) a ter contato com o rap e fechou com um grupo com ele, além de reconhecido como compreensivo, citado como uma pessoa especial e dotado de um senso de justiça afiado, correndo atrás do que quer e tendo uma forte relação familiar, seja pra momentos afetivos quanto pra realizar críticas.

A maioria de suas postagens da linha do tempo de Facebook se relaciona a arte, principalmente relacionado ao rap já que o mesmo canta, assim como bastante também de política, o que o mesmo citou ser ativo na sua autodescrição, várias postagens de relações sociais, assim como também na mesma proporção foram encontradas postagens referentes a trabalho e educação, seguida de algumas de meio ambiente, além da emergência de duas novas categorias, literatura e história as quais apareceram na mesma proporção, 2 vezes, sem aparecer nenhuma publicação relacionada a viagens. Em suas fotos do Facebook aparece mais ativo as relações sociais, assim como trabalho e meio ambiente aparecem na mesma proporção as quais receberam atenção em várias postagens, seguidos da nova categoria culinária, algumas de literatura, duas de arte assim como duas das novas categorias criadas educação e família, aparecendo uma única postagem de viagem e história, e política sem marcar presença. Em suas fotos do Instagram a maioria das postagens são de trabalho na mesma proporção que de arte, mostrando o quanto o mesmo relaciona seu lado pessoal e profissional, aproveitando os benefícios das redes também no lado artístico, além de aparecer bastante postagens ligadas as relações sociais mostrando o quanto o mesmo é interativo, várias postagens de meio ambiente mostrando certa sensibilidade à natureza em todas as categorias, assim como na mesma proporção a nova categoria culinária deixa clara a relação do sujeito tem classificando várias postagens, algumas postagens de literatura, que apareceu em todas as categorias ao menos algumas vezes, duas de viagens, que no geral qual apareceu tanto, assim como duas de família que apareceu no geral tanto quanto a categoria viagens, e uma única política, ao contrário da primeira categoria que apareceu bastante, o que mostra que o mesmo opta por não trazer essas relações para essa sua rede.

Vitor Vinicius da Cruz Lima

Na sua autodescrição o Vitor optou por anexar um desenho que ele fez auto representativo dele andando de skate com umas roupas hippies, deixando bem claro sua opção cultural alternativa, fumando e com um graffiti ao lado escrito “skate or die”,

frase que significa “skate ou morra” representando a intensa forma que o mesmo lidar com o skate, tão envolvido com a prática que está disposto a praticar até o fim da vida.

Na descrição dada por seus amigos apareceram aspectos o descrevendo como um cara guerreiro e humilde, ressaltando sua origem periférica, assim como multi talentoso em diversas artes, como por exemplo ser um desenhista. Foram descritos também aspectos de ser um bom amigo conselheiro, assim como divertido e focado quando precisa. Sem dúvidas é reconhecido como skatista e artista, onde sempre marca presença nos rolês, alternativo e é reconhecido por mostrar uma visão diferenciada.

Na sua linha do tempo do Facebook suas postagens apareceram principalmente ligadas as relações sociais, mostrando o quanto o mesmo é um sujeito interativo tanto com a família e principalmente seus amigos, assim como também mostrou bastante atividade no campo político, inclusive como militante, as artes não ficaram pra trás visto que o mesmo é artista, mais especificamente desenhista, suas postagens com relação às viagens nessa rede se mostrou pouca, assim como possuiu no recorte apenas uma vivência na natureza, e trabalho e meio ambiente não aparecendo nenhuma vez. Nas suas fotos do Facebook predominou também as relações sociais, principalmente imagens com amigos, ressaltando a coletividade, seguida da arte a qual marcou bastante presença inclusive de seus desenhos autorais, assim como viagens apareceu aspectos de suas viagens de militância e pra andar de skate, relações de política aparecendo em um mesmo quantitativo, meio ambiente e vivência na natureza já se diferenciaram da categoria anterior aparecendo em sua maioria vivências na natureza, seguido de algumas imagens com relação com o meio ambiente, trabalho aparecendo apenas 1 vez. Nas fotos do Instagram o quantitativo já é menos, possuindo apenas em sua maioria vivências na natureza, claro que entre elas skate, seguido de algumas imagens de relações sociais, viagem e arte no quantitativo de duas postagens cada, política que anteriormente aparece destacado agora possuindo apenas uma postagem, e meio ambiente nenhuma, aparecendo algumas vezes na segunda categoria, o qual mostra que o sujeito não se engaja tanto em questões ambientais, assim como trabalho que não aparece nessa categoria e que no geral aparece apenas uma vez na segunda categoria, deixando claro o quão o sujeito separa os seus perfis sociais do seu lado profissional.

Jefferson da Silva Santos

Jefferson descreve a si mesmo como um cara pacífico, tranquilo, empático e animado, sempre gostando chegar no rolê pra animar, assim como gosta de games de

computador e ressalta sua paixão pela tecnologia, sendo adepto de um passeio na praia, assim como se reconhece como um cara dedicado, dizendo o quanto o skate o ensinou esse aspecto assim como outros, como por exemplo de respeito ao próximo e perseverança, reconhecendo a contribuição da prática na formação do que ele é atualmente tanto quanto sua família.

Na sua descrição por seus amigos apareceram aspectos como lealdade e receptividade, além de ser descrito como alguém construtor de grande significado na vida de sua amiga, que o descreve como um sujeito compreensivo e persistente, que sempre transparece bastante a sensação de cumplicidade, sem aspectos negativos a reclamar. Sua namorada o descreve como alguém muito pé no chão e com o pensamento à frente da sua idade, bom conselheiro e que sabe agir com conveniência, assim como também foi descrito que o mesmo possui o dom de se atrasar bastante, o que não influencia na sua sinceridade e no quanto leva suas amizades a sério, sendo um bom amigo até pros piores momentos.

Na sua linha do tempo do Facebook a grande maioria de suas postagens analisadas se referem as relações sociais, se mostrando um cara bastante interativo entre as pessoas que se relaciona, seguido por algumas postagens de vivência na natureza, a qual o skate figura maior presença, seguido de uma pequena parcela de arte, algumas políticas, e uma única de meio ambiente, sem aparecer nenhuma de viagem e trabalho. Nas fotos do Facebook agora se destacam as vivências na natureza, dominadas pela prática do skate, seguida na mesma proporção de relações sociais, algumas de arte, poucas de viagens, e nenhuma de trabalho e política. Nas fotos do Instagram contrariamente as categorias anteriores a incidência das maiorias das suas postagens é no campo da arte, seguida de várias vivências na natureza, em sua maioria relacionadas com o skateboard, como em todas as outras várias relações sociais, uma única de viagem, como em todas as outras nenhuma de trabalho, comprovando no recorte que o mesmo não leva nada desse aspecto para suas redes sociais, e nenhuma de política, que aparece apenas uma vez na primeira categoria, o que deixa claro que o sujeito também não envolve quase nada essa questão nos seus perfis sociais.

Pontos evidentes

Feita a análise dos dados recolhidos de cada indivíduo em seus discursos é possível encontrar diversos pontos em comum, nas suas autodescrições surgem fácil o aspecto da intensa relação com a prática, que chega explicitamente a ser considerada

como uma paixão, mostrando o quanto a ligação do indivíduo com a prática tem tendências a ser muito forte, figurando uma relação de intimidade que é considerado parte do seu aspecto pessoal, se tornando parte de sua autodescrição, e que inclusive é reconhecido como elemento que ensinou virtudes e se tornou parte importante da construção da sua identidade. A arte também aparece como algo manifestado paralelamente a prática de skate, mais especificamente em um caso de um desenhista, e de um MC e poeta, mostrando-se outras facetas desenvolvidas, porém sem o diálogo da influência que o skate possa ter tido nisso. Transcendendo tudo isso ainda aparece também o diálogo de firme ligação com a família, que deve sofrer bastante influência com base na aceitação da mesma em relação a prática, visto ser considerado um esporte radical, no qual é logo levado em conta seus riscos.

A análise da descrição por terceiros identificou nos diálogos aspectos como os sujeitos serem considerados “amigo irmão”, onde aparecem repetidamente inúmeras virtudes como persistência, filantropia, lealdade, humildade, cumplicidade, simpatia, compreensão, sabedoria, talentos e dom para o skate, relação de carinho e com a família, além de aparecer explicitamente em alguns casos a consideração de serem especiais, o que comprova muito do diálogo dos próprios indivíduos sobre os aspectos construídos através das vivências do skate.

Comparando as análises dos perfis sociais foi possível notar que as publicações de relações sociais no geral são as mais constantes, o que dá para entender visto que são justamente redes sociais e o que lhes caracterizam principalmente é a interação indivíduos, em seguida marca enorme presença as vivências na natureza através do skate, os quais possuem diversos registros da prática expostos com orgulho, o meio ambiente ganha um espaço tímido mas já identificado entre várias postagens, a viagem e a arte aparecem numa frequência parecida a qual suas frequências oscilam bastante e comparado aos outros política e principalmente trabalho são aspectos que quase não são trazidos para as relações de suas redes sociais, deixando claro um uso mais pessoal das redes.

4.3 Na session: análise das narrativas dos entrevistados sobre suas vivências na natureza, das etnografias em movimento e do glossário de expressões

Analizando o material colhido em campo foi possível perceber diversos pontos significativos nas narrativas dos entrevistados sobre suas vivências, onde o skate

aparece como uma prática libertadora, proporcionadora de momentos singulares satisfatórios, uma forma de expressão, distração das coisas cotidianas e com alto potencial lúdico, sendo considerado o rolê um espaço de troca de experiências e de socialização aberto a novas pessoas com interesse em somar ao grupo, num grupo onde só é preciso levar o skate, escolher o pico, e suar a camisa aprendendo e ajudando seus companheiros, sendo um lugar de aprendizagem mútua.

Nas etnografias em movimento foi possível notar muito do que foi narrado pelos indivíduos, onde apesar de serem muitos diferentes a dinâmica do rolê foi bastante semelhante, iniciavam com um aquecimento ou algo parecido, alongamentos e umas remadas pelo ambiente, até pra verificar suas condições, se não há buracos ou pedras que possam atrapalhar. Foi reparado o constante contato entre os skatistas, alguns menos durante o rolê, preferiam focar no rolê até cansar e ir descansar perto do resto da galera, enquanto outros intercalavam sem problemas umas manobras e uma troca de ideia com seus companheiros. Uma demonstração explícita do preconceito que o skatista passa foi já próximo da pista eu e um dos entrevistados fomos seguidos por um carro da polícia encima da passagem de pedestres, atitude claramente intimidadora, a qual inclusive o skatista se acostuma. Ficou evidente a relação de persistência necessária, a qual todos os indivíduos passaram por tombos para conseguir alguma manobra, mas nada grave e que não fosse compensado a felicidade demonstrada com o acerto. Quando o skate é praticado na rua atrai bastante a atenção das pessoas ao redor, gerando tanto reprovação quanto admiração, que quando percebida muitas vezes se torna combustível para o skatista se dedicar mais, assim como a percepção da reprovação pode influenciar negativamente.

O glossário de experiências construído caracteriza muito bem significados criados pela experiência do skatista, e que são necessários serem entendidos para a própria prática, os quais se manifestam como por exemplo através das gírias, entender que carrinho é sinônimo de skate, que o rolê ou session é uma volta de skate, que os picos são os locais utilizado para andar, assim como também existe a linguagem das próprias ações sobre o skate, como remar que é o impulsionamento do skate, a trick é uma manobra, mandar no gás é executar rápido, além de termos técnicos, como saber sua base (goofy, regular ou mongo), dropar que é descer uma rampa e marretar que é acertar uma manobra bem executada, varar que é ultrapassar um obstáculo. Todo esse montante de expressões criado no universo skatista vem se acumulando conforme as gerações e hora ou outra aparecem novas, fruto dos novos contatos dos indivíduos com

a prática, a qual possui um portfólio linguístico que o indivíduo que se inicia na prática acaba absorvendo quer queira ou não, devido a transcreverem tudo o que rodeia o rolê.

4.4 Tô dentro da sessão! Análise dos diários de campo e das autonarrativas

A relação com o skate propicia inúmeras situações inesperadas ou no mínimo curiosas, ao fazer alguns registros de diários de campo e autonarrativas foi possível trazer separar alguns pontos significativos, inclusive possíveis de comparar com as narrativas dos outros sujeitos e suas vivências e identificar as semelhanças que tem bastante incidência mesmo havendo várias formas de se dá um rolê. Podemos começar com a relação de persistência construída pelos skatistas em busca de acertar uma manobra, não importa o quanto isso custe o objetivo da manobra é tentado, muitas vezes nem que seja até que as energias se esgote e seja fim de rolê, o que muitas vezes é realidade visto a complexidade de algumas manobras, e uma evolução que só ocorre exatamente dessa forma, progressiva, através da repetição. O desejo de mandar uma manobra muitas vezes beira as margens da moralidade/legalidade, já que muitos picos ótimos as vezes são privados ou simplesmente proibidos de se andar de skate, o que se torna um desafio a mais conseguir marretar ali, coisa que muitas vezes dá certo, e outras que acabam no mínimo com um bate boca,

Foi possível perceber a influência que a reprovação por parte das pessoas causa, coisa que não afeta muito a maioria dos skatistas mas que acaba tirando um pouco de foco momentâneo, o que pode significar algumas tentativas a mais em uma manobra que já é difícil, assim como também foi percebido como o estímulo principalmente por parte dos seus amigos de rolê consegue instigar o indivíduo a tentar a manobra de forma que o mesmo acaba conseguindo acertar antes do que imaginava. Entre a maioria dos rolês no Cara de Sapo Skatepark sempre havia um momento que alguma galera juntava a grana que tinha e ia comprar de skate num mercado próximo a pista rango pra comer sentado numa escadaria e continuar na session, visto que é bem fácil um rolê iniciar numa tarde e terminar apenas no outro dia de manhã. É possível notar também que muitas pessoas que não andam de skate vão ao Skatepark seja pra admirar, seja pra beber, ou apenas sentar no halfpipe gigante conversar com os amigos, o que mostra o quanto agradável e tranquilo (apesar de ter muitas pessoas) é o ambiente. Uma situação que mostra o quanto a cumplicidade é presente foi um rolê com os brothers do interior, vieram num sábado a tarde apenas de skate e mochilas e ficamos andando até o

domingo de manhã, o qual pegamos uma praia (que fica ao fundo da pista logo cedinho) e sem dúvidas foi uma experiência de ligação com a natureza surreal, desde o primeiro dia entrando na pista, ao segundo saindo do mar.

Um episódio curioso foi quando eu tava andando e tinha uma menina tentando uma manobra que eu sei mandar, comecei a dividir um obstáculo com ela, enquanto ela usava como gap (local mais elevado que o nível do solo, de onde se salta fazendo manobras) e eu como borda pra treinar manobras de slide, após um tempo parei e fiquei só observando tanto meu brother quanto ela, quando estava me decidindo a dá uma dica pra ajudá-la, noto que ela tava com um grupo e que o namorado dela era um dos caras que praticavam BMX, então me mantive na minha e não interferei pra não ser mal interpretado pelos demais, visto que eles eram locais e eu não andava tanto na pista, assim como ocorreu um pouco depois eu e um brother mandando algumas num corrimão revezando com outro cara, no intervalo entre as nossas vezes, um atleta amador que eu já havia visto outras vezes na pista veio do lado oposto que nós em direção ao corrimão e mandou uma variação um pouco mais difícil da manobra que treinávamos, inclusive diferente de nós deslizando por todo o corrimão, atitude que sem dúvidas foi intimidadora/desafiadora, mas de forma sadia, encarei como uma demarcação de território.

Não há dúvidas de que cada rolê acontece do seu jeito, bem diferente de como outras práticas e esportes se manifestam e se delimitam, porém entre suas individualidades andando de skate sempre estaremos junto a satisfação de mandar uma manobra que acha linda, aprender algo novo, estar entre os amigos e desbravar novos picos, assim como também preparado para lidar com os empecilhos que acontecem, seja discriminação, seja remendar o tênis que rasgou de tanto chutar manobra para continuar andando, ou seja pra ir atrás do rango para se manter na pista por mais tempo, o skatista com o tempo aprende também a capacidade se tornar maleável, já que seu hábitat skatista é o mundo, e cada pico trará um desafio novo a ser vencido (ou varado/dropado).

5 CONCLUSÕES

Com base em todo material reunido é possível ter uma perspectiva de como as relações do indivíduo com a natureza através do skate constroem um significado intrínseco no estilo de vida do skatista, o qual conforme vai tendo contato e vivenciando a prática com certa frequência, cria uma ligação muito forte, que na maioria dos casos se manifesta até sentimentalmente, figurando a importância que o skate ganha no seu cotidiano.

Indo além ficou bastante evidente o quanto os aprendizados através das vivências do skate se tornam parte da identidade do sujeito, visto a quantidade de virtudes que os mesmos relataram ter adquirido, como, por exemplo, a perseverança, a qual se faz construída principalmente nas inúmeras tentativas que o skate requer até a execução correta da manobra; a humildade, ajudando como puder um skatista mais iniciante, que esteja, por exemplo, tentando alguma manobra que o outro já sabe, visto que é bem mais fácil apontar uma correção visto de fora do que da própria visão do sujeito que tenta; além de paciência para evoluir progressivamente e não se desestimular enquanto não consegue mandar algumas manobras que queira, virtudes essas que inclusive foram citadas bastante nas descrições dos indivíduos por terceiros, assim como uma sensação de liberdade, de auto exploração e satisfação enquanto se está andando, descrito também como uma sensação de estar completo.

O skate acontece principalmente na rua, algo que remete muito à prática ser considerada alternativa, avessa ao tradicionalismo. Mesmo os skateparks sendo ambientes criados na tentativa de reproduzir seus obstáculos, a prática traz uma perspectiva de visão para o seu praticante que passa a reconhecer os ambientes de uma forma além, ressignificando estruturas pré-elaboradas para suas funções comuns dando a elas novas possibilidades de uso, assim, novos significados, se tornando picos para andar de skate, que acabam sendo divulgados entre os amigos e passam a ser explorados em busca de diferentes manobras. A união que se forma entre os praticantes de skate, principalmente dos mesmos picos, é algo muito significativo e que surge também como um dos principais motivos estimulantes da prática, seja se reunindo para viajar para campeonatos, conhecer outros picos, dividir comida para se manter no rolê, ou trocarem experiências entre as manobras, fazendo assim do skate tanto uma prática consideravelmente singular, quanto coletiva.

Os estudos nacionais sobre o skate na área da Educação Física ainda são em números tímidos, mas mostram que os trabalhos seguem para um mesmo limiar de apontamento. Em sua maioria, buscam entender os aspectos culturais, assim como ligação entre a prática e a identidade do indivíduo, além da relação do indivíduo com os ambientes que passa a ter contato, características que se mostraram extremamente fortes de se identificar entre os estudos e que comprovam como a prática, conforme se constrói junto ao sujeito, se manifesta como um estilo de vida e uma cultura a qual se mantém viva no indivíduo. A partir da vivência compartilhada dessa cultura, skatistas reconhecem seus pares em situações que acabam fortalecendo uma amizade para o resto da vida e que, independente do tempo que passe, continua proporcionando uma sensação de êxtase, liberdade e de voar, que só se sente junto ao vento no rosto sobre o carrinho.

6 BIBLIOGRAFIA

BERGAMASCHI, E. G.; ZANETTINI, J. T. As skatistas de Porto Alegre: comportamentos emergentes de consumo entre as adolescentes praticantes do esporte. Disponível em:

<http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/5610/Elisa+Graef+Bergamaschi_.pdf;jsessionid=059C065906058C1ABD97710009CDB135?sequence=1> . Acesso em: 27 ago. 2018.

OLIVEIRA, C. G.; PIMENTEL G. G. A. Fatores associados à prática do skate. Disponível em:

<<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/3553>>. Acesso em: 10 out. 2017.

BARRETO, A. A.; BARROS, S. M.; OLIVEIRA, C. R. J. Gosto musical e hexis corporal: a questão do estilo na prática do skate de rua em Ponta Grossa-PR. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29n50p50>>. Acesso em: 27 set. 2017.

RAMPAZZO, M.; STIGGER, M. P. Jovens praticantes de skate e seu cotidiano. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/41064>>. Acesso em: 27 set. 2017.

TEIXEIRA, P.; PIRES, G. L. **Lazer sobre rodas no cartão postal: identidades e socialização no Skatepark em Aracaju/SE.** Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/107398>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

VELOZO, E. M.; DAOLIO, J. **O skate como prática corporal e as relações de identidade na cultura juvenil.** Disponível em: <<https://rieoei.org/historico/documentos/rie62a12.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

TEIXEIRA, J. C.; CORREIA, J. M.; FREITAS, G. S. **O skate em Rio Grande/RS: rascunhos de uma história oral.** Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/6csbce/sul2012/paper/downloadSuppFile/4352/3966>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

FIGUEIRA, M. L. M.; GOELLNER, S. V. **Skate e mulheres no Brasil: fragmentos de um esporte em construção.** Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/254>>. Acesso em: 20 jan. 2018

FREITAS, H. H. et al. **Skate, sociabilidade e consumo no lazer: a percepção do lícito e do ilícito.** Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1528>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

TEIXEIRA, J. C.; SILVA, M. R. S. **Skatistas “correndo pelo certo”: normalização e produção de subjetividades na contemporaneidade.** Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/68891>>. Acesso em: 27 set. 2017.

OLIVEIRA, G. **Skateboard para além do esporte: manifestação social e movimento cultural.** Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/2680/1/2011_GiuslainedeOliveiraDias.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2017.

FIGUEIRA, M. L. M.; GOELLNER, S. V. **Quando você é excluída, você faz o seu: mulheres e skate no Brasil.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332013000200014&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 29 ago. 2017.

HONORATO, T. **A esportivização do skate (1960-1990): relações entre o macro e o micro.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892013000100009>. Acesso em: 21 jan. 2018

BRANDÃO, L. **A introdução dos esportes californianos no Brasil: apontamentos para o início de uma discussão.** Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/459>>. Acesso em: 21 jan 2018.

GRAEFF, B.; STIGGER, M. P. **O segredo do sucesso: apontamentos sobre a trajetória social de skatistas profissionais.** Disponível em: <<http://repositorio.furg.br/handle/1/1333>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

BRANDÃO, L.; MACHADO, G. M. C. **O skate na era dos megaeventos - a Mega Rampa e o espetáculo do Ilinx.** Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/661>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

NEIRA, M. G. **Etnografando a prática do skate: elementos para o currículo da Educação Física.** Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1861>>. Acesso em: 29 jan. 2018.

ARMBRUST, I.; LAURO, F. A. A. **O skate e suas possibilidades educacionais.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1980-65742010000300028&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 29 ago. 2017.

HONORATO, T. **Relações de poder entre skatistas e escola.** Disponível em: <<http://www.uel.br/grupo->

estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais12/artigos/pdfs/comunicacoes/C_Honorato.pdf >. Acesso em: 24 jan. 2018.

MODA, R. B. **A prática do skate como tema de pesquisas em antropologia.** Disponível em:

<http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401899813_ARQUIVO_Apraticado skatecomotemadepesquisasemantropologia.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2018.

FREITAS, G. S.; TEIXEIRA, J. C. **Exercícios de memórias: a prática do skate na cidade de Rio Grande/RS.** Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/redsis/article/download/4189/2723>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

TEIXEIRA, J. C.; FREITAS, G. S.; CORREIA, J. M. **O skate como tema na produção de conhecimento em periódicos na área da Educação Física.** Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/2750>>. Acesso em: 27 set. 2017.

MACHADO, G. M. C. **Análise etnográfica da circulação de skatistas brasileiros para a cidade de Barcelona.** Disponível em: <http://www.evento.ufal.br/anaisreaabanne/gts_download/Giancarlo%20Marques%20Carraro%20Machado%20-%201020676%20-%203983%20-%20corrigido.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2018.

MACHADO, G. M. C. **Dilemas em torno da prática do street skate em São Paulo.** Disponível em: <<http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es1903.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2018.

ARAGÃO, P.; PIRES, G. L. **Lazer sobre rodas no cartão postal: TICs/mídia e socialização de skatistas da Orla de Atalaia em Aracaju/SE.** Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/licere/article/view/398>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

MACHADO, G. M. C. **“A praça é nossa”: embates em torno da regulamentação da prática do skate de rua na cidade de São Paulo.** Disponível em: <http://www.congressods.com.br/anais/gt_05/A%20PRACA%20E%20NOSSA.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2018.

MACHADO, G. M. C. **De skate pela cidade: quando o importante é (não) competir.** Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/53920>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

BRANDÃO, L. **O skate invade as ruas: história e heterotopia.** Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638915>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

STABELINI, J. C. **O skate muito além de esporte ou lazer: formas específicas de vivência e apropriação do espaço urbano.** Disponível em: <http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402015018_ARQUIVO_TextoRBA-JulioStabelini2014.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2018.

PEREIRA, J. G. S. **Um olhar socioetnográfico sobre a prática dos skatistas na 'Trinda' - Florianópolis/SC.** Disponível em: <<http://naui.ufsc.br/files/2016/06/Um-olhar-socioetnografico-sobre-a-pratica-dos-skatistas.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

FRANCO, M. A.; MENDES, M. I. B. S. Fenomenologia e Educação Física: uma revisão dos conceitos de corpo e motricidade. **Motrivivência**, Santa Catarina, v. 27, n. 45, p. 209-218, 2015.

RODRIGUES, C.; GONÇALVES, L. J. Ecomotricidade: sinergia entre educação ambiental, motricidade humana e pedagogia dialógica. **Motriz**, Rio Claro, v.15, n.4, p.987-995, out./dez. 2009

FREIRE, E. S.; SILVA, S. A. P. D.; MIRANDA, M. L. J. Valores como conteúdo da Educação Física escolar: perspectiva a partir da Motricidade Humana. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 19, n. 4, set. 2011.

TOJAL, J. B. Motricidade humana: o paradigma emergente. **Movimento**, Campinas, Ano 2, n. 3, 1995/2.


BOLSANELLO, D. Educação somática: o corpo enquanto experiência. **Motriz**, Rio Claro, v.11 n.2 p.89-96, mai./ago. 2005.

INFORSATO, C. F. FIORANTE, F. B. Corporeidade: por uma abordagem humanizadora do corpo em busca da existencialidade. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 9, n. 2, p. 135-144, 2010.


RODRIGUES, C. **Horizontes ecopedagógicos da Ecomotricidade**. Disponível em: <<http://www.motricidades.org/conference/index.php/cpqmh/7cpqmh/paper/viewFile/326/299>>. Acesso em: 07 mai. 2018.

APÊNDICE 1: Página de aprovação da pesquisa no Comitê de Ética (Plataforma Brasil)

Saúde



principal



sair

Cae Rodrigues - Pesquisador | V3.0

Cadastros

Sua sessão expira em: 39min 19

DETALHAR PROJETO DE PESQUISA

DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O MUNDO SOBRE O CARRINHO: RELAÇÕES SER HUMANO-MUNDO A PARTIR DE VIVÊNCIAS DO SKATEBOARD

Pesquisador Responsável: Cae Rodrigues

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 60888116.8.0000.5546


Submetido em: 01/12/2016


Instituição Proponente: Departamento de Educação Física

Situação da Versão do Projeto: Aprovado

Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio



Comprovante de Recepção:  PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_769932

APÊNDICE 2: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO CAAE: 60888116.8.0000.5546

Você está sendo convidado(a) para participar como voluntário(a) em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações da pesquisa, apresentadas a seguir, caso aceite fazer parte do estudo preencha as duas vias do termo com todos os dados requisitados. Uma via ficará com o(a) entrevistado(a) e a outra com o(a) pesquisador(a) responsável.

Desde logo fica garantido o sigilo das informações. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma. Reconhecendo que a participação na pesquisa oferece aos(as) voluntários(as) riscos de constrangimento, caso aceite participar da pesquisa estará contribuindo para a melhor compreensão sobre como o envolvimento com o skate influencia na visão de mundo dos indivíduos skatistas.

Se depois de consentir em sua participação o(a) Sr(a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O(a) Sr(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

- **Título do Projeto:** O mundo sobre o “carrinho”: Relações ser humano-mundo a partir de vivências do skate.
- **Pesquisador Responsável:** Cae Rodrigues
- **Telefone para contato:** (79) 991590052
- **Pesquisador participante:** Adriano Lima Sacramento
- **Telefone para contato:** (79) 999262183

O objetivo da pesquisa é compreender as formas como o ser humano se relaciona com o meio através da vivência do skate e como essas relações podem influenciar suas percepções sobre o mundo. A coleta de dados será realizada a partir de entrevistas, diários de campo e autonarrativas. Depois de reunido o conjunto de descrições, todos os dados serão submetidos à análise com inspiração fenomenológica.

Eu, _____, RG nº _____ declaro compreender as informações dispostas nesse termo de consentimento e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Ou

Eu, _____, RG nº _____, responsável legal por _____, RG nº _____, declaro compreender as informações dispostas nesse termo de consentimento e concordo com a sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa acima descrito.

Caso deseje que suas imagens **não sejam divulgadas** ao final da pesquisa marque aqui: ____

Caso deseje que seu nome **não seja divulgado** ao final da pesquisa marque aqui: ____

_____, ____ de _____ de _____
(Local) (Dia) (Mês) (Ano)

Assinatura do colaborador ou responsável legal

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE 3: Entrevistas

Colaborador 1 – Gabriel

Data: 18.01.2017

Adriano: Vou iniciar pedindo para que faça uma breve descrição de você mesmo, “quem é Gabriel”?

Gabriel: *Então, é.. eu sou natural de Ilhéus da Bahia, tenho 20 anos, curso Engenharia de Petróleo aqui na Universidade Federal de Sergipe, sou skatista amador, competidor e atleta.*

Adriano: Fale sobre o skate.

Gabriel: *Então, é.. eu ando de skate a cerca de 20 anos, é.. no início começou como uma brincadeira, só que tomou proporções maiores, é.. tipo, já viajei o nordeste todo pra participar de campeonatos, é.. tive bons patrocínios, só que devido a correria do dia a dia hoje em dia se tornou um hobby.*

Adriano: Como é a sua relação com o skate?

Gabriel: *Então, o skate, é.. é algo tipo que, vai muito do coração, é.. uma paixão que eu tenho não consigo mais viver sem o skate, mesmo se tornando um hobby, pra mim hoje em dia, é.. pelo menos duas vezes na semana eu tenho que andar, porque, tipo, se num andar já muda o humor, já, já muda tipo, tudo tudo do dia a dia, skate pra mim virou uma paixão.*

Adriano: Você observa outras pessoas se relacionando de alguma outra maneira com o skate, diferente de como você descreve sua relação?

Gabriel: *Sim sim, tem muita gente que principalmente hoje em dia tipo a galera que, que tá começando agora, é que anda muito por interesse de patrocínio, de ganhar campeonato e perde a essência do skate, que é tipo, você ter os amigos que são seus irmãos que tão ali na sessão todo dia, é.. hoje em dia muita gente que, que anda beeem, não tem essa essência.*

Adriano: Conte uma história que aconteceu com você em suas experiências com o skate e que lhe marcou de alguma maneira específica.

Gabriel: *Então, xô ver aqui.. foram várias vivências, várias, só que eu acho que.. xô ver.. eu acho que meu primeiro campeonato fora, de minha cidade, eu acho que foi uma das, das experiências melhores que eu tive em minha vida e.. tipo, eu não tinha o costume de, de viajar tinha 12 anos de idade, aí viajei com uns amigos pra, pruma cidade de Ipiatuba lá na Bahia, é.. tipo, foi.. a gente ficou em colégio, dormiu no colégio, foi uma trip irada, e eu acabei ficando em segundo lugar, tipo fiquei naquela de não ter ganho e tal, mas tipo foi uma experiência inesquecível.*

Adriano: Descreva um sonho que você tem em relação ao skate.

Gabriel: *Então, eu sonho ainda tipo, eu tenho um sonho de, de conhecer o mundo andando de skate, tipo nem que seja, não pelo skate, é.. pelo que ganho com skate, mas tipo de conhecer o mundo e poder andar de skate, desfrutar dos picos que, que tem aí ao redor do mundo, e virar profissional.*

Adriano: O que você traz do seu dia a dia para o skate?

Gabriel: *É.. eu trago do dia a dia para o skate.. eu acho que é a forma, eu acho que o skate traz mais pra o meu dia a dia, é.. basicamente o que eu vivo hoje foi o skate que me proporcionou, todas as vivências, todas as aprendizagens foi o skate que me proporcionou, então é mais o que eu, tipo, é mais o que eu vivo do dia a dia que foi proporcionado pelo skate.*

Adriano: O que você leva do skate para seu dia a dia?

Gabriel: *É então tem que.. (risos). Então, basicamente tudo que tem a ver comigo, tudo relacionado a minha pessoa foi influenciado pelo skate, a forma de me vestir, a forma de, de pensar, então, tipo, tenho uma visão a mais da, da estrutura da rua, é.. tipo, todos todos pensamentos, viver em ambientes, tipo que eu não viveria, pelo skate, conhecer muita gente diferente, é, tipo.. o skate agregou muito em minha vida.*

Adriano: Há muitas possibilidades de atividades fora de casa. Por que escolheu o skate?

Gabriel: *Então, de início foi porque meu pai tinha um empreendimento perto de uma pista de skate que abriu em minha cidade natal, e eu consequentemente tava ali perto, e... por causa disso eu comecei a, a brincar, de início, até se tornar o que se tornou.*

Adriano: Pare por alguns segundos e pense como se sente enquanto está no skate e tente colocar essa sensação em palavras.

Gabriel: *Ah o skate, você tá andando de skate é uma sensação de liberdade, é uma sensação que, tipo, eu não vejo em nenhum, que nenhum outro esporte possa me proporcionar, a sensação de você poder desbravar os ambientes da rua, é...é mais isso uma sensação de liberdade.*

Colaborador 2 – Yoran

Data: 08.05.2017

Adriano: Vou iniciar pedindo para que você faça uma breve descrição de você mesmo. Então minha pergunta é: “Quem é Yoran Rayckard Nascimento Santos?”.

Yoran: *Sou um jovem estanciano, poeta, rapper, e o que mais...estudante, um cara que acredita numa sociedade mais justa e igualitária.*

Adriano: Fale sobre o skate.

Yoran: *Rapaz o skate pra mim acho que foi o primeiro esporte assim que eu pude ter um maior contato, e uma vivência mais.. como eu posso dizer, proveitosa porque antes quando eu era pequeno meu pai me levava pra escolinha de futebol, mas não tinha dom pra jogar bola, sempre aquela velha dificuldade de se encaixar naquelas atividades mais tradicionais, aí, vim alguns rapazes lá do meu bairro andando, e ficava olhando meio que encantado, ainda era.. tinha pouca idade, mas já gostava de ver as manobras, a manei- a maneira como o skate girava e os cara ainda conseguia cair encima, isso despertou o meu desejo de, é.. praticar.*

Adriano: Como é sua relação com o skate?

Yoran: *Tipo o skate pra mim é meio que, como é que eu posso dizer, uma válvula de escape tá ligado? Algo que além de ser uma atividade física, é algo que faz bem pra, pra alma tá ligado? Você se sente bem praticando, você se supera, e isso é...legal.*

Adriano: Você observa outras pessoas se relacionando de alguma outra maneira com o skate, diferente de como você descreve sua relação?

Yoran: *Sim, porque lá na minha cidade ultimamente tem crescido o número de skatistas e eu percebo que muitos jovens tão mais, é.. voltados pra participar de competições, alguns pra, sei lá.. ter um rolê melhor, pra também conseguir participar quem sabe de algum campeonato, eu não anseio participar de competição, ando porque gosto mesmo da prática, me sinto bem andando de skate, sei lá, e quando você consegue tirar uma manobra que você não conseguia antes é algo que alimenta e que estimula a cada dia mais você só querer, querer, querer andar, então não tem nem como explicar, mas pra mim essa relação é bem clara, eu observo outras pessoas que andam também e vejo que os objetivos são diferentes, e a relação que as pessoas tem com, com a prática do skate.*

Adriano: Conte uma história que aconteceu com você em suas experiências com o skate e que lhe marcou de alguma maneira específica.

Yoran: *Rapaz uma vez, como eu moro num bairro um pouco, distante do centro num bairro da periferia, e uma vez pra chegar até lá na praça fui remando, pela pista mesmo, nisso tem uma ladeira que dá em uma ponte lá embaixo né? E aí eu, sempre acostumado a descer naquela ladeira, nesse dia sem querer me desequilibrei lá embaixo rapá acabei capotando, tomei um ralão bem, daquele tronxo, e ainda fiquei com as costas um pouco doloridas, saí caminhando mancando, isso daí realmente me marcou porque sempre que passo pela ladeira eu lembro desse tombo.*

Adriano: Descreva um sonho que você tem em relação ao skate.

Yoran: *Rapaz, o sonho que eu tenho é que a prática possa ser mais democratizada, que as crianças da periferia também possa ter acesso, porque é um.. esporte aí um pouco caro, e isso restringe o acesso das pessoas ao, ao equipamento mas aí, um- uma coisa que eu esperava era que o poder público seja através de qualquer esfera pudesse tá levando e incentivando a prática, construindo pista, porque isso aí só fortalece e acaba tirando os jovens de um caminho que possa ser negativo, e fortalecendo até quem sabe uma profissão, porque o skate hoje em dia acaba, né, sendo uma profissão também, então acho que isso é algo que eu queria ver através do skate.*

Adriano: O que você traz do seu dia a dia para o skate?

Yoran: *Rapaz, eu acho que, a paciência, porque eu acho que no dia-a-dia a gente precisa ser paciente pra superar diversas situações, e no skate se o cara não conseguir*

ser paciente o cara desiste, porque primeiro cai, depois pra aprender conseguir tirar uma manobra não é tão fácil, se o cara não tiver aquela velha paciência, determinação, eu acho que o cara não consegue avançar, eu acho que essas são duas coisas, que eu poderia dizer que carrego do meu dia-a-dia pro skate, determinação e paciência.

Adriano: O que você leva do skate para o seu dia a dia?

Yoran: *Rapaz, superação, acreditar sempre que você pode se superar e você pode mais, eu acho que, isso é o que eu posso levar do skate pro meu dia-a-dia, que eu acabo levando né? De sempre acreditar que eu posso mais, e de que essa etapa é mais uma, mas que eu posso superar e como uma manobra mais difícil, tá num grau mais elevado e uma técnica melhor pra tirar um, uma técnica melhor pra tirar, ou uma técnica melhor pra viver, eu poderia dizer fazendo uma analogia, e é isso que eu levo acho que do skate pra vida.*

Adriano: Há muitas possibilidades de atividades fora de casa. Por que escolheu o skate?

Yoran: *Rapaz eu acho que pela influência assim, de pessoas próximas que praticavam, pessoas lá do meu bairro, estudavam na mesma- no mesmo colégio que eu, e eu acabei, pelas relações que eu tinha, me aproximando da prática, acabei escolhendo o skate também por não me dá bem com outras práticas mais comuns, como o futebol mesmo.*

Adriano: Pare por alguns segundos e pense como se sente enquanto está andando de skate e tente colocar essa sensação em palavras.

Yoran: *Me sinto livre, eu acho que essa é a palavra que pode definir melhor como eu me sinto quando eu ando de skate.*

Colaborador 3 – Vitor

Data: 15.05.2017

Adriano: Vou iniciar pedindo pra que você faça uma breve descrição de você mesmo. Então a pergunta é, “Vitor Vinicius da Cruz Lima?”.

Vitor: *Vei, Vitor Vinicius da Cruz Lima é um jovem que.. já viu algumas coisas, e se viu no esporte bem vei, e veio pro esporte tá ligado? Vendo várias coisas errada ai até*

dentro do esporte mesmo, com o nosso sistema aí, vei Vitor Vinicius é um jovem que, que ele quer ser livre mano, apenas um jovem que quer ser livre.

Adriano: Fale sobre o skate.

Vitor: *Vei o skate.. hahaha, é foda né vei, o skate é foda tá ligado, mano skate é uma parada que, sei lá pô, ele é um esporte mano que além de lhe evoluir fisicamente ele lhe evolui mentalmente mano, por isso aprendo muita coisa com o skate.*

Adriano: Como é sua relação com o skate?

Vitor: *A melhor possível, até brinco que sou casado com ela a 6 anos, Jubisicleide haha.*

Adriano: Você observa outras pessoas se relacionando de alguma outra maneira com o skate, diferente de como você descreve sua relação?

Vitor: *Percebo velho, porque antigamente eu andava a busca de um patrocínio, e hoje em dia eu ando por curti que eu percebi que o skate é tempo, e eu vejo muitos moleque evoluindo muito rápido aí, vendo o skate como dinheiro.*

Adriano: Conte uma história que aconteceu com você em suas experiências com o skate e que lhe marcou de alguma maneira específica.

Vitor: *Hahaha, mano teve uma vez que eu fui pro campeonato, morava no interior de São Paulo, aí eu passei o dia todo nesse campeonato aí com a galera bebendo, chapando de Canelinha, e era em outra cidade tá ligado? E do ponto que o busu deixava a gente até chegar no pico do campeonato tinha que subir uma ladeira do caraio, aí na hora de voltar eu já tava bêbo vei, de madrugada sozinho fui pro ponto, lá tem corujão né? Fui prum ponto, aí eu bêbo eu falei “tar vei essa ladeira é pequena vou descer ela” a ladeira era gigante mano, tinha um quebramola no meio, vei eu caí hahaha, me ralei todinho hahaha, foi foda.*

Adriano: Descreva um sonho que você tem em relação ao skate.

Vitor: *Vei, o sonho que eu tenho é, ganhar dinheiro com ele também veio, tipo... acho que é o sonho de todo skatista ter um patrocínio bom vei, isso e viver do skate.*

Adriano: O que você traz do seu dia a dia para o skate?

Vitor: *As experiências da rua mano, experiência que eu aprendi com o skate na rua, porque onde tem, é... pico de skate é a rua tá ligado? É aonde você aprende a malandragem da rua.*

Adriano: O que você leva do skate para o seu dia a dia?

Vitor: *Peraê mano, hahaha. Vei, experiência de amizades e vivências, e é isso vei, muito amizade vei eu trago dele, foi o que eu mais adquiri.*

Adriano: Há muitas possibilidades de atividades fora de casa. Por que escolheu o skate?

Vitor: *Não sei vei, meu primeiro skate eu ganhei com 5 anos, eu virei pro meu pai e falei pai eu quero um skate, e depois disso eu sempre ando vei, gostei demais.*

Adriano: Pare por alguns segundos e pense como se sente enquanto está andando de skate e tente colocar essa sensação em palavras.

Vitor: *Voando, cê se sente nas nuvens quando você tá andando, esquece tudo vei, tá ligado quando você tá num avião que cê não vê mais nada? Haha, é assim.*

Colaborador 4 – Jefferson

Data: 20.05.2017

Adriano: Vou iniciar pedindo pra que você faça uma breve descrição de você mesmo. Então a pergunta é “Quem é Jefferson da Silva Santos?”.

Jefferson: *Rapaz, um cara animado, extrovertido, gosta de fazer novas amizades sempre, gosta, gosto de dá meu rolê tranquilo com os brothers, e ficar em casa as vezes fazendo, jogando e tal.*

Adriano: Fale sobre o skate.

Jefferson: *Rapaz o skate mudou muito a minha vida, pra mim o skate foi a base de sair das drogas e tal, que onde eu morava tinha muita amizade errada e tal, os cara foram se envolvendo, aí eu conheci o skate e saí da, dessa vida aí, e hoje tô aí no skate, melhor do que tá nessa vida das drogas aí.*

Adriano: Como é sua relação com o skate?

Jefferson: *Rapaz, de amor haha, o skate pra mim agora é tudo.*

Adriano: Você observa outras pessoas se relacionando de alguma outra maneira com o skate, diferente de como você descreve sua relação?

Jefferson: *Rapaz, até agora, não, só uns cara que tentar ser um... tenta, quer “ser um skatista”, mas só isso.*

Adriano: Conte uma história que aconteceu com você em suas experiências com o skate e que lhe marcou de alguma maneira específica.

Jefferson: *O dia que reuniu a galera todinha que eu ando, irmão a gente foi e entrou na quadra da escola e começou andar, fizemos corrimão, caixote, e ficamos lá até... se acabar os caixote e tudo lá.*

Adriano: Descreva um sonho que você tem em relação ao skate.

Jefferson: *Meu sonho...não é ser profissional não mas, ter o skate até o resto da vida, só isso.*

Adriano: O que você traz do seu dia a dia para o skate?

Jefferson: *A humildade, a persistência, insistir, isso aí.*

Adriano: O que você leva do skate para o seu dia a dia?

Jefferson: *A persistência de executar as coisa com sucesso.*

Adriano: Há muitas possibilidades de atividades fora de casa. Por que escolheu o skate?

Jefferson: *Foi o que mais me contagiou, me... eu queria ter um estilo de vida daquele, aí eu sempre queria ter é... um estilo de vida daquele, e aí eu fui e comecei a andar com a ajuda do brother e tô aí... Num curti o futebol nem nada não.*

Adriano: Pare por alguns segundos e pense como se sente enquanto está andando de skate e tente colocar essa sensação em palavras.

Jefferson: *Livre... livre... e despreocupado.*

APÊNDICE 4: Unidades de significado selecionadas a partir da análise das entrevistas

Categorias:

1. Relação com meio ambiente/natureza;
2. Relações com o brincadeira, jogo e esporte;
3. Risco; aventura; radical;
4. Benefícios e sensações positivas;
5. Relação sentimental;
6. Opção de lazer;
7. Cultura e identidade

* Na apresentação das unidades de significado de cada entrevista exibida abaixo, o número entre parênteses ao final de cada unidade indica a categoria de referência daquela unidade.

Unidades de significado:

1 Entrevista com o Gabriel

- 1.1 “começou como uma brincadeira” (2)
- 1.2 “se tornou um hobby” (6)
- 1.3 “algo que vai muito do coração” (5)
- 1.4 “virou uma paixão” (5)
- 1.5 “não consigo mais viver sem skate” (7)
- 1.6 “muda o humor” (4)
- 1.7 “muda tudo do dia a dia” (4)
- 1.8 “interesse de patrocínio” (2)
- 1.9 “perder a essência” (7)
- 1.10 “amigos que são seus irmãos” (7)
- 1.11 “profissional” (2)
- 1.12 “diversão” (6)
- 1.13 “várias vivências” (1)
- 1.14 “uma das melhores experiências” (1)
- 1.15 “viajar” (1)

- 1.16 "experiência inesquecível" (4)
- 1.17 "desfrutar dos picos" (1)
- 1.18 "aprendizagens" (1)
- 1.19 "influenciado a forma de vestir, pensar" (7)
- 1.20 "viver em ambientes que não viveria" (1)
- 1.21 "visão a mais da estrutura da rua" (1)
- 1.22 "agregou muito em minha vida" (4)
- 1.23 "sensação de liberdade" (4)
- 1.24 "desbravar os ambientes da rua" (1)

2 Entrevista com o Jefferson

- 2.1 "mudou muito a minha vida" (4)
- 2.2 "o skate foi a base" (4)
- 2.3 "amor" (5)
- 2.4 "o skate pra mim agora é tudo" (7)
- 2.5 "reuniu a galera todinha que eu ando" (7)
- 2.6 "profissional" (2)
- 2.7 "ter o skate pro resto da vida" (7)
- 2.8 "humildade" (4)
- 2.9 "persistência" (4)
- 2.10 "insistir" (3)
- 2.11 "foi o que mais me contagiou" (4)
- 2.12 "eu queria ter um estilo de vida daquele" (7)
- 2.13 "comecei a andar com a ajuda do brother" (7)
- 2.14 "livre" (4)
- 2.15 "despreocupado" (4)

3 Entrevista com o Vitor

- 3.1 "se viu no esporte bem" (2)
- 3.2 "livre" (4)
- 3.3 "é foda" (4)
- 3.4 "além de evoluir fisicamente e mentalmente" (4)
- 3.5 "aprendo muita coisa com o skate" (4)
- 3.6 "brinco que sou casado" (5)

- 3.7 "andava em busca de patrocínio" (2)
- 3.8 "ando por curti" (1)
- 3.9 "skate é tempo" (1)
- 3.10 "skate como dinheiro" (2)
- 3.11 "campeonato" (2)
- 3.12 "sonho de todo skatista ter um patrocínio bom" (7)
- 3.13 "viver do skate" (2)
- 3.14 "experiências da rua" (1)
- 3.15 "pico de skate é a rua" (1)
- 3.16 "malandragem da rua" (7)
- 3.17 "amizades" (1)
- 3.18 "vivências" (1)
- 3.19 "voando" (4)
- 3.20 "cê se sente nas nuvens quando tá andando" (4)
- 3.21 "esquece tudo" (4)

4 Entrevista com o Yoran

- 4.1 "primeiro esporte" (2)
- 4.2 "vivência" (1)
- 4.3 "ficava olhando meio que encantado" (4)
- 4.4 "gostava de ver" (1)
- 4.5 "válvula de escape" (4)
- 4.6 "atividade física" (2)
- 4.7 "algo que faz bem pra alma" (4)
- 4.8 "você si supera" (4)
- 4.9 "competições" (2)
- 4.10 "ter rolê melhor" (1)
- 4.11 "campeonato" (2)
- 4.12 "me sinto bem andando de skate" (4)
- 4.13 "não tem como explicar" (4)
- 4.14 "é um esporte caro" (2)
- 4.15 "profissão" (2)
- 4.16 "paciência" (4)
- 4.17 "determinação" (4)

4.18 "influência de pessoas próximas que praticavam" (7)

4.19 "livre" (4)

APÊNDICE 5: Relatórios de diálogos entre pesquisador e colaborador sobre as entrevistas

Colaborador 1 – Gabriel

Data: 18.01.2017

Começamos a assistir a entrevista e no momento da segunda pergunta (“Como é sua relação com o skate?”) ele retificou sua resposta afirmando que anda de skate há 10 anos, não há 20, tendo confundido devido a 20 anos ser sua idade.

Nas demais partes da entrevista não fez nenhuma observação.

Colaborador 2 – Yoran

Data: 08.05.2017

Após o término do vídeo assisti novamente com o Yoran, conversamos e ele não quis fazer nenhuma alteração nas respostas relativas ao roteiro dessa pesquisa.

Colaborador 3 – Vitor

Data: 15.05.2017

Terminamos com as perguntas e fomos assistir o vídeo da entrevista, e o Vitor falou que confundiu as perguntas “O que você traz do seu dia a dia para o skate?” e o “O que você leva do skate para seu dia a dia?”, portanto instruiu a considerar que as respostas foram trocadas por engano da parte dele.

Colaborador 4 – Jefferson

Data: 20.05.2017

Após a entrevista, assisti ao vídeo com o Jefferson e dialogamos sobre as respostas dadas, a única observação que ele quis fazer foi sobre a pergunta “O que você traz do seu dia a dia para o skate?”, pois ele respondeu confundindo a pergunta com outra que

ele não sabia que viria a seguir “O que você leva do skate para seu dia a dia?”, então quando foi indagado dessa pergunta, teve dúvidas ao responder, pois sua resposta anterior servia para a mesma, porém não solicitou alteração de nenhuma das mesmas.

APÊNDICE 6: Autodescrições dos colaboradores em forma de narrativas livres**Colaborador 1 – Gabriel**

Data: 19.01.2017

Quem é Gabriel?

Creio que não há forma melhor de mostrar quem eu seja que vendo tudo o que eu falei de minhas vivências na prática, eu tenho um canal no YouTube que criei a bastante, e gostaria de incluir um vídeo que gravei há cerca de 5 anos atrás, gravado num tempo que tive em Vitória da Conquista junto com um amigo meu, o vídeo já mostra claramente o que sou há muito tempo, além da paixão de sempre pelo skate e amizade envolvidas.

<https://www.youtube.com/watch?v=8QrRMUyBGKU>

Colaborador 2 – Yoran

Data: 08.05.2017

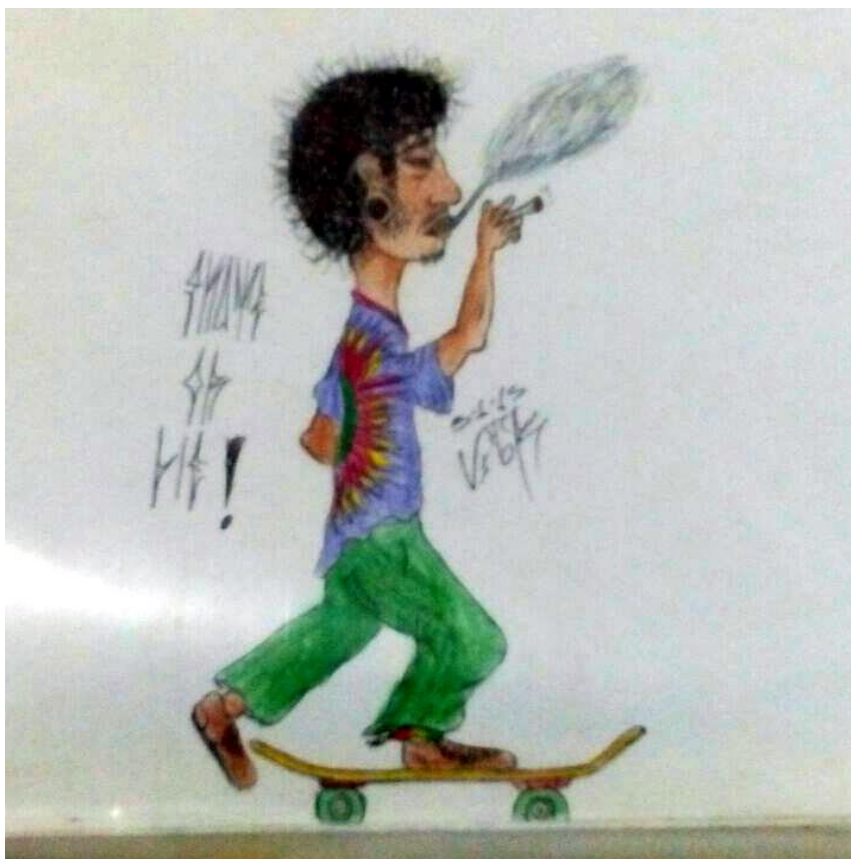
Quem é Yoran?

Jovem natural de Estância, interior do estado de Sergipe, 23 anos de idade, estudante de História, poeta, repentista e MC. Apaixonado pela vida e pelos meus familiares. Militante social e skatista nas horas vagas.

Colaborador 3 – Vitor

Data: 26.06.2017

Quem é Vitor?



Colaborador 4 – Jefferson

Data: 20.05.2017

Quem é Jefferson?

Jefferson é um cara da paz, tranquilo, gosta de fazer amizade, caseiro, sincero, gosta de ajudar o próximo, animação, o cara que anima o rolê tá ligado? Mas sempre tem aquele ponto me tira a paz, gosta de jogar um Crossfire, andar de skate, e ir a praia pegar umas vacas do mar, um cara que não tem coragem para certas coisas, e que é apaixonado pela tecnologia, sou um cara que se dedica as coisas que ele quer, isso é aprendizado do skate. Dizem que skatista é vagabundo, mas foi no skate que eu aprendi a respeita o próximo, foi com ele que aprendi a cair e a me levantar, e nunca desistir, ele me fez ser o que sou, com ajuda da minha família.

APÊNDICE 7: Descrição dos colaboradores por terceiros**Colaborador 1 – Gabriel**

Data: 21.01.2017

Mateus, amigo de Ilhéus.

Gabriel é um irmão que Deus me deu. Um amigo que está ao meu lado comemorando nos momentos bons e me motivando nos momentos ruins, tudo isso para ver o meu melhor. Ele é um exemplo de fraternidade e filantropia!

Tácio, amigo de Ilhéus.

Gabriel Seara é um amigo que eu conheci em Ilhéus, estudamos na mesma escola por um tempo, conversávamos às vezes, e com um tempo criou a amizade. É um cara gente boa, engraçado, sei que se eu precisar dele ele vai me ajudar.

Juliana, namorada.

O Gabriel é uma pessoa muito especial, uma pessoa muito amável, positiva e verdadeira, sempre disposto a ajudar o próximo. O tipo de pessoa que não se dá mal com ninguém. Ama o skate como ninguém, sempre leva onde tem oportunidade de andar, e realmente tem o dom pra isso.

Colaborador 2 – Yoran

Data: 03.07.2017

Dacio Santos, amigo.

Rapaz... Yohan considero como meu melhor amigo, um segundo irmão conheço há uns 4 anos, e durante esse tempo demonstrou ser um cara leal, honesto e simples. Me passa total confiança em qualquer ocasião. Humilde e sábio, chega junto nas horas difíceis. Sabe reconhecer seus erros, mas todo mundo tem seus defeitos, como eu e você.

Italo Rodrigo, amigo e integrante do grupo de rap.

Yoran é um cara muito cabeça, desde que conheci ele só tenho aprendido muita coisa, ele que me incentivou a rimar nas roda de rima e escrever rap e hoje a gente divide o

grupo Resistência Periférica. Ele é um cara compreensivo e muito humilde, não procura problema com ninguém, considero um irmão mais velho.

Thamiris Lohana Nascimento, irmã.

Bom, Yoran é uma pessoa muito especial, de um censo de justiça principalmente social enorme, desde sempre teve esse jeito de ser só dele, sempre indo além e correndo atrás do que quer. Como irmão não tenho nada a reclamar, a relação familiar é bastante forte tanto pra carinho quanto pra críticas, inclusive acho que é isso que nos fortalece.

Colaborador 3 – Vitor

Data: 13.07.2017

Kian Lemos, amigo.

Mano o Vitor é um cara muito monstro, preto favelado assim como eu e que luta bastante pelos seus ideais sem se corromper tá ligado? Sempre mantendo a humildade e ajudando como pode. Além disso tira onda mostrando talento pra várias artes, considero um irmão pra mim, tá sempre na correria e sempre militando por um país mais justo.

Anne Carol, amiga.

Vitor é simplesmente único, tanto resenhoso como focado nas horas que precisa, tem idéia pra botar encima de qualquer pauta. Apesar de ser perturbado sempre dá os melhores conselhos, sempre tem um ombro amigo a oferecer, é uma companhia que eu quero ter pra qualquer lugar que eu for e que sei que independente de tudo eu sempre vou poder contar.

Yasmin Pureza, amiga.

Dou valor ao Vitor seja como pessoa, skatista ou artista, sempre estendeu a mão quando eu precisei, sempre teve junto com a galera nos rolês e se ele não colar é certeza que não vai prestar tanto quanto prestaria com ele. O tipo de cara que nasceu pra viver alternativo, uma visão artística bastante linda e que consegue transmitir perfeitamente pra seus desenhos.

Colaborador 4 – Jefferson

Data: 20.05.2017

Maxswel Souza Rodrigues, amigo.

Bom, desde que vim morar aqui ele é um amigo legal, foi muito receptivo, é muito aberto, e sempre ajuda da forma que pode.

Júlia Luiza, amiga.

O Jeff é uma pessoa muito importante para minha vida. Ele é muito compreensivo, faz de tudo pra chegar a uma solução aos problemas que você possa está passando, companheiro, as vezes muito grudento, se relaciona muito bem com as pessoas, minha família mesmo ama ele (principalmente a minha mãe). Temos alguns anos de amizade e não tenho o que reclamar da pessoa que ele é.

APÊNDICE 8: Análises de perfis sociais dos colaboradores

Colaborador 1 – Gabriel

Data: 01.2017

FACEBOOK (LINHA DO TEMPO)	
<i>Categorias</i>	<i>Incidências</i>
Relações sociais	10
Viagem	6
Trabalho	2
Arte	8
Política	0
Meio ambiente e vivências na natureza	1 [12]

FACEBOOK (FOTOS)	
<i>Categorias</i>	<i>Incidências</i>
Relações sociais	13
Viagem	10
Trabalho	6
Arte	0
Política	0
Meio ambiente e vivências na natureza	[19]

INSTAGRAM	
<i>Categorias</i>	<i>Incidências</i>
Relações sociais	24
Viagem	11
Trabalho	6
Arte	1
Política	0
Meio ambiente e vivências na natureza	[16]

Colaborador 2 – Yoran

Data: 08.05.2017

FACEBOOK (LINHA DO TEMPO)	
<i>Categorias</i>	<i>Incidências</i>
Relações sociais	6
Viagem	
Trabalho	4
Arte	11
Política	9
Meio ambiente e vivências na natureza	3
Educação	4
Outras	Literatura [2]; História [1]

FACEBOOK (FOTOS)	
<i>Categorias</i>	<i>Incidências</i>
Relações sociais	14
Viagem	1
Trabalho	7
Arte	2
Política	0
Meio ambiente e vivências na natureza	7
Outras	Culinária [6]; Literatura [3]; Educação [2]; História [1]; Família [2]

INSTAGRAM	
<i>Categorias</i>	<i>Incidências</i>
Relações sociais	11
Viagem	2
Trabalho	12
Arte	12
Política	1
Meio ambiente e vivências na natureza	7
Outras	Tecnologia [1]; Culinária [7]; Literatura [4]; Família [2]

Colaborador 3 – Vitor

Data: 13.07.2017

FACEBOOK (LINHA DO TEMPO)	
<i>Categorias</i>	<i>Incidências</i>
Relações sociais	18
Viagem	5
Trabalho	0
Arte	10
Política	12
Meio ambiente e vivências na natureza	0 (1)

FACEBOOK (FOTOS)	
<i>Categorias</i>	<i>Incidências</i>
Relações sociais	16
Viagem	7
Trabalho	1
Arte	10
Política	7
Meio ambiente e vivências na natureza	3 (5)

<i>Categorias</i>	<i>Incidências</i>
Relações sociais	3
Viagem	2
Trabalho	0
Arte	2
Política	1
Meio ambiente e vivências na natureza	0 (4)

Colaborador 4 – Jefferson

Data: 20.05.2017

FACEBOOK (LINHA DO TEMPO)	
<i>Categorias</i>	<i>Incidências</i>
Relações sociais	25
Viagem	0
Trabalho	0
Arte	4
Política	3
Meio ambiente e vivências na natureza	1(5)

FACEBOOK (FOTOS)	
<i>Categorias</i>	<i>Incidências</i>
Relações sociais	10
Viagem	3
Trabalho	0
Arte	4
Política	0
Meio ambiente e vivências na natureza	3 (10)

INSTAGRAM	
<i>Categorias</i>	<i>Incidências</i>
Relações sociais	8
Viagem	1
Trabalho	0
Arte	12
Política	0
Meio ambiente e vivências na natureza	3 (9)

APÊNDICE 9: Narrativas livres dos colaboradores sobre suas vivências na natureza

Colaborador 1 – Gabriel

Data: 21.01.2017

Minha vivência, meu momento de prática do skate é algo que é difícil de explicar até com palavras, é a liberdade de aproveitar independente de tudo aquele momento, só eu e o skate, todo o tempo do mundo pra me expressar, me distrair e me divertir através do skate. Gostaria de incluir um vídeo gravado aqui mesmo em Aracaju na Cara de Sapo Skatepark, e que mostra bem a forma como a vivência acontece.

<https://www.youtube.com/watch?v=Pv9FFPI2qBQ>

Colaborador 2 – Yoran

Data: 01.07.2017

O rolê é um espaço de troca de experiências e de socialização com os amigos que também praticam, como também com novas pessoas que possam se somar ao grupo. Depois de escolhido um local, conhecido na cultura como pico, é suar a camisa divertindo-se e buscando aprender novas manobras, além de observar detalhes que possam ajudar a partir dos companheiros do grupo. Raramente vou num rolê sozinho, então o rolê é sempre um lugar de aprendizagem mútua.

Colaborador 3 – Vitor

Data: 27.06.2017

*mais uma madrugada
que a insônia bate
e o delírio invade
e me faz lembrar
o quão pequenos somos*

*nesse mundo desumano
estava aqui viajando
deitado ao leu pensando
naquele planeta insano
e ao mesmo tempo tão
ousado
que da a braxa
de poder ser visto da terra
como se fosse uma fresta
de luz na escuridão
na imensidão
do universo
que ao mesmo tempo que é imenso
é tão
pequeno
mas nós
somos minúsculos!!
e extremamente necessários
conquistamos coisas pra caralho
alguns de nós
tem uma evolução mental cabulosa
e outros conseguem ser tão
idiotas
no seres humanos
nos exterminamos a todo momento
tipo agora
por coisas banais
como saldos bancários
ou pensamentos conservadores que nos são empregados....
BOOM*

Colaborador 4 – Jefferson

Data: 20.05.2017

Jefferson enviou um vídeo de manobras de skate em um Skate Park acompanhado de som instrumental leve.

APÊNDICE 10: Narrativas livres das etnografias em movimento**Colaborador 1 – Gabriel**

Data: 23.01.2017

A vivência ocorreu na Praça do Rosa Elze na segunda feira (23/01) à noite. Chegamos na praça havia considerável movimentação de pessoas pela praça em geral, mas o local que escolhemos é mais aberto e isso não atrapalhou em muitos momentos. Quando o Gabriel começou a andar algumas pessoas que estavam sentadas nas proximidades da praça começaram a olhar, algumas rapidamente, outras ao ver focalizaram. O Gabriel começa a remar pela praça pra reconhecer o terreno, a praça é meio esburacada, porém não dificultava ao ponto de impedir de andar, exceto uma ou duas vezes que o Gabriel foi mandar a manobra e as rodinhas do skate caíram exatamente sobre os buracos, travando e causando a queda dele. Sempre que caia levantava e prosseguia normalmente, demonstrando muita garra tentando até conseguir cada manobra que almejava. Apesar das limitações da praça, ele conseguiu usar os bancos como borda pra manobrar, conseguiu arranjar obstáculos pra ultrapassar, e no fim tomou o desafio de saltar de um local elevado, semelhante a um palco, porem de espaço bastante curto, após não conseguir algumas vezes e cair, ele manda o Hardflip que almejava, e a expressão contente que ele mantinha durante todo o rolê aumentou ainda mais.

Colaborador 2 – Yoran

Data: 08.05.2017

A vivência ocorreu no Rosa Elze, em frente aonde se situa o Sergipe Tec. Eu, o Yoran e outro brother marcamos as 21:00, e quando eu cheguei eles já estavam andando pra aquecer. O local é uma alternância de ciclovias e calçada, com alguns desníveis e um quebra-molas plano entre a parte mais próxima do Sergipe Tec e a mais próxima da avenida. Quando eu cheguei o Yoran tava tentando pular o vão entre o quebra-molas e a calçada de Ollie, tentou algumas vezes até conseguir, percebi que o problema em si não era a falta de técnica, mas a dificuldade devido a ele ter passado um período sem andar devido a problemas pessoais, o retorno depois de um período sem andar sempre deixa o skatista um pouco mais inseguro. O rolê segue e percebo que o jeito de andar dele é

bastante diferente (não que seja novidade no skate), ele manda algumas manobras básicas e busca varar uns obstáculos, mas não demonstrou ter interesse em buscar aquela linha de evolução que a maioria dos skatistas acaba seguindo por ordem de dificuldade que a manobra apresenta. Ele tenta mandar uns backside ollies - manobra consideravelmente simples – e mostra que já teve base, mas não consegue acertar. Então ele passa a tentar pular da calçada pro quebra-molas, e do quebra-molas pra outra ciclovia. Ele tenta até conseguir, e após isso toma como objetivo pular diagonalmente por cima de um pedaço de grama, de uma calçada estreita à uma ciclovia desnivelada e com algumas pedras. O Yoran tenta várias vezes até conseguir, e começa a tentar pular antes de chegar mais próximo do fim do pedaço de grama, pois quanto antes, maior a distância pra ciclovia. Vejo um pouco mais de dificuldade, dou algumas dicas que percebo que podem ajudar e ajudo a limpar as pedras que tinha no pico que realmente estavam atrapalhando ele de efetuar a manobra. Após mais algumas tentativas o Yoran consegue saltar a distância maior que estava tentando, e pra finalizar o rolê tenta até conseguir mandar alguns backside ollies que antes tinha de base, e com algumas tentativas consegue, se dando por contente. Vi no rolê do Yoran um cara satisfeito com o que sabe, que sinceramente não tem tanta gana de aprender mais tricks no momento e não liga se alguém esteja tentando algo impressionante enquanto ele vara um gap de ollie, porém que aproveita muito seu tempo de rolê andando bastante como realmente se sente bem.

Colaborador 3 – Vitor

Data: 15.05.2017

A vivência ocorreu no Cara de Sapo Skatepark, na Orla de Atalaia. Marcamos no início da noite, depois de mim o Vitor chegou e a gente trocou uma ideia enquanto ele calçava o tênis, daí ele deu início ao rolê. Apesar de não participar de quase nenhuma competição vejo que o Vitor possui um bom nível pras mesmas, ele explora muito bem toda a pista durante o role, sempre tem alguma trick pra tentar em algum lugar, fato que se dá também por ele ser cria da Cara de Sapo a muito tempo (onde conheci ele durante um rolê). O Vitor tem um estilo largado de andar, seu rolê é bastante fluído, não tem problema com velocidade e suas tricks tem o pop alto, o que não se ver muito é ele mandando tricks apenas de solo. Logo depois de aquecido já pediu pra eu filmar um

Nollie pulando uma escada de 7 degraus, que nem tentou muitas vezes e conseguiu acertar. Durante o rolê o Vitor não curte parar muitas vezes, ele se joga e anda bastante, quando cansa dá uma boa parada pro descanso seja fumando um cigarro ou conversando algum dos brothers e se tiver afim depois anda mais. Percebi que o rolê dele é mais aéreo, gosta de mandar trick nas pirâmides, nas transfer e nos gap, não explorou muito os bowls e corrimões, mas também pode ser questão de objetivo de rolê no momento, possa ser que hoje, ou que atualmente ele esteja querendo aprimorar essa sua base aérea.

Colaborador 4 – Jefferson

Data: 20.05.2017

A vivência ocorreu no Cara de Sapo Skatepark, na Orla de Atalaia. Eu e o Jefferson nos encontramos por volta das 18:30 da noite na Orla e fomos rumo ao Cara de Sapo Skatepark. Como nos encontramos antes da pista, no caminho Jefferson já foi tentando mandar algumas tricks, como forma de pré-aquecimento também. Por ser um caminho que ele percorre bastante, alguns locais ele já tinha manobras pré-definida pra tentar acertar. Quando estávamos mais próximos da pista uma caminhonete da polícia nós segue até entrarmos lá, os vi olhando a gente com reprovação e não poderia deixar de ressaltar que creio que tal fato aconteceu por preconceito de estereótipos que temos, skatistas, e o Jefferson negro. Deixamos as mochilas onde todos deixam num canto da pista, e o Jefferson começou a dar o role de aquecimento. Ele é “o tipo de skatista” que consegue fazer as manobras serem bastante altas, o que torna mais bonito de se ver. Logo ele chega na parte mais alta da pista, onde geralmente sempre junta uma galera, e interage conversando e abraçando diversas pessoas, deixando explícito seu lado afetivo com os seus amigos. Dessa parte mais alta onde estávamos vimos as quadras abandonadas, do lado da pista de skate mesmo, e por ele ter o pop (altura do skate no ar) alto dei a ideia do Jefferson tentar pular a rede de uma quadra de tênis. Arrodeamos, entramos na pista de tênis, e na quarta tentativa o Jefferson conseguiu pular a rede de tênis, fato que não filmamos pois precisava de flash e o local era afastado, então apenas fomos executar pra não chamar mais atenção indevida (e mais outras duas viaturas policiais foram conferir o que fazíamos entrando lá). Após o Jefferson conseguir efetuar seu Ollie na primeira quadra de tênis que também se encontra ao lado da anterior, fomos pra segunda com o mesmo objetivo, porém após diversas tentativas, alguns tombos e

quase um ferimento mais sério ele não conseguiu pular a rede da mesma, por ser mais alta que anterior, então fomos embora e esse salto já ficou como objetivo à atingir pra o Jefferson.

APÊNDICE 11: Glossários de expressões

Colaborador 1 – Gabriel

Data: 24.01.2017

- Base – Configuração das pernas para andar no skate.
 - Carrinho – Apelido para o próprio skate.
 - Dropar – Descer com o skate do topo de estrutura elevada, como o topo de um *bowl* ou uma rampa (*ramp*).
 - Gap – Espaço entre dois pontos fixos em que o skatista pode tentar saltar através de alguma manobra.
 - Linha – Conjunto de manobras acertadas em sequência.
 - Local/Cria – Skatista que sempre frequenta determinado local, geralmente há um bom tempo.
 - Madeirão – Quando um *shape* é “madeirão” quer dizer que ele é de um material de baixa qualidade, ou que já está velho.
 - Maria rolamento – Menina que tem preferência por skatistas.
 - Marretar – Quando um skatista “marreta” é porque ele se saiu muito bem nas manobras.
 - Na base – Quando uma manobra “tá na base” quer dizer que o skatista tem domínio e acerta ela com facilidade.
 - Pico – Local para andar de skate.
 - Sair roubada – Quando uma manobra “saiu roubada” quer dizer que o skatista tocou os pés no chão, fora do *shape*, quando finalizou a execução do movimento.
 - Session – Dar uma volta de skate (resultado do *rolê*).
 - Shape – O skate (*prancha*).
 - Sk8 – Skate (devido ao som da pronuncia do número 8 em inglês – “*skeight*”).
 - Streeteiro – O skatista que tem preferência por andar na modalidade *Street*.
 - Style – Uma manobra/linha é “*style*” quando foi muito bem executada.
 - Trick – Manobra.
-

Colaborador 2 – Yoran

Data: 08.05.2017

- Back – Sentido em que a manobra e o corpo do skatista gira para o sentido interno.
- Dropar – Ato de descer rampa/bowl.
- Embaçou – Quando algo complica.
- Front – Sentido em que a manobra e o corpo do skatista gira para o sentido externo.
- Miou/Molhou – Quando o rolê não deu certo.
- Ollie – Manobra mais básica que pode ser utilizada pra saltar obstáculos.
- Rolamento – Peça que fica dentro da rodinha impulsionando a rotação da mesma.
- Rolê – Sair pra andar.
- Shape – Prancha de madeira do skate.
- Street – Modalidade que usa o solo e todo o resto como local de manobra.
- Switch – Andar no skate com a base trocada.
- Truck – Eixos do skate responsáveis pelas curvas na direção que o corpo inclina.
- Varar – Ultrapassar algum obstáculo.
- Vertical – Modalidade que se dá especificamente em rampas/bowls.

Colaborador 3 – Vitor

Data: 09.07.2017

- Base – Jeito de andar.
- Bonde/Crew – Brothers/Grupo.
- Boot – Tênis.
- Carrinho – Skate.
- Dropar – Descer o obstáculo.
- Gap – Obstáculo mais alto pra mandar a manobra caindo pro solo.
- Linha – Mandar várias manobras em sequência.
- Marretar – Acertar a manobra.

- Na instiga – Mandar com vontade.
- Nas quatro – Quando a manobra é acertada perfeita.
- No gás – Rápido.
- Pico – Lugar do rolê.
- Rolê – Andar.
- Style – Quando a manobra sai bonita.
- Varar – Pular sobre.

Colaborador 4 – Jefferson

Data: 20.05.2017

- Banca – Grupo de amigos.
- Bombeta/Cap – Boné.
- Bot – Sapato.
- Boto fé – Acredito.
- Brother/Mano – Parceiro.
- Falou – Tchau.
- Gap – Obstáculo.
- Instigado – Quando se está com vontade.
- Marretar – Mandar a manobra.
- Nas quatro – Quando a manobra é acertada perfeita.
- No gás – Ir rápido.
- Osso – Difícil.
- Rolê – Sair.
- Saquei – Entendi.
- Suave – Na paz.
- Tô ligado – Entendi.
- Trick – Manobra.
- Valeu – Obrigado.

APÊNDICE 12: Diários de observação de campo do pesquisador

Diário de observação de campo

Data: 19.01.2017

Pesquisador responsável: Adriano Lima Sacramento

Sujeito: Gabriel Lopes Seara

O rolê se iniciou a tarde na quadra do Departamento de Educação Física da UFS, horário que o sol estava quente, porém era a disponibilidade possível, visto que o Gabriel mesmo com um elevado nível de skate atualmente andava mais ou menos uma vez por semana, devido as outras ocupações pessoais, uma delas a própria faculdade. O Gabriel iniciou remando por toda a quadra em grande velocidade, mandando alguns ollies sem problema, seguidos de 180°, logo tirou a camisa para ficar mais a vontade, tentou um flip e errou, porém em seguida mandou um de uma boa altura, que saiu muito bonito, devido ao material do seu shape o barulho do tail batendo no chão era muito bonito, algo que faz parte do que admiramos ao andar de skate, logo em seguida havia uma transição de uma parte de passarela mais alta, sobre um espaço de terra e aterrissando na quadra, o que o Gabriel logo tentou pular de ollie, tendo muito sucesso e com um belo ollie alto, em seguida pulou de 180, muito bem executado. Ao tentar um frontside shove it o skate não grudou e espirrou dos pés, tentou novamente caiu sobre o skate porém meio desequilibrado e caiu, sem algum prejuízo, em seguida sua última tentativa foi muito bem sucedida, marretando um shove it de front no pico. Já meio soado o Gabriel propôs algum último desafio, logo vi um pedaço de tronco de árvore de altura média o qual devia ser usado como banquinho, então propus o Gabriel pular de flip, tentou uma vez o skate bateu no tronco e saiu dos pés, na segunda vez executou um belo flip, que não me contentou e fiz mais um desafio, eu rolar o tronco de lado em movimento na direção dele para ele tentar saltar de flip, então tentamos uma vez e saiu fora de tempo, mais umas vezes o flip não saía, até que ele com uma postura mais confiante foi, empurrei o tronco e ele conseguiu, formulando uma bela conclusão pra um rolê.

Diário de observação de campo

Data: 11.05.2017

Pesquisador responsável: Adriano Lima Sacramento

Sujeito: Yoran

Acertei com o Yoran na UFS, fiquei esperando ele na praça após a janta, quando chegou me cumprimentou e já começou a andar pela praça, onde deu um rolê e depois comentou comigo que o solo deveria ter uma textura mais lisa, e logo voltou a andar, mandou alguns ollies, depois começou a tentar mandar varial, o Yoran enquanto anda não costuma treinar nenhuma manobra, considerando apenas como hobby, então ele tenta algumas manobras que tentava antigamente, após pequena dificuldade devido ao solo logo conseguindo mandar o manual na base, então em seguida ele tenta mandar um backside 180 ollie, o qual girava junto com ele porém ele não conseguia manter nos pés e acertar, então tentou algumas vezes, não conseguiu e logo voltou a remar. Yoran viu um local no solo da praça onde havia um espaço de textura diferente do resto de onde o caminho seguia, então o Yoran se desafiou a pular pro outro lado onde o caminho continua com a mesma textura, e começou a tentar, no início, quando o ollie saía certo ele só conseguia cair sobre o solo diferente, as vezes não chegando nem a metade do caminho suficiente para ultrapassar o obstáculo selecionado, então cada vez mais aumentando sua velocidade, em um pequeno período de tempo Yoran conseguiu ultrapassar perfeitamente de ollie o obstáculo, o mesmo se viu satisfeito então prosseguiu remando rapidamente pela praça, apenas sentindo a vibe do rolê, voltando para perto de mim e encerrando as atividades por hoje.

Diário de observação de campo

Data: 17.05.2017

Pesquisador responsável: Adriano Lima Sacramento

Sujeito: Vitor Vinicius da Cruz Lima

Cheguei à noite na pista de patins da Cinelândia, na Orla de Atalaia, e o Vitor já estava tentando várias manobras, veio conversar comigo depois voltou pro seu rolê, a pista de patins tem um solo liso e um espaço bem grande, porém não tem obstáculos para ultrapassar, apenas quando os skatistas trazem ou improvisam. Logo de início observei que o Vitor tentava mandar manobras difíceis, como 360 flip e frontside

bigspin, o qual ele executava com um pop bem alto, porém de vários só conseguiu acertar um 360 flip, então logo percebi que o mesmo tava treinando pra tentar mandar o mais alto que conseguia, e logo em seguida ele tentou mais alguns, o qual passou a acertar bem mais, numa boa altura porém menor que anteriormente. É possível notar que o estilo de andar do Vitor é bem mais energético que o comum, sempre buscando manobras altas e andando velozmente, com um alto nível técnico tendo um bom repertório de manobras, não tendo os obstáculos da pista que tá acostumado a andar, na pista de patins ele prefere aproveitar esse lado de manobras de solo pra aprimorar, o qual transitou entre tentativas de manobras tanto de spin quanto de flip, o Vitor também possui um estilo de vida alternativo, o qual expressa nas roupas e é como se fosse representando também no seu estilo de andar, vendo o rolê dele inclusive dá bastante vontade de andar, pois dá pra perceber que nele ainda vive a famosa essência real do skate, a qual o que importa apenas é andar por andar, andar pra se expressar e libertar.

Diário de observação de campo

Data: 21.05.2017

Pesquisador responsável: Adriano Lima Sacramento

Sujeito: Jefferson Silva dos Santos

O rolê aconteceu na pista de patins da Cinelândia, na Orla de Atalaia na parte da noite, aguardei um pouco e em seguida o Jefferson chegou, pronto para o rolê e com alguns outros colegas nossos, a pista de patins não conta com obstáculos, porém como haviam outros skatistas, uns empilhavam seus skates enquanto outros tentavam saltar conforme queriam, dessa forma revezando entre os que saltam e os que cedem o skate, mostrando assim como o aspecto coletivo do rolê traz diversas vantagens mútuas. De início ao invés de um iniciaram empilhando dois skates para serem pulando, o qual o Jefferson pulou de ollie sem problema, e de 180 ollie, e o mais interessante que no intervalo entre suas manobras, até outro skatista que não os conheciam aproveitava o tempo para tentar alguma manobra no mesmo obstáculo, o qual foi encarado de forma totalmente amigável pela galera que tava com o Jefferson, donos dos skates empilhados, então a dificuldade foi aumentada mais um nível e agora eram três skates, o Jefferson tentou um ollie e conseguiu, porém após tentar o 180 ollie de back não conseguiu e derrubou a pilha (o que não era nada a comum, todos derrubavam alguma vez), a

maioria dos outros erraram o ollie, então o Jefferson seguiu tentando, até que pulou de ollie de back os três skates, o que a galera curtiu bastante, após a tentativa final, de 4 skates, ninguém mais tentou, o Jefferson tentou pular como anteriormente de ollie e de back de front, algo que se repete devido a ele ter maior domínio para mandar alto, mas após inúmeras tentativas ele só conseguiu uma vez de ollie, desistindo naquela noite de mandar de back, e terminando o rolê satisfeito com o que tinha rolado no rolê.

APÊNDICE 13: Autonarrativas do pesquisador sobre suas próprias vivências com o skate

Autonarrativa 1

Data: 07.07.2016

Saí de casa no fim de tarde com um brother que veio do interior dá um role comigo, com o skate e alguns suprimentos já no intuito de passar o resto do dia na Cara de Sapo, enquanto esperávamos o ônibus demos um rolêzinho, só algumas manobras mesmo pro tempo passar, quando o ônibus que iríamos pegar vinha chegando, meu brother acertou uma manobra e percebi que o motorista tinha visto e curtido, quando o ônibus parou o motorista nos viu, e acredito que por justamente o estereótipo de skatista, nos deu uma carona. Ao chegar na pista de skate deixamos a mochila onde a maioria deixa, numa escadaria de alguns degraus, cultura essa que presenciei desde as primeiras vezes que vim na pista, e que inclusive ressalto que nunca presenciei problema de furtos e desaparecimento de mochilas perante a essa forma de guardar as mochilas durante o rolê. O movimento na pista tava razoável, uns caras do BMX também estavam dando um rolê, vários obstáculos estavam livres, o que nos deixou bem confortável pra dá um rolê e utilizar os diferentes obstáculos, já que como não somos “locais”, que é o termo utilizado por nós para caracterizar algum skatista que frequenta regularmente algum pico (gíria que se refere ao local que está sendo utilizado para a vivência do skate no momento), e devido a essa frequência pequena de presença no skatepark, conheço ou já troquei ideia com uma minoria de skatistas se comparado a quantidade real que o frequenta. Após utilizarmos alguns obstáculos, vamos a um corrimão treinar algumas manobras, já que o brother do interior não tem um onde mora e eu só posso comparecer pouco na pista, após eu e o brother mandar algumas revezando com outro cara, no intervalo entre as nossas vezes, um atleta amador que eu já havia visto outras vezes na pista veio do lado oposto que nós em direção ao corrimão e mandou uma variação um pouco mais difícil da manobra que treinávamos, deslizando por todo o corrimão, atitude que sem dúvidas foi intimidadora/desafiadora, mas de forma sadia, encarei como uma demarcação de território. Após esse episódio, o rolê continuou fluindo pelo outros obstáculos da pista, e pude observar um episódio em que o pai ajudava o filho ainda criança a se manter encima do skate, após ser solto o menino tentou sair de cima do skate em movimento devido a falta de confiança e caiu, quando

ia chorar o pai desconversou, o pôs encima do skate, e dessa vez foi puxando o menino devagarzinho, soltando rapidamente, e ficou um tempo nessas, até que em frente ao filho andando de costas, o soltou e foi apenas acompanhando encarando o filho e o distraíndo parar não fica nervoso, cena muito bonita de se ver, apesar de quase ter causado um acidente por um skatista quase ter se chocado com o pai do menino. Subsequente, fizemos uma pausa para o lanche na escadaria onde as mochilas ficaram e observamos aleatoriamente a galera andando, acho muito interessante ver gordo, magro, mulher, dos mais variados estilos, andando, e inclusive acho foda quando vejo alguém fora daquele estereótipo comum de skatista largado andando muito bem, só prova o quanto o skate não existe padrão ideal pra se praticar o skate. Após o lanche morgamos, voltamos ao corrimão que ocorreu o episódio que já relatei, e dessa vez tinha uma menina andando próximo e tentando uma manobra que eu sei mandar, comecei a dividir um obstáculo com ela, enquanto ela usava como gap (definição de local mais elevado que o nível do solo, de onde se salta fazendo manobras) e eu como borda pra treinar manobras de slide, após um tempo parei e fiquei só observando tanto meu brother quanto ela, quando estava me decidindo a dá uma dica pra ajudá-la, noto que ela tava com um grupo e que o namorado dela era um dos caras que praticavam BMX, então me mantive na minha e não interferi pra não ser mal interpretado pelos demais, após mais esse episódio, meu brother morgan de vez assim como eu e decidimos ir embora, dando fim a mais um rolê.

Autonarrativa 2

Data 12.07.216

Fui para a UFS mais cedo para aproveitar e iniciar o rolê após o almoço, não é meu horário preferido devido ao sol forte mas to mantendo um bom ritmo de frequência de rolê então só de andar já me é agradável, entro na UFS e pego o primeiro corredor a direita, que vai parar numa passarela que dá pra ir andando de skate até a praça, passando do lado do Moura e do Resun, só de está passando de skate na facu e por fazer certo barulho devido ao solo não ser tão liso, já atrai vários olhares de curiosos. Chego na praça próximo ao palco onde vou andar, cumprimento a galera, um brother meu já tá me esperando e começamos a aquecer o rolê encima do palco, o solo é um pouco crespo porém não impede de andar, começo com algumas remadas rápidas, alguns manuals, para ir soltando as pernas, o brother também tenta algumas e seguimos, uma manobra

que gosto e acho bastante bonita é o flip, tento de primeira e acerto, algo que é bastante satisfatório, porém ao tentar o shove it erro, o brother tenta alguns shoveits e não consegue também, peço pra andar no skate dele que é mais novo pra conferir como sai os flips, e ele vai andando no meu, tento flip no dele e não consigo, saindo bastante estranho apesar de ser um shape melhor, tento mais umas vezes e consigo, porém ao tentar alguns shoveits não consigo no dele, destrocando para voltarmos a andar nos próprios. Após aquecer no solo começamos a tentar saltar do palco pro solo, uma boa altura para tentar algumas alturas básicas, começamos de ollie, nem eu e nem ele conseguiu de início, então seguimos tentando, um após o outro, ele consegue primeiro, então após ele conseguir eu tento outra vez, caio encima do skate porém não me mantenho, então sigo mais uma vez, numa boa velocidade e mais confiante, e sinto a manobra sendo executada corretamente, acertei o ollie descendo do palco, depois fui descansar para não soar muito antes das aulas, e dá outro rolê depois.

Autonarrativa 3

Data 15.05.2016

Após a janta vou pro palco do resun e converso com a galera, dando um tempo pra digerir a comida, e os seguranças e as pessoas saírem para poder começar o rolê, visto que as manobras no resun fazem um belo eco, porém é um dos solos mais propícios da UFS para se andar, lisinho. Então o movimento diminui, fica apenas algumas pessoas sentadas nos arredores, e eu e meu brother iniciamos, circulando dentro do resun, logo mandando uns manuals, dentro do hall do resun tem alguns relevos táteis no solo para cegos, o que não atrapalhava nada, pelo contrário se tornava uma referência para tentar pular de manobras, iniciar manuals, então logo comecei a pular de ollie, no início apesar de o obstáculo não oferecer dificuldade alguma chutei os ollies errados apenas pelo fator psicológico de saltar as linhas, não conseguindo executar direito, mas após uma segunda tentativa consigo sem nenhuma problema, então dai passei a tentar o ollie frontside 180, onde conseguia cair encima porém não se mantinha encima do skate, após várias tentativas entendi o que tava errando e consegui acertar, em seguida o que comecei a tentar e tive mais dificuldade foi o shoveit, pelo jeito que o skate gira horizontalmente, sendo que o sentido de locomoção do skate é linear verticalmente, mas no fim consegui me sair bem e mandar os shoveits. O ponto que mais gostei do rolê foi quando comecei a pular de linha de flip, manobra de

execução um pouco mais complexa que as anteriores, que porém eu tenho um belo domínio e comecei a acertar várias consecutivas, de forma que me desafiei a testar quantos eu conseguiria mandar consecutivamente sobre a linha, então de início não acumulei muitas, mas senti bastante domínio a ponto de mandar 6 flips no final, sensação indescritível, ainda mais quando comparado ao início, que o flip era vista como mais desejada entre as manobras iniciais de se aprender, me contentando com esse resultado, onde já estava descamisado e fui descansar no palco, recebendo um feedback bem positivo de parte da galera que tava notando.